

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

A FORTUNA OU
A VIRTUDE DE
ALEXANDRE MAGNO

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
RENAN MARQUES LIPAROTTI

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Mestre em Mundo Antigo pela Universidade de Coimbra (2015), desenvolve agora a tese de Doutoramento em Mundo Antigo na Universidade de Coimbra sobre “Plutarco e o Teatro” sob orientação da Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva e do Doutor Nuno Simões Rodrigues. É membro colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

A FORTUNA OU
A VIRTUDE DE
ALEXANDRE
MAGNO

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

RENAN MARQUES LIPAROTTI

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

TÍTULO TITLE

A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno
The Fortune or the Virtue of Alexander the Great

AUTOR AUTHOR

Plutarco Plutarch

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Renan Marques Liparotti

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume Editora * Comunicação
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

www.annablume.com.br

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Contato CONTACT

@annablume.com.br

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira



POCI/2010

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

Impressão e Acabamento PRINTED BY

Simões e Linhares, Lda.

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1471-7

© Abril 2017

ISBN Digital

978-989-26-1472-4

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1472-4>

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PLUTARCO PLUTARCH

A FORTUNA OU A VIRTUDE DE ALEXANDRE MAGNO
THE FORTUNE OR THE VIRTUE OF ALEXANDER THE
GREAT

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Renan Marques Liparotti

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

Os discursos *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, integrantes das *Obras Morais* de Plutarco, são um retrato de Alexandre como modelo pedagógico de rei-filósofo. Plutarco apetrecha-o de virtudes como a temperança, a humanidade, a generosidade com que Alexandre põe em prática o ideal de unir toda a “terra habitada”. Direccionam-se assim a todos que se interessem pelo retrato humano

PALAVRAS-CHAVE

Virtude; Alexandre Magno; Fortuna.

ABSTRACT

The speeches called “The Fortune or the Virtue of Alexander the Great” from Plutarch’s *Moralia* draw a portrait of Alexander as the pedagogical blueprint of the philosopher-king. He clothes him in virtues such as temperance, humanity, generosity, with which Alexander will bring to fruition his ideal: unifying «all the inhabited earth». They are therefore geared towards all who would feel attracted to the depiction of human beings.

KEYWORDS

Virtue, Alexander the Great, Fortune

AUTOR

Mestre em Mundo Antigo pela Universidade de Coimbra (2015), desenvolve agora a tese de Doutoramento em Mundo Antigo na Universidade de Coimbra sobre “Plutarco e o Teatro” sob orientação da Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva e do Doutor Nuno Simões Rodrigues. É membro colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

AUTHOR

Master in Ancient World at the University of Coimbra (2015), now developing his doctoral thesis on the Ancient World program on “Plutarch and the Theatre,” supervised by Dra. Maria de Fátima Sousa e Silva and Dr. Nuno Simões Rodrigues. He collaborates with the Centre for Classical and Humanistic Studies.

SUMÁRIO

ESTUDO INTRODUTÓRIO	
Contexto Histórico	9
Desafios de Tradução	15
Fontes e método	26
Alexandre: o homem, o rei, o general	31
BIBLIOGRAFIA	50
<i>A FORTUNA OU A VIRTUDE DE ALEXANDRE MAGNO</i>	
A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno I	61
A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno II	81
APÊNDICE: ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS E TOPÓNIMOS ANTIGOS	119
ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS	129
ÍNDICE DE ASSUNTOS GERAIS	141

(Página deixada propositadamente em branco)

ESTUDO INTRODUTÓRIO

CONTEXTO HISTÓRICO

O século I d. C., em seus meados, concedeu à luz Plutarco, na pequena cidade de Queroneia, a oeste da Ática, na região da Beócia que, à época de Trajano¹, tornou-se partícipe da província romana de Acaia. Por isso, segundo evidências arqueológicas, recebeu a cidadania romana, torando-se conhecido pelo nome de Lúcio Méstrio Plutarco. Distribuiu-se durante a vida entre a família, as tarefas cívicas e o exercício espiritual sem nunca obliterar sua cidade, que corria o risco de ser solapada, devido a sua debilidade, pela força imperial (*Dem. 2.2*).

Esse sentimento telúrico não significou, entretanto, um fechamento à alteridade; o Querônês, pelo contrário, viajou alargando seu horizonte ao Lácio e, movido por sua curiosidade a tudo que constitui a existência, não se contentou em taciturno nutrir-se da vida; mas, a partir da reflexão sobre breves ditos e pequenas ações, enxerga a universalidade da virtude, que supera fronteiras étnico-geográficas e leva a Filosofia à análise moral das ações humanas. Para tanto, engendra uma obra polimórfica pela qual cose os fios das culturas greco-latinas e produz dois mosaicos, segundo classifica a tradição crítica: as *Vidas Paralelas*, retrato comparativo de grandes personalidades gregas e romanas; e as *Obras Morais*, conjunto de tratados e ensaios, frutos da reflexão sobre questões filosóficas, culturais, éticas, religiosas, retóricas, literárias, políticas e naturais.

¹ Cf. Lesky (1995) 858-866.

Os discursos intitulados *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, sobre os quais nos delongaremos neste estudo crítico introdutório a esta proposta de tradução, fazem parte deste segundo agrupamento. Compostos quando Plutarco frequentou a escola de retórica, foram possivelmente exercícios de estilo frequentes, em que se objetivava o elogio de uma personagem ilustre. Mas teria sido essa a única intenção da produção destes textos? Se levarmos em conta que o Queronês volta ao tema de Alexandre na posterior biografia, não sem entusiasmo, parece-nos razoável afirmar que essa figura exerceu-lhe singular fascínio. Compôs, portanto, um retrato discursivo não apenas como elogio, mas na tentativa de, demonstrando suas virtudes, sobrepô-las aos vícios que, à época, eram caricaturalmente divulgados pela crítica cínico-estóica.

Essa crítica, que na verdade voltava-se contra a ideia de império, para atacá-lo, buscou desconstruir todos os modelos que serviam para sua justificação ideológica. Sendo Alexandre um exemplo² de grande rei, sua memória tornou-se escopo das flechas de todos os que ou eram inimigos do império porque defendiam o retorno à república, ou porque defendiam filosoficamente o anarquismo, como os cínicos. Como Plutarco indiretamente responde à censura da figura do Macedônio, faremos uma breve análise dos retratos de Alexandre compostos pelos historiadores Diodoro Sículo (I a. C.)³, Tito Lívio (entre I a.

² Sobre a difusão do mito de Alexandre no período republicano e depois no império romano, cf. Frugoni (1978) 5-10.

³ Ocupou-se de Alexandre no Livro 17 da sua *Biblioteca Histórica*. A monumentalidade de se tentar, em quarenta volumes, abordar o fluxo histórico desde os períodos remotos até a Guerra Civil de César parece comprometer a profundidade do relato, produzindo um desenho pálido.

C. e I d. C.)⁴ e Quinto Cúrcio Rufo (I d. C.)⁵, que floresceram no intervalo entre a morte do general Macedônio e a produção de Plutarco, para entendermos como o filho de Filipe era visto nesse primeiro século d. C.

Percebemos que se desenvolveu um esquema interpretativo segundo o qual as qualidades de Alexandre, reconhecidas por todos os seus historiadores⁶, foram tolhidas por uma sombra negativa quando sua Fortuna tornou-se excessiva. Diodoro Sículo é o primeiro a declarar que o Macedônio, após seu regresso à Hircânia, começou a imitar o costume dos Persas (D. S. 17.77.4). Sobre essa nova atitude do Macedônio, Tito Lívio, com visível desprazer, descreve os indícios: a adoção da indumentária, a partir da qual se tornou mais parecido com Dario do que com Filipe; a aceitação ou incentivo à prostração dos súbditos - prática na Grécia somente aceita no confronto

⁴ Engendra, no decorrer do livro nono, uma anedota segundo a qual, se Alexandre se tivesse virado contra Roma, teria experimentado pela primeira vez a desfortuna (Liv. 9.17).

⁵ Floresce um pouco depois de Lívio, na primeira metade do século I, após a morte de Nero e o início da dinastia dos Flávios, período rico pela produção de memórias, relatórios e narrações; Cúrcio escreve a *História de Alexandre Magno* em dez livros, dos quais não nos chegaram os dois primeiros. Esta narrativa foi marcada por contradições advindas do uso de diversas fontes; possui, contudo, cores cativantes pelo fato de ter uma finalidade recreativa.

⁶ Diodoro Sículo, num retrato pálido, destaca apenas de maneira geral a lealdade, a generosidade, a justeza e a compaixão como virtudes que faziam de Alexandre um modelo real. Lívio ocupou-se mais em ressaltar suas qualidades militares, valorizando-o como singular estrategista que sabia calcular com precisão o momento oportuno de agir, o local, os preparos e os cuidados necessários para evitar insídias, além de controlar as provisões com maestria. Por fim, Cúrcio, após a dramática narração do último suspiro do Macedônio, expõe em detalhe um catálogo de virtudes e vícios, em que lhe valoriza: a força de ânimo, a resistência à fadiga, a coragem, a generosidade, a clemência aos vencidos, o desprezo da morte, o desejo de glória, a magnanimidade, a piedade aos pais, a benevolência aos companheiros, a perspicácia, o autodomínio e a temperança.

de divindades; a ira e a intemperança no vinho de que resultou a morte de amigos e, por fim, a tentativa vaidosa de criar uma estirpe fictícia, baseada em laços superficiais entre os dois povos (Liv. 9.18).

Tito Lívio acrescenta que, mesmo antes dessa transformação, o Macedónio não fora grandioso porque não enfrentou um inimigo, mas uma presa, pois Dario era um fautor da luxúria, afeminado e covarde, a quem se venceria, sem derramamento de sangue, apenas desprezando as vaidades. Por isso, declara que Alexandre, que morreu sem ter calcado os passos decrescentes da Fortuna (Liv. 9.17), tê-los-ia percorrido se tivesse enfrentado Romanos.

Cúrcio, último dos historiadores sobre quem nos deteremos, por ser contemporâneo de Plutarco, adiciona à personalidade do Macedónio uma desmesurada arrogância com que intencionava se equiparar aos deuses, a ponto de reivindicar a prostração dos súbditos, e uma excessiva propensão aos prazeres. Segue e corrobora o esquema interpretativo de que, após o auge de sua Fortuna - a conquista da Pérsia -, Alexandre é acometido, conforme os reis encontrados na tradição de Heródoto (Hdt. 3.80), por uma cegueira que o fez adepto do luxo. Tratar-se-ia, portanto, de uma mudança na roda da Fortuna.

É Cúrcio quem, após a dramática narração do último suspiro desta personagem, propõe-nos um catálogo em que atribui as virtudes do Macedónio à sua natureza e os vícios à Fortuna ou à idade. No fim, todavia, em balanço, mesmo concedendo parte dos méritos de Alexandre à Virtude, conclui que o peso maior deva ser atribuído à sua Fortuna, pois foi o general o único dentre os mortais a tê-la em tão expressivo favor (Curt. 10.5). Essa configuração da balança que faz impender sobre a Fortuna, uma divindade, a responsabilidade por feitos humanos, diminui-os, servindo ao afilar de pedras contra os modelos de reis ideais promovidos pelos filósofos cínicos e Estoicos, avessos

a exemplos de autoritarismo que corroborassem a atribuição de benefícios exclusivos aos reis.

É essa corrente de opinião depreciativa, chamada de «discurso da Fortuna», que Plutarco objetiva desconstruir. Por ser um esquema interpretativo recorrente e divulgado, é aceitável que Plutarco o tenha considerado conhecido pelos interlocutores. É, pois, plausível se pensar, segundo sugere Cammarota (1998) 14-15, que tenha engendrado um início *in medias res*, sem sermos levados a pensar necessariamente em um início mutilado ou corrupto, conforme afirma Nachstädt (1971) 75. O que é certo é que em ambas as possibilidades, não é menos claro que o Queronês se pôs como escopo demonstrar que as empresas de Alexandre são atribuíveis à sua Virtude.

Pode-se pensar nesse texto, entretanto, como uma resposta apologética a essa crítica cínico-estóica? Se considerarmos a tese de que Alexandre é superior a todos os filósofos, heróis e políticos – cujo fundamento é a amplificação dos fatos para lhes dar visibilidade –, juntamente aos dois discursos coevos, *A Fortuna dos Romanos*, que defende ter Roma se valido mais da Fortuna do que da excelência militar, e *A Glória dos Atenienses*, que afirma ter sido Atenas mais ilustre na guerra do que na cultura, entendemos ser o discurso não apologético, mas sim encomiástico e pedagógico⁷.

Pois Plutarco não se arrisca ao epidítico confronto contra os opositores de Alexandre, para o que seria necessário responder e refutar pormenorizadamente a crítica supracitada, mas produz um modelo pedagógico de rei-filósofo que divulgou a cultura helênica além de atribuir os feitos de Roma à Fortuna e sustentar a importância cultural de Atenas ser devida à sua excelência militar.

⁷ Cf. Cammarota (1998) 48-55.

Por conseguinte, em harmonia com a percepção de Cammarota (2000) 70, podemos sublinhar a existência de um plano arquitetônico externo que não propõe a superioridade dos Gregos, mas a equidade em relação aos Romanos, que se mostra um rascunho do projeto ideológico que o Queronês retomará com mais fôlego na construção das *Vidas paralelas*.

Plutarco, dessarte, produz um retrato de Alexandre como modelo pedagógico de um rei. Estes discursos foram inicialmente endereçados ao público sincrônico de ouvintes da escola de retórica e, secundariamente, aos críticos cínico-estoicos. Tal datação é inferida a partir, por exemplo, de marcas de imaturidade em seu estilo como o acúmulo excessivo de catálogos e comparações e a presença de algumas repetições, características da jovialidade. O Queronês, todavia, apesar da pouca idade, nos propõe descrições imagéticas ricas que demonstram uma vasta cultura e uma singular capacidade plástica que faz com que o discurso ultrapasse seu endereçamento imediato até atingir todos os que se interessam pelo retrato humano, cujas virtudes nos podem inspirar a grandes feitos.

DESAFIOS DE TRADUÇÃO

Este se mostrou, por isso, um texto de considerável complexidade para a tradução. É que restabelecer o diálogo engendrado por Plutarco com cada um dos pensadores que lhe antecederam se impôs logo de início como o maior desafio, cujo primeiro obstáculo foi o próprio título.

A palavra ἀρετή, por exemplo, enumera-se entre aquelas que, no volver dos tempos, adquiriram tão diversos e complexos significados que traduzi-las se torna um desafio ousado. Dentre os caminhos possíveis, se nos oferece primeiramente selecionar no Português um vocábulo que se aproxime etimologicamente à raiz da palavra e deixar ao leitor o exercício de associá-lo ao significado correspondente a cada contexto de utilização; outro nos parece o de fazer corresponder aos sentidos contextuais palavras diferentes, que contemporaneamente possam expressá-los.

Ao seguimento do primeiro caminho, se nos oferecem alguns empecilhos, pois, já de início, a etimologia não é consensual⁸. Há suposições, como a de Cobry (2007) 25-28, que propõe ser ela derivante de ἄρες, com o significado, para além de «guerra», de «coragem» e «valentia»; como alternativa Cobry lança a hipótese de uma relação com a raiz αρ-⁹ comum a ἄριστος: «melhor, excelente, nobre, valente, valoroso, bravo».

Dessa teia de relações vocabulares, surgem opções de tradução da ἀρετή como «coragem», «valentia» ou, mesmo, «excelência». Esse é o sentido preponderante para o termo na tintura homérica, que o faz equivaler a «excelência militar». Isso

⁸ É frutífera a discussão do conceito de ἀρετή; cf. Córdova (1991-1992) 271-288; Jaeger (2013) 21-35; Zuruga (1991-1992) 289-301.

⁹ Que origina também ἄρσην: «varão, viril», donde, «forte, corajoso»; e, provavelmente, ἄρχω, «comandar, deter o poder»; e ἀρώ: «semear, fecundar» (donde: «instrumentos aratórios»).

se percebe ao lermos a recomendação de Hipóloco a seu filho (*Il.* 6.206-209): «que primasse pela valentia e fosse superior aos outros todos para que não desonrasse a linhagem paterna»¹⁰, advertência também proferida pelo ancião Peleu a Aquiles, seu filho (*Il.* 11.780-784).

Essa concepção de excelência mostra-se, entretanto, condicionada¹¹, pois durante a batalha a superioridade na força e na destreza só se efetiva se for depois socialmente reconhecida. É isso que representa o espólio: prêmio (γέρας) pela valentia (ἀρετή), que se traduz em fama (δόξα), honra (τιμή) e em imortal¹² glória (κλέος) para quem a possui. Essa dependência, todavia, da aprovação externa torna o conceito homérico amoral, pois, é em troca do aplauso que se busca «ser o mais valente» (ἀριστεύειν, *Il.* 6.208), mas não necessariamente o bom e o justo; e por medo da desonra, não por consciência, é que, segundo Platão (*R.* 365C), evita-se o erro. São estas, pois, as características de uma sociedade da vergonha.

Platão centrou sua reflexão sobre a ἀρετή e depois de muito perscrutá-la sugere, a partir da conhecida fábula de Gíges (*R.* 359D-361D), o desprendimento de seu significado da aparência, representada pela aprovação social. Nessa anedota, o homem justo evita o mal não pelo temor à desonra, mas porque acredita ser o correto a fazer, pois de contrário sentiria a culpa de ter-se distanciado do bom e do justo. Esse filósofo traça, assim,

¹⁰ Nessa publicação, utilizamos as traduções de Lourenço da *Iliada* (2005) e da *Odisseia* (2003).

¹¹ Para a compreensão da noção de ἀρετή em Homero, cf. Adkins (1971) 1-14; Córdova (1991-1992) 271-288; Jaeger (2013) 21-35; Lévy (1995) 177-211; Long (1970) 121-139; Sale (1963) 86-100.

¹² Nela os ideais não se encontram na razão tangível pelo indivíduo, mas pelo senso comum à sociedade. A morte se transforma na libertação desse processo constante de avaliação externa e, se em condições dignas, garante o congelamento dessa excelência nas memórias coletivas por entremédio dos poetas.

uma significativa mudança de paradigma filosófico: a intrínseca associação da ἀρετή ao bom, ao justo e ao belo e sua dissociação necessária do reconhecimento social.

Mesmo que nos ocupássemos, no decorrer de todo esse trabalho, em discutir e analisar as complexas ponderações de Platão sobre a ἀρετή, não teríamos sucesso, mas podemos, amparando-nos em estudiosos deste filósofo¹³, afirmar que a filosofia platônica redefiniu o ideal de justiça. Esta se torna interior a cada indivíduo, dependente do arbítrio. Cabe a cada um, pois, deliberar entre assumir ou não a função política¹⁴ para a qual cada ânimo é mais apto, e, assim, executar a tarefa própria (Τὰ ἑαυτοῦ πράττειν, *R.* 433a-b). Nessa trajetória, aproxima-se do belo, o mais alto ideal humano, fazendo, na medida justa, sua a Beleza.

Somada essa nuance moral, «coragem» e «valentia» tornam-se traduções insuficientes; por isso, preferiríamos utilizá-las apenas em contextos em que o sentido moral não se mostre valorizado. «Excelência», por sua vez, é uma tradução indicada quando o termo ἀρετή se refira à noção de «ser o melhor», o que não inclui, por si, como vimos um sentido moral e equivale à noção expressa pelo Querônês com o vocábulo ἀκρότης (*Moralia* 444D); quando, entretanto, há uma referência a um sentido moral, a tradução por «excelência» passa a depender de que o leitor recupere este sentido, o que pode criar uma dificuldade à compreensão do texto. Por isso, como na totalidade dos

¹³ Platão se questionou sobre o conceito de ἀρετή no decorrer de sua obra inteira. Auxilia-nos, todavia, para adentrar o pensamento deste filósofo, a leitura de: Córdova (1991-1992) 271-288; Irwin (1995) 31-93, 120-243, 339-353; Irwin (1977) 13-101, 195-251; Jaeger (2013) 21-35, 335-347, 594-651, 702-722, 1389-1393; Rocha Pereira (2006) 488-498, (2006b) V-LVI; Schiappa Azevedo (1983) 11-36.

¹⁴ Utilizamos aqui «política» no sentido etimológico, ou seja, referente à cidade-estado (πόλις).

empregos nestes discursos, à palavra ἀρετή subentende-se uma nuance moral (326E, 329C, 331B, 331C, 335B, 335F, 336B, 337C, 337D, 337E, 339A, 339B, 340A, 341E, 342A, 343A, 343C, 344B, 344D, 344E), traduzimo-la por «virtude».

Essa opção ademais nos traz duas outras vantagens, a saber: segue a convenção, desde os tempos de Cícero estabelecida, de fazer equivaler à ἀρετή o vocábulo latino *virtus* e à divindade Ἄρετή, referida por Plutarco nestes discursos, a divindade romana *Virtus*, de semelhantes características. Parece-nos, portanto, mais vantajoso e coerente, por não discordarmos dessa tradição, segui-la. Afora isso, por a palavra «virtude» em português ter sido demasiadamente associada ao seu sentido católico, numa época de secularização, parece estar em desuso; seu significado histórico e filosófico, todavia, é mais diverso e complexo, de modo que tentaremos recuperar e divulgar com esse trabalho também uma parte do patrimonial cultural que subjaz a essa palavra.

Entender o conceito de virtude em Plutarco em sua completude seria por si tema suficiente para uma nova investigação. Ousamos, entretanto, evidenciar alguns aspectos desse pensamento. Ao analisarmos o tratado sobre a *Virtude Moral* (*Moralia* 440D-452E), percebemos que o pensamento do Querônês foi construído a partir de uma recensão dialogada com Platão, Aristóteles, os estoicos e demais filósofos que lhe foram antecedentes.

Plutarco acreditava, como Platão, que a virtude é como uma forte e autônoma planta, que pode enraizar-se onde haja uma boa natureza e um espírito resistente à fadiga (*Dem.* 1.4). É, portanto, inabalável a mutações exteriores e depende de um espírito de filósofo que, por uma inspiração divina para o que é belo, lute contra as fraquezas do corpo (*Moralia* 331BC).

Concorda ademais com Platão e Aristóteles sobre a divisão do espírito entre a parte racional e a irracional e sobre a divisão

metafísica entre as virtudes contemplativas e as morais, de cuja diferença surge, por exemplo, a divisão entre sabedoria e sabedoria prática (*Moralia* 444D). Assim, as virtudes morais, constituintes da parte irracional dos indivíduos, juntam-se à parte racional, a fim de controlá-los e temperá-los. Em relação a essas concorda com o Estagirita¹⁵ quando este localiza a virtude no ponto mediano entre dois extremos viciosos (*Moralia* 444CD)¹⁶.

Plutarco admite, portanto, a existência de uma panóplia de virtudes; concede, porém, que essas podem ser lidas como diferentes manifestações de uma só, a sabedoria prática (φρόνησις, 441A)¹⁷, segundo Zenão¹⁸, que para o Querônês é simplesmente referida como uma amálgama de separação impossível. Com base nesse pensamento é que mistura, na caracterização de

¹⁵ Sobre a virtude em Aristóteles cf. Brun (1986) 153-167; Córdoba (1991-1992) 271-288; Natali (1999) I-XVI, 451-550; Rodier (1981) 177-217.

¹⁶ É por isso que admite em sua argumentação a possibilidade de retirar-se a virtude a um homem afortunado, ao que lhe sobriariam vícios: na generosidade, a avareza; na fadiga, a debilidade; no culto aos deuses, a superstição; no contato com bons, a inveja, perante os homens, o medo; entre as mulheres, o amor aos prazeres (cf. *Moralia* 337C).

¹⁷ Dentro da visão estoica de que o universo é corpóreo e governado por uma razão divina (*Logos*), a virtude nasce como força individual que impulsiona ao conhecimento do bem e conseqüente harmonização a essa ordem, o *kosmos*. Para tanto, é necessário desenvolver sabedoria prática, que para suportar as dificuldades em batalha e os obstáculos morais, se manifesta como coragem; na escolha dos caminhos a serem percorridos e na coerência com nós mesmos, como *sophrosyne*; no convívio com o próximo, como justiça, ao atribuir a cada um aquilo que lhe é conveniente. Havia entre essas virtudes, já denominadas por Platão e Aristóteles, o ligame da razão que as une indissolúvelmente e que se afirma na nossa capacidade de resistência aos impulsos externos. É, assim, o comportamento correto do espírito (*orthos logos*) no confronto das coisas e dos valores, um comportamento racional coerente com a disposição do universo, em que se demonstra um equilíbrio quase apático, responsável pela paz interior e pela *eudaimonia*.

¹⁸ Sobre a virtude no estoicismo, cf. Rocha Pereira (2006) 541-544; Pohlenz (1978) 118-167.

Alexandre (*Moralia* 332D), o guerrear humano (τὸ πολεμικὸν φιλόανθρωπον), a serenidade corajosa (τὸ πρᾶον ἀνδρῶδες), a parcimônia generosa (τὸ χαριστικὸν οἰκονομικόν), a cólera moderável (τὸ θυμικὸν εὐδιάλλακτον), a raixão temperada (τὸ ἔρωτικὸν σῶφρον), o relaxamento não ocioso (τὸ ἀνειμένον οὐκ ἄργόν), a dedicação ao trabalho não sem recreação (τὸ ἐπίπονον οὐκ ἀπαραμύθητον).

Plutarco, portanto, desliza seu pincel sobre uma aguarela cujo espectro cromático perpassa cores homéricas, platônicas, aristotélicas e estoicas, utilizadas para colorir os traços de uma panóplia de virtudes (ἀρεταί), com as quais, no decorrer desse discurso, compõe o retrato de Alexandre. Faremos uma síntese da concepção dessas virtudes não apenas com a intenção de torná-las compreensíveis ao leitor, como para transparentemente apontarmos as nossas opções de tradução que buscam respeitar, dentro do possível, as tênues diferenças definidas pela pena dos filósofos. A análise simbólica, entretanto, dessas virtudes na construção da figura do Macedônio, fá-la-emos no desenvolvimento deste trabalho.

Da concepção de coragem (ἀνδρεία) platônica como responsável por conduzir o coração especialmente dos guardiões da cidade, Aristóteles se aproveita e a alarga na construção de sua filosofia moral como uma capacidade em todos expressiva de se mostrarem inabaláveis ao medo da morte. Constitui-se da confiança nos alarmes e da audácia perante os perigos e, principalmente, se manifesta na preferência por uma morte digna a uma sobrevivência indigna. Segundo a concepção mediana (*EN* 1115a6), localiza-se entre o medo (φόβος) e a temeridade (θάρρη). Nesse discurso, encontram-se diversas referências a essa virtude pelo uso de terminologia diversa que as define como sinônimas em grego, isso é: ἀνδρεία (326E, 328A, 332C, 339B, 336A, 336E, 338D), ἀνδραγαθία (327E,

331C, 331D), τὸ ἀνδρῶδες (332D), θυμός (327B) e θάρσος (337B). Diretamente ligada a essa capacidade está a firmeza (καρτερία, 326E), o desprezo do medo (ἀφοβία, 328A, 342F), a audácia (τόλμα, 343A, 344E), a valentia (δεινός, 334D), a força (βία, 327B, 339A, ῥωμή, 344D), a velocidade (σπουδή, 344D), o impulso (ὄρμη, 334F, 337E) e a iniciativa (προαίρεσις, 333C).

Em Aristóteles (*EN* 1139b 15), por outro lado, encontra-se a diferenciação entre conhecimento (ἐπιστήμη), sabedoria prática (φρόνησις), sabedoria (σοφία) e inteligência (νοῦς, συνέσις). Parte dessa divisão é também apontada por Plutarco (*Moralia* 444D). Neste discurso, entretanto, não parecem lhe merecer uma distinção pormenorizada, de modo que o Querônês utiliza basicamente como sinônimos de sabedoria φρόνησις, 337E, σοφία, 330C, 331E, 332A e εὐβουλία, 326E, e de inteligência νοῦς e συνέσις, 327E, 332C, 337E, 343A.

É uma virtude aptíssima ao general e ao rei a responsabilidade de aconselhar, julgar o bem e o mal, avaliar tudo o que na vida deve ser almejado ou rejeitado, para usar nobremente todos os bons recursos disponíveis, comportar-se corretamente, compreender as ocasiões oportunas (καιρούς), utilizar sagazmente tanto o discurso como a ação, para ter experiência (ἐμπειρία, 337B, 342F, εὐποια, 343A) de todas as coisas úteis (χρησίμων πάντων).

A temperança (σοφροσύνη) era para Platão a virtude que controlava a concupiscência (ἐπιθυμία), especialmente relevante no povo. Aristóteles, entretanto, por situar a virtude no meio termo (μεσότητι, *EN* 1106b.27-34), racionalmente determinado, entre a falta (ἔλλειψις, *EN* 1106b.34) e o excesso (ὑπερβολή, *EN* 1106b.34), transforma-a numa meta-virtude, apesar de em definição restringi-la ao controle dos prazeres (*EN* 1117b 25).

É do âmbito da temperança não admirar a fruição dos prazeres do corpo, ser indiferente a toda fruição advinda de prazeres vis, venerar a ausência de medo na proporção justa, e conter-se igualmente durante a vida nos pequenos e nos grandes momentos. É um exercício, portanto, que permite adentrar às outras virtudes necessárias ao cumprimento da função de cada um na cidade (*EN* 1106a) e que, somado ao autocontrole (ἐγκράτεια, 332C, 332A, 337B, 339A, 342F), moderação (μετριότητος, 331A), constitui elemento definidor do heleno em contraponto ao bárbaro. Por isso, é uma virtude por Plutarco exaustivamente explorada nessa oração (326E, 327E, 328A, 332C, 338E, 339A), coadjuvada pela disciplina (κόσμος, 332C) e pela tranquilidade (πράοτης, 332C, 337B).

A última virtude cardinal, a justiça (δικαιοσύνη), é para Platão a mais importante, por ser transversal e temperar todas as outras no funcionamento da *pólis*. É ela resultado da harmonia estabelecida quando se dá a cada um aquilo que é seu, a sua 'tarefa justa'. Desse modo é que se faz possível a aproximação do belo, o mais alto ideal humano.

Para Aristóteles, é do âmbito da justiça a distribuição segundo o valor, salvar os hábitos ancestrais e os costumes sagrados, proteger as leis escritas e a verdade na diferença e conservar a conveniência. Nessa oração, Plutarco valoriza a justiça de Alexandre (δικαιοσύνη, 330E, 332C, 339B, εὐδικία, 332A, τὸ δίκαιον, 334E, 336E) e ressalta que essa é intrínseca à sua coragem. Corroborar, assim, a superação pelo Macedônio do ideal de virtude homérica. Associada à justiça está a piedade (εὐσέβεια, 342F, 343B), a confiança (πίστις, 342F, 344E) e a integridade moral (ἄψευδὲς ἦθος, 342F).

Percebe-se ainda nesses discursos a penetração do ideal estoico de justiça única, universal e divina. É que ela é descrita como fonte de uma luz universal à qual Alexandre teria buscado

submeter todos os homens. Como, entretanto, ele morre prematuramente, «uma parte da terra permanece sem sol, aquela que nunca viu Alexandre» (*Moralia* 330D)¹⁹.

A magnanimidade (μεγαλοψυχία) está diretamente ligada ao exercício da gentileza. Exprime-se, entretanto, na capacidade de suportar nobremente a boa e a má fortuna, a honra e a desonra, mantendo-se superior ao luxo, ao poder e às vitórias. Aquele que a possui consegue lidar bem com a pobreza material e é capaz de sofrer uma injustiça sem se tornar vingativo. É que essa profundidade de espírito permite-lhe ultrapassar a vaidade dos bens materiais e subvalorizar a própria vida, pois apenas são-lhe dignos os feitos grandes, nobres e belos, que lhe abrem caminho à honra²⁰ (*EN* 1124a.25) .

Esta é uma virtude ressaltada por Plutarco como uma característica marcante de Alexandre²¹ através de diversas designações: μεγαλοψυχία, 327E, 328A, 343B, μέγεθος 337E, μεγαλόφρων, 336E, μεγαλοφροσύνη, 339B, εὐψυχία, 342F, φρόνημα, 341E, 343A. Além disso, o exercício dessa virtude se mostra intrinsecamente relacionado ao cultivo do amor pela honra ou da ambição (φιλοτιμία, 333E, 337B, 342E) e a conceder primazia à glória (πρῶτα δόξης, 342F).

Afora essas virtudes, Aristóteles ainda nos apresenta a φιλανθρωπία, que consiste na generalização a toda a sociedade

¹⁹Essa metáfora da luz se mostra, portanto, conveniente para a justificação que fará Plutarco da política expansionista e imperialista de Alexandre.

²⁰Percebe-se, na concepção de magnanimidade de Aristóteles, uma reminiscência de ética aristocrática, na medida em que, apesar de fazer a ressalva segundo a qual «só merece ser honrado o homem bom», defende que aquele que, além de ser bom, é bem nascido, é mais merecedor de honra (Cf. *EN* 1124a).

²¹A magnanimidade de Alexandre pode ser percebida exponencialmente na descrição do tratamento que deu a Dario (*Moralia* 332EF) em comparação ao tratamento de Aquiles ao corpo de Heitor, que não só desrespeitou-o, como depois aceitou presentes (*Il.* 19.140-147) em sua recompensa.

humana do conceito de amor (φιλία, 344E)²². Traduz-se na prática, portanto, em duas vertentes. O cuidado com os outros homens, condizente com o sentido de ‘humano’ que se cristaliza na famosa sentença de Terêncio (*Heaut.* 77), «Sou homem; nada do que é humano me é alheio», e a generosidade material cujo significado se consolidou na palavra portuguesa «filantropia». Plutarco destaca, portanto, em Alexandre sua humanidade (φιλανθρωπία, 330A, 332C, 337B, 342F, 333E, 336E, 338DE) à qual se lhe soma a generosidade (εὐ ποιῶν, 338F, χάρις, 337C).

Engloba, portanto, o que para Aristóteles se definia como liberalidade (ἐλευθεριότης) e se situava no ponto médio entre a avareza (μικρολογία) e a prodigalidade (ἄσωτία, *EN* 1119b 25), além de se aproximar à definição de magnificência (μεγαλοπρέπεια, *EN* 1122b 6-10). Define-se, pois, como a inclinação a dar dinheiro às iniciativas dignas, que se mostra na prática em ser capaz de exercer a solidariedade diante da necessidade, a prestância em questões de disputa e a gratidão àquilo que é útil (*Moralia* 703B).

Plutarco, por sua vez, não segue rigorosamente a nomenclatura aristotélica, mas destaca Alexandre como um rei humanitário (βασιλεὺς φιλόανθρωπος, 330A), consonante à afirmação de Isócrates de que, para governar um Estado (*Nic.* 2.15), «é necessário ser amante dos homens e da cidade». Descreve-o como produto da combinação do exercício da frugalidade (εὐτέλεια, 332A, 332B, 342F), da benevolência (εὐγνώμον, 332E, εὐμενεία, 333E, εὐνοία, 330A, 344D), da amabilidade (ἡμερος, 332D), da bondade (χρηστότης, 338E), da mediação (εὐδιαλλακτόν, 337B) e do prestígio (τιμή, 333E).

²² Sobre esse conceito cf. Ferreira (2008) 97.

A palavra «τύχη», por sua vez, etimologicamente está ligada ao verbo «τυγχάνω» que significa «acontecer, alcançar, encontrar (por acaso)». É um termo complexo de traduzir por ter sido utilizado por diferentes correntes filosóficas, ganhando uma significação ampla. O significado deste, por isso, quer nas *Vidas Paralelas* quer nas *Obras Morais* tem sido objeto de estudos profundos²³, em que não teremos oportunidade de nos delongar; tentaremos, todavia, restringir o valor desse conceito nestes discursos.

Plutarco endereça estes discursos a uma opinião comum, que denomina «discurso da Fortuna», que atribui a responsabilidade à divindade Τύχη, pelos feitos e pelas conquistas do Macedónio²⁴. Esta, por isso, é capaz de mudar o destino dos fatos e seu poder supera e diminui o poder de ação humana. Contrapõe-se, por isso, à Virtude.

Plutarco não só considera indigno que esta divindade arrole para si a responsabilidade de conquistas que o próprio Alexandre a duras penas conseguiu efetivar, como injusto, pois entende que a Fortuna, na verdade, assumiu um comportamento hostil no confronto com o Macedónio, sendo-lhe sempre antagonista: «são muitos os sintomas que carrega de uma Fortuna adversária e não aliada» (*Moralia* 327A), de que é prova o incontável catálogo de feridas.

Como Plutarco atribui um papel ativo à Τύχη, o que é interpretado pelos editores desses discursos como um papel de divindade²⁵, optamos por traduzir no português por «Fortuna», correspondente à versão latina dessa divindade (326D, 326E, 326F, 327B, 327E, 329D, 331A, 333D, 335F, 336B, 336D,

²³ Cf. Frazier e Leão (2010); Lassel (1891); D'Angelo (1998) 27-29.

²⁴ Cf. Frugoni (1978).

²⁵ Nessas ocasiões é convencionalmente escrita com inicial maiúscula, o que procuramos seguir no decorrer da tradução.

336E, 337B, 337C, 337F, 338A, 338E, 339A, 340A, 340B, 340C, 340D, 340E, 341C, 341D, 341F, 342C, 342D, 343B, 343C, 343E, 343F, 344A, 344B, 344C, 344D, 344E).

Mesmo quando Plutarco faz desse ente algo que os humanos possam deter, como em a fortuna de Alexandre (Ἀλεξάνδρου τύχη, 331A), ou o faz equivaler ao caráter instável de um evento proporcionado pelos «caprichos da fortuna» (αὐτοματισμός τύχης, 332C), ou demais casos em que não é clara a referência à divindade (332A, 333D, 337D, 334B) também mantivemos, por coerência, a tradução de «fortuna». Somente em uma ocorrência, em que a palavra aparece nem como divindade nem com papel ativo, mas simplesmente para justificar aquilo que «por acaso» acontece, é que usamos na tradução «sorte» (335E), o que nos pareceu interessante por unir-se congruentemente às ocorrências de «boa sorte» (εὐτυχία, 330D, 336D, 338E, 341A) e de «má sorte» (ἀτυχία, 336D).

FONTES E MÉTODO

Plutarco, além de escrever estes discursos sobre Alexandre, re-torna posteriormente ao retrato do Macedônio para compor a *Vida de Alexandre*. Faz, todavia, quer pelo gênero, quer pela maturidade, opções bastante distintas. Para que possamos introduzir uma leitura crítica a esta obra, consideramos proveitoso realizar uma análise contrastiva para que possamos compreender em que níveis se dão essas distinções e o que elas representam literaria e simbolicamente.

Começemos, pois, por observar as fontes de ambos os textos. Disso, percebemos que enquanto para os discursos destacam-se Anaxímenes (*Moralia* 327E)²⁶, Aristobulo (*Moralia* 327D

²⁶ Anaxímenes de Lâmpsaco era orador e professor de retórica e foi autor de uma obra sobre Alexandre intitulada Τὰ περὶ Ἀλέξανδρου, que

e 327E, *Alex.* 15. 1, 16. 15, 18. 4, 21. 9, 46. 2, 75. 6)²⁷ tido como dos mais dignos de crédito, Calístenes de Olinto²⁸, Cares²⁹ (*Moralia* 341B, *Alex.* 20. 9, 24. 14, 46. 2, 54. 4, 55. 9, 70. 2), o mestre de cerimônias da corte, que dispõe sem dúvida de boa informação de primeira mão, Clitarco³⁰, Dúris (*Moralia* 327E, *Alex.* 15. 2, 46. 2), Filarco (*Moralia* 342D) historiador ateniense, Eratóstenes (*Moralia* 330A), Onesícrito de Astipaleia (*Moralia* 327D, 331E, *Alex.* 8. 2, 46. 1, 60. 7, 61. 1, 65. 1, 66. 3)³¹, discípulo das doutrinas cínicas de Diógenes e, por último, Ptolemeu (*Moralia* 327D, *Alex.* 9. 5, 46. 2)³²; para a *Vida de*

conhecemos por alguns esparsos fragmentos (*FGr Hist* II 72 1-41) através dos quais é difícil reconstruir uma linha essencial da narrativa.

²⁷ Aristobulo, tradicionalmente dito de Cassandreia, possivelmente seguiu Alexandre na campanha para a Ásia e ficou responsável pelo restauro da tumba de Ciro em Pasárgada. Foi um dos primeiros historiógrafos Macedônios a compor um retrato de Alexandre, a cujos fragmentos podemos ter acesso por fontes indiretas (*FGr Hist* II 139 1-62). Nesses visava, sobretudo, defender o soberano das acusações póstumas feitas por seus detratores, sem empreender temas de propaganda explícita.

²⁸ Não aparece diretamente citado, mas acredita-se ser dele a autoria de uma união entre a expedição à Ásia com a epopeia homérica. Apesar de ser desacreditado por Políbio (12.17) e Arriano (4.12.6), é utilizado por Plutarco (*Alex.* 27. 4, 33. 1, 55).

²⁹ Cares de Mitilene, oficial e camareiro do rei, foi autor de uma *História de Alexandre* (*FGrHist* 125 F 6), colocada em dúvida pelos historiadores por defender a existência de um duelo direto entre Alexandre e Dario. No decorrer dos discursos, ora esse fato é referido (*Moralia* 341B), ora refutado (*Moralia* 327A). Cf. D. S. 17.34.5; Curt. 3.11.4; Arr. *An.* 2.12.1

³⁰ Segundo Cammarota (1998) 55-64, Clitarco, mencionado na biografia (*Alex.* 46. 1), também teria influenciado Plutarco, mas não foi por ele citado pelo fato de que em geral ele não indica todas as suas fontes, somente quando visa obter um efeito retórico de maior confiabilidade.

³¹ Segundo o que consta, deixava-se atrair excessivamente pelas fábulas e relatos maravilhosos, cf. Pearson (1960) 87.

³² Ptolemeu de Lago participou da expedição de Alexandre na qualidade de general; em seguida, ele mesmo se torna rei do Egito com o nome de Ptolemeu I Soter, fundando a dinastia que herdaria seu nome. Ao que parece produziu um relato da expedição na Ásia (*FGr Hist* II 138 1-35) que cobria os eventos do reino de Alexandre de 333 a. C. até à morte do Macedônio ocorrida em 323 a. C. na Babilônia, prevalecendo os detalhes

Alexandre, é usada uma gama bem mais vasta de fontes do que nos discursos³³, sem contar as várias referências a fontes anônimas por meio de um λέγεται, ‘diz-se, conta-se, ao que consta’³⁴.

Por isso, diferentemente de Cammarota (1998) 48-55, Badian (1958) 436 e Hamilton (1969) 31 que defendem que os discursos e a vida somente diferem por conta do gênero textual, um retórico-epidítico, outro biográfico³⁵, e não de uma maior erudição ou de uma maior maturidade de Plutarco, Prandi (2000) 375-386 considera que as diferenças sejam devidas ao resultado de uma evolução intelectual de Plutarco proporcionado pelo acesso a novas fontes. Como exemplo tem-se as supracitadas cartas atribuídas ao Macedônio, que não são referidas nos discursos que aqui analisamos; mas, na *Vida de Alexandre*, constituem uma espécie de esqueleto capaz de resolver divergências de tradições ao atingir de modo convincente as motivações dos eventos.

O acesso a essas novas fontes trouxe a Plutarco a possibilidade de realizar um exame mais crítico e rigoroso de alguns episódios históricos, especialmente os polêmicos como a passagem pelo mar de Panfilia (*Alex.* 17.6-8), a consulta ao oráculo de Siwah (*Alex.* 27.3-5) e o encontro com as Amazonas (*Alex.* 46), em que realiza uma espécie de *status quaestionis* e posiciona-se, elegendo um testemunho mais versossimil. Observa-se, dessa

da empresa militar e os valores de Alexandre.

³³ A saber, em acréscimo: Anticlides (*Alex.* 46. 2), Antígenes (*Alex.* 46. 1), Aristóxeno (*Alex.* 4. 4), Cares (*Alex.* 20. 9, 24. 14, 46. 2, 54. 4, 55. 9, 70. 2), Clitarco (*Alex.* 46. 1), Dínon (*Alex.* 36. 4), Eratóstenes (*Alex.* 3. 3, 31. 5), Filipe da Calcídica (*Alex.* 46. 2), Filipe de Teângela (*Alex.* 46. 2), Fílon (*Alex.* 46. 2), Hecateu de Erétria (*Alex.* 46. 2), Hegésias (*Alex.* 3. 6), Heraclides (*Alex.* 26. 2), Hermipo (*Alex.* 54. 1), Istro (*Alex.* 46. 1), Policlito (*Alex.* 46. 1).

³⁴ Cf. *Alex.* 2. 2, 37. 7, 46. 4, 48. 2, 52. 8, 59. 1 e Cook (2001) 329-360

³⁵ Cf. Cammarota (1998) 48-55 e Hägg (2012) 239-281.

forma, o Queronês mais atento à historicidade dos factos, o que faz termos a impressão de que seu Alexandre, na biografia, ganhe carne e osso.

Plutarco, todavia, nunca abandona as cores e o simbolismo de uma narração biográfica, que se baseia no desenho moral pela seleção de momentos determinantes, conforme ele próprio ressalva no início desta Vida. Dessa maneira, de um conjunto de desenhos fixos, que se constitui os discursos aqui traduzidos ele depois compôs a *Vida de Alexandre* que, por sua vez, assemelha-se mais a um filme, que apesar de também selecionado, foi temporalmente mais generoso e detalhado.

Por isso, como analistas, foi-nos necessário comparar estes discursos com a biografia para investigar a composição do retrato de Alexandre e se evidenciarem as convenções literárias seguidas, as escolhas simbólicas e, principalmente, a reflexão tecida sobre o homem Alexandre, com suas virtudes e vícios, que mesmo em dimensões diferentes se fazem presentes em ambas as obras.

Só na comparação com a biografia é que fomos capazes de enxergar, por conseguinte, a existência subtil de uma curva de existência na progressão dos factos que, subtilmente, se inscreveram na arquitetura do retrato. Assim, entende-se o porquê de Plutarco ter optado por realizar um fim abrupto dos seus discursos tanto na narração das batalhas como das feridas, assim como de ter ocultado episódios que serviriam para dar ao ouvinte argumentos contrários àqueles que ele próprio forneceu. É que, apesar de sua insistência em estabelecer o antagonismo da Fortuna, a roda desta moveu-se, numa primeira fase, em ascensão, parou durante um clímax, mas depois girou em direção a um declínio, condicionado, segundo a tradição historiográfica de Heródoto, por erros e escolhas equivocadas, característicos da cegueira que assola todos os mortais.

Com a leitura paralela da tradição épica de Homero, historiográfica de Heródoto, filosófica de Platão, Aristóteles, estóica, e do próprio Queronês, pudemos evidenciar escolhas simbólicas como a ligação genética que fez aproximar o Macedônio de Aquiles ou a frutífera relação entre Alexandre e seu mestre Estagirita. Ademais, conseguimos, ao acompanhar essa curva de existência valorizar decisões do rei e escolhas literárias de Plutarco que permitem interpretações mais aprofundadas deste discurso.

ALEXANDRE: O HOMEM, O REI, O GENERAL

Plutarco assume-se, na *Vida de Alexandre*, como um pintor de um quadro biográfico (*Alex.* 2-3). Por isso, para que possamos introduzir uma leitura crítica dessa obra, devemos considerar a página como uma tela em branco, em que se podem traçar riscos, cores, luzes e sombras e ter em conta que, por melhor que seja o artista, ele faz um recorte da realidade, pois não é possível constringir em uma narrativa a totalidade dos fatos de uma vida, mas apenas os mais significativos, no caso de Plutarco definidos como «sinais reveladores da alma» (*Alex.* 3).

Por buscar elogiar nestes discursos o Macedónio, Plutarco produz deste rei um desenho seletivo, como faz o escultor que da sua obra seleciona as melhores peças para uma exposição, e, com muita cautela e critério, separa as que detenham menos imperfeições e aplica nelas um polimento, para que se lhes acentue o brilho e se diminuam as impurezas. Isso se torna evidente se observarmos comparativamente este texto e a biografia, produzida mais tarde, que, apesar de abranger um recorte, inclui outros episódios menos louváveis que são intencionalmente ocultados aqui. Por isso, não podemos ler esse texto como fonte direta de informação histórica, a não ser que o interpretemos crítica e simbolicamente.

Tomando por inspiração o verso com o qual Homero celebrara a valentia de Agamémnon - «é um rei excelente e um forte lanceiro»³⁶ - e no qual Alexandre encontrou, segundo Plutarco

³⁶ O verso se situa na conversa entre Helena e o sogro Príamo (*Il.* 3.179) que se encontram no alto das muralhas de Tróia, de onde observam o cenário da batalha (por isso, esse episódio ficou conhecido como a observação da muralha «*teichoskopia*»), última arremetida numa guerra que já durara mais de nove anos. A curiosidade do rei de Tróia é na verdade a do leitor que é colocado diante de uma guerra em andamento, da qual Homero faz um recorte e se propõe a narrar apenas quarenta dias. Por isso, o poeta utiliza-se de descrições imagéticas que sinteticamente

(*Moralia* 331D), uma profecia para sua coragem, ressaltaremos dois aspetos do retrato de Alexandre, o de general e o de rei.

A primeira característica essencial de um general é a capacidade de liderar pelo exemplo. Sendo assim, o primeiro aspecto do retrato de Alexandre a ressaltar será o de guerreiro. A este, assim como para os heróis épicos, está entre os piores vícios o medo, aferidor de desonra, enquanto a virtude está diretamente ligada à valentia e à disposição de, por ela, ceder a ímpetos sem temer as consequências. Afinal, não é vergonha encontrar golpeado pela lança a morte, pois essa se interpõe a todos como destino³⁷. Ser, porém, alvejado nas costas pode causar a mais repugnante fama, a da covardia. Por isso, estabelece-se uma convenção segundo a qual as feridas adquiridas nas partes frontais do corpo são imagens simbólicas de coragem.

Estas originam-se de golpes que podem sempre ser fatais. Na *Iliada*, os deuses condicionam a funcionalidade, por exemplo, dos arremessos de lança, de modo que às armas sejam dados outros destinos e, assim, postergam a vida³⁸ a heróis como Menelau e Heitor. Plutarco, todavia, por viver na era helenística, não mais deposita crença nos deuses homéricos, mas reconhece uma entidade externa que é capaz de alterar o rumo das ações humanas, em seus «caprichos»: a Fortuna. Esta, a Alexandre, ou por ausência, ou por presença opositiva, torna-se antagonista.

O Querônês aceita ter sido a Fortuna capaz de fazer de um sujeito incólume um rei, pois o trono bateu-lhe à porta. Mas, atribuir a esta entidade os feitos que, não sem fadiga nem ileso,

nos façam visualizar cada componente. À pergunta «quem é este homem guerreiro, ele que é um Aqueu tão alto e tão forte» (*Il.* 3.166-167), Helena responde «Este é o Atrida, Agamémnon de vasto poder, que é um rei excelente e um forte lanceiro» (*Il.* 3.178-179).

³⁷ Cf. *Il.* 6.488; 15.496.

³⁸ Cf. *Il.* 4.127-129; 15.461.

Alexandre, um guerreiro digno de símiles épicos conquistou, seria tolher-lhe o prêmio de sua virtude, a glória. Dessa maneira, simplificar sua figura como a de um rei luxurioso, como o fizeram os críticos cínico-estoicos, é um ultraje comparável ao cometido por Agamémnon contra Aquiles, retirando-lhe a prenda, Briseida. Plutarco, portanto, toma para si essa causa e como argumentação abusa na enumeração dos episódios em que a Fortuna, se interferiu nos eventos, fê-lo desforavelmente ao filho de Filipe.

Para essa argumentação, Plutarco compõe um catálogo³⁹ que segue o seguinte princípio. Se as feridas são «imagens de virtude e coragem esculpidas», é mister divulgá-las. Há dúvidas se realmente algumas dessas feridas existiram e se foram apenas essas as chagas acumuladas. É certo, contudo, que nesse discurso o Queronês teceu um recorte simbólico, em forma de mapa, em que cada parte do corpo se associa à lembrança de «povos, vitórias, cidades conquistadas e reis feitos prisioneiros» (*Moralia* 331C).

Como testemunha dos confrontos anteriores à campanha contra a Pérsia, Plutarco escolhe o combate contra os Ilírios, que ocupavam uma área que corresponde sensivelmente à atual Albânia⁴⁰, para situar a primeira ferida, cuja causa foi determinada apenas por uma pedra e um maço, dirigidos à cabeça e ao pescoço (*Moralia* 327A), sem nominar agentes para os golpes.

³⁹ Em relação ao tema das feridas de Alexandre, encontra-se um divertido retrato no *Diálogo dos Mortos* de Luciano; aí se dá voz à crítica cínica por meio de Filipe que aponta o que, na verdade, significavam as chagas do Macedônio: «quem não riria ao ver o filho do deus, com um chilique, necessitado dos médicos». Considerava-se, portanto, uma incoerência que o filho de Âmon estivesse «coberto de sangue, a gemer por causa das feridas». Cf. Luc. *DMort.* 14.5.

⁴⁰ Sobre a campanha balcânica de Alexandre cf. Arr. *An* 1.1.4; Str. 7.3.8; D. S. 17.8.1; Plu. *Alex.* 11.3. Bury, Cook e Adcock (1969) 355-356.

Depois, passa-se ao primeiro episódio decisivo no acesso à Ásia, a travessia do Granico que deixou uma ferida provocada pelo punhal bárbaro (*Moralia* 327A), ou pela espada (*Moralia* 341B), obra da (des) fortuna, que lhe abre o elmo até os cabelos e corta a cabeça de Alexandre. Posteriormente, em Isso, o Macedônio foi atingido por uma espada na região da coxa (*Moralia* 327A). Segundo Ceres, uma das fontes lidas pelo biógrafo de Queroneia, o ferimento teve como autor Dario em um duelo (*Moralia* 341B). Essa hipótese, porém, foi colocada em dúvida pelos historiadores⁴¹. É interessante, por isso, refletir sobre o porquê de ter sido inserida no catálogo de feridas da segunda oração. Assumindo a hipótese de ter existido um confronto entre os dois líderes, o fato de ter Alexandre sido ferido serve bem à argumentação de que a Fortuna o adversava.

Dessa ferida, entretanto, não decorreu «nenhum inconveniente, nem no momento nem depois» (*Moralia* 341B), como referido na carta escrita pelo General a Antípatro. Nem tampouco foram graves as chagas que se somaram junto a Gaza, maior cidade da Síria, por conta de uma flechada no tornozelo e outra no ombro, após este ser vítima de uma torção (*Moralia* 327A), decorrência de uma queda do cavalo (*Moralia* 341B)⁴². Percebe-se, portanto, que se configuram feridas periféricas e superficiais, que não representam risco à vida e, assim, obstáculos às campanhas, atribuídas a «uma Fortuna adversária e não

⁴¹ O próprio Plutarco, na escrita da biografia, contesta a existência desse duelo (*Alex.* 20.9), assim como outros historiadores que referem a ferida, mas não este confronto. Cf. D. S. 17.34.5; Curt. 3.11.4; Arr. *An.* 2.12.1. Neste discurso, desconhecedor talvez da fonte seguida por estes outros testemunhos, considera credível a versão do histórico pragmático Ceres.

⁴² Plutarco refere na *Vida de Alexandre* outra versão segundo a qual essa ferida seria decorrente de um torrão derrubado do céu por uma ave que, depois, pousou numa das máquinas de guerra e ali ficou presa. Essa sucessão de factos foi interpretada como um vaticínio que significava que apesar de se ferir, Alexandre tomaria a cidade. Cf. *Alex.* 25.4.

aliada» (*Moralia* 327A) que, superados, valorizam a virtude de Alexandre.

A posse de Susa constituiu o ápice da campanha. A continuação da mesma, entretanto, implicou o início de um período descendente que se manifestou logo em Maracanda: uma seta fendeu o osso da perna de Alexandre (*Moralia* 327A), mais especificamente da canela, que saiu do lugar e rompeu-lhe a pele (*Moralia* 341B), tornando-se uma fratura exposta de gravidade considerável. Logo a agressividade do inimigo acompanha, em crescendo, o impacto negativo da campanha.

Sucedem-se outras feridas dispersas, como as geradas pela violência da fome entre os indianos (*Moralia* 327A), uma flechada no ombro pelos Aspasianos (*Moralia* 327B), uma na perna pelos Gândridas (*Moralia* 327B), uma pedrada no pescoço enquanto perseguia Besso, em um lugar qualquer da Hircânia (*Moralia* 341B), que lhe tolheu temporariamente a visão e, por fim, um dardo indiano que o atinge no tornozelo, entre os Assacenos, o que fez jorrar seu sangue, ou icor, conforme ironicamente disse aos adúladores que o divinizavam (*Moralia* 341B). As lesões tornam-se, assim, mais frequentes e mais graves, à medida que as campanhas adquirem um ritmo vertiginoso.

Eis, então, que se chega à campanha contra os Malos (ou Oxídracas⁴³, 326-325 a. C.). Nela, Plutarco situa o clímax deste

⁴³ Sobre esse episódio constata-se a existência, segundo Arriano (*An.* 6.11.1-3), de duas fontes: uma difusa na tradição retórica de que o episódio teria se realizado contra os Oxídracas, que foi aceite por Curt. 9.4.26 e a segunda, adotada pelos historiógrafos, inclusive Arriano, cuja fonte era Aristóbulo (*Moralia* 341C). Plutarco, nas *Vidas*, adota esta segunda versão (*Alex.* 63.2), mas, no discurso, acaba por referir ambas as versões: quando elenca as feridas sofridas pelo Macedônio (*Moralia* 327B), segue a segunda versão, inclusive informando-nos da fonte; na conclusão de seu discurso (*Moralia* 343D), porém, em que seu objetivo é o convencimento, acaba por adotar a versão mais divulgada entre os oradores, para evitar ser desacreditado. Cf. Cammarota (1998) 61.

catálogo de feridas, pois narra que uma flecha penetrou o peito de Alexandre e alojou ali profundamente seu ferro (*Moralia* 327B), ao que se somou o golpe de um porrete no pescoço (*Moralia* 341C). Foi das batalhas narradas nesse discurso a que maiores dificuldades ofereceu ao rei Macedônio.

Se consideramos esse episódio como a *aristeia* de Alexandre, em que corajosamente⁴⁴ salta sozinho contra o exército dos Malos, obstando-lhe não só a muralha que retinha seus companheiros como a árvore que o encurrala e a Fortuna que faz romper as escadas quando os soldados tentavam ir em seu socorro (*Moralia* 327B), torna-se relevante lembrar que a quase totalidade das *aristeiai* finda, na *Iliada*, em uma punição por excesso (*hybris*) perante os deuses, porque ambicionar individualmente a superação do coletivo não está acessível aos mortais. Heitor (*Il.* 11.300-360), por exemplo, derruba sozinho muitos adversários, mas, ao fim, quando confronta Diomedes, é atacado e privado de visão por alguns instantes e só escapa ao negro destino por intervenção divina. A Alexandre, todavia, não sobreveio nenhuma divindade em auxílio, mas, pelo contrário, antepuseram-se-lhe os caprichos da Fortuna.

Assim, cercado, o rei macedônico acabou ferido no peito por uma flecha e caiu. Se não fosse a proteção de Ptolemeu⁴⁵ e de outros companheiros, que conseguiram entrar antes de a escada partir-se, e pela virtude dos demais companheiros que romperam, quase à dentada, as muralhas e em seguida o protegeram e o transportaram de volta ao acampamento, aquela terra ter-se-ia tornado o túmulo de Alexandre. Foi, por isso, a primeira vez que o líder esteve em contato tão próximo com a morte, pois se

⁴⁴ Cf. *Moralia* 327B, 341C, 344C, 345B e *Alex.* 63

⁴⁵ Ptolemeu I Soter (327-283 a. C.) filho de Lago, rei do Egito e fundador da dinastia ptolemaica depois da morte de Alexandre.

antes não experimentara senão feridas ligeiras e periféricas, teve ali seu peito atingido, o centro do corpo, por uma flecha de dois côvados de comprimento (*Moralia* 341C), aproximadamente oitenta e oito centímetros⁴⁶.

Em conclusão, pela análise desses elementos, corrobora-se a arquitetura de um catálogo que expressa a centralização dos locais das feridas paralelamente ao acentuar do individualismo de Alexandre. Foi sabiamente, portanto, que Plutarco encerrou com a campanha dos Malos esse discurso, fazendo de um abrupto salto um elogio da coragem, pois delongar-se poderia dar aos ouvintes elementos suficientes para sobrepor ao retrato das virtudes uma imagem de ruína.

É que a um general não basta ser um guerreiro exímio de motivação incessante à glória, mas intervém também seu relacionamento com o coletivo. Quanto a Alexandre, a relação com os companheiros é inicialmente mais simples e clara. Ganha, todavia, no decorrer da sua trajetória, aspectos de complexidade na medida em que algumas amizades se tornam animosidades devido a episódios ocorridos e fatores psicológicos envolvidos. Podemos, por isso, destacar relações sólidas com os companheiros como parte da marcha ascendente do chefe e, posteriormente, uma trajetória de decadência que se caracteriza pela complexificação das relações de amizade⁴⁷.

Da primeira fase, podemos destacar alguns episódios expressivos dessa solidariedade; quando, por exemplo, o general, gravemente doente, acredita piamente na solidariedade de Filipe de Acarnânia, o único médico que ousou correr todos

⁴⁶ Cf. Curt. 9.5.

⁴⁷ Como bem salienta Whitmarsh (2002) 183-184, os episódios que aproximam Alexandre dos Companheiros revelam, entre um e outros, uma rede complexa de relações e diferenças, que contribuem para a caracterização das suas diversas, mas interactivas, personalidades.

os riscos na tentativa de lhe salvar a vida. Este é um caso paradigmático de uma *philia* autêntica (*Alex.* 19. 4), que, apesar de uma denúncia de conspiração, não abala a confiança do rei no esforço sincero de um companheiro em seu benefício, ao que se soma o fato de ter Clito salvado o general no campo de batalha (*Alex.* 16.11).

Afora isso, nesse período Alexandre era muito solícito e piedoso, na medida em que, quando descobriu que Tárrias havia declarado falsamente ter contraído uma dívida para que o rei lha pagasse, o liberou da culpa, permitindo ficar com o dinheiro, pois se lembrou de que aquele, quando Filipe combatia contra a cidade de Perinto⁴⁸, ferido por um dardo em seu olho, não permitiu nem aceitou de modo nenhum que se lhe extraísse a flecha antes de os inimigos terem sido derrotados. Soube também que Antígenes falsamente tinha-se inserido na lista dos Macedônios que deveriam ser reconduzidos a casa por motivo de doença ou de ferimentos; após interrogá-lo sobre o porquê, descobriu que estava apaixonado por Telesipa, que estava de partida, e, por isso, propôs-se, com promessas e presentes, fazê-la ficar. Nem quando desmascarou Filotas, por meio de uma cortesã, e descobriu que ele lhe dirigia acusações, tomou imediatamente atitudes, mas esperou mais de sete anos para que revelasse essa suspeita⁴⁹.

⁴⁸ Facto ocorrido na cidade da Trácia Propôntide, em 340 a. C. Sobre a campanha de Filipe contra Perinto cf. Bury, Coe e Adcock (1969) 254-255.

⁴⁹ A versão sobre a possível conjuração de Filotas e da eventual cumplicidade de Parménion foi fornecida por D. S. (17.79-80), Curt. (6.7, 7.2) e Plu. (*Alex.* 48-49), concordando substancialmente também com a afirmação de que Alexandre tinha inveja da fama de Filotas e da sua glória, sinal de que havia uma dissensão entre Alexandre e os Macedônios; Arr. (*An.* 3.26-27), ao invés, sublinha a responsabilidade de Filotas, mostrando a primeira denúncia contra ele já no Egito, segundo o que é trazido por Ptolemeu e Aristobulo.

Por todos esses exemplos, Plutarco demonstra que foi de maneira honrosa que Alexandre fez uso de seu poder. Ademais, aos companheiros dava constantes provas e incentivos, pois dividia a maior parte do seu patrimônio pessoal e dos proventos reais. Somente Perdicas, admirado, interrogou-o «E para ti, o que é que reservas, Alexandre?» (*Moralia* 342E) e obteve, como resposta, «As esperanças» (*Moralia* 342E). Propôs então que todos compartilhassem dessas esperanças até que tomassem posse, como espólio, das riquezas de Dario e então as dividisse.

As esperanças de Alexandre eram, portanto, o respeito aos deuses, a confiança nos amigos, a simplicidade, a moderação, a experiência, o desprezo da morte, a magnanimidade, a humanidade, o diálogo afável, a integridade moral, a firmeza nas decisões, a rapidez nas ações, a primazia da glória, a determinação para a realização de ações nobres que o levavam a mover bem suas tropas, mantendo acesa nelas a ambição e alimentando entre os soldados da mesma idade a emulação e a competição pela glória e pela virtude (*Moralia* 342EF).

No decorrer da trajetória de Alexandre, o general conquistador começou a dar cada vez mais espaço para o rei administrador, de modo que às medidas estratégicas se lhe juntaram ações de objetivo político e diplomático que visavam estabilizar o reinado já com outra dimensão. Isso coincidiu com uma maior exposição à riqueza, ao luxo e a costumes persas, assim como com a ampliação do poder do Macedônio. Esse processo influenciou diretamente o comandante e seus companheiros, cujas relações se degradaram pelos excessos de uma vida faustosa e de reações coléricas do soberano.

As diferenças de pensamento começam a partir do incêndio do palácio de Dario; só no fim Alexandre se opõe às intenções do coletivo de, ao destruir o palácio, iniciar o regresso; este é o ponto de partida para a recusa deste mesmo

coletivo em atravessar o rio Ganges, primeira grande derrota na liderança do Macedônio, depois da qual se fechou enraivecido na tenda (*Alex.* 62.5). A seguir, desavenças internas tomam conta das relações de amizade, cujo resultado é fazer sobressair sentimentos como a ira contra Filotas (*Alex.* 70) e Cassandro (*Alex.* 74), e a cólera profunda contra Clito o Negro (*Alex.* 50-51). Verifica-se, todavia, como quase consequência da magnanimidade e da *philotimia*, uma dificuldade de lidar com o antagonismo de opiniões que culmina em um espírito colérico.

Desse modo, assim como Homero pintou-nos um Pelida militarmente excelente, mas que não foi capaz de abandonar sua cólera e auxiliar seus companheiros no combate quando os Troianos se aproximavam das naus, sendo essa imperícia seu maior defeito, Plutarco nos deixa evidente que o Alexandre contrariado pode ceder à perturbação e tornar-se irracional. Momentaneamente vemo-lo baixar ao nível de Filipe, desejoso de conquistar fama e poder a qualquer preço (*Alex.* 10. 3); foi na ainda campanha contra Tebas que se pôde verificar o ápice dessa irascibilidade, quando, utilizando-se de uma violência extrema (*Alex.* 11.11), objetivou desanimar o adversário e convencê-lo a uma rendição espontânea.

Alexandre assim demonstrou rompantes de frieza com que matou à traição, por exemplo, os mercenários indianos (*Alex.* 59. 6-7). Essa ferocidade e selvajaria quase desumanas aproximam-no do Aquiles pintado por Homero, um herói humano, dotado de virtudes e de vícios. Plutarco une Alexandre a uma tradição mítica que retrata o herói como falível, capaz de cometer erro (*ἄμαρτία*), devido a sua fragilidade humana. Erro este que é responsável pelo seu declínio.

Em contraposição a esta ferocidade, Homero afere um toque de humanidade a Aquiles, no episódio em que Príamo suplicante

roga-lhe o corpo do filho (*Il.* 24.486 sqq.). Plutarco, por sua vez, na biografia, ressalta que, retirando esses episódios supracitados, o Macedônio apresentou uma atitude de respeito aos vencidos (*Alex.* 12), tornando-se «tão gentil na vitória, quanto terrível no campo de batalha» (*Alex.* 30.6).

Neste discurso, todavia, somente esta gentileza, por ser conveniente ao elogio encomiástico, é valorizada. Pois verificamos uma exclusão quase total dos vícios e dos episódios polêmicos que o Macedônio viveu e a obliteração da ferocidade e da cólera que tantas desgraças, segundo Homero, podem causar. Por isso é que, em parte, concordamos com a frequente crítica que afirma ter Plutarco traçado um desenho demasiadamente utópico. Sempre acaba por restar, no entanto, um vestígio. É, pois, enriquecedor o diálogo entre a retórica encomiástica, a biografia e a épica, na medida em que se somam ao retrato histórico elementos míticos que, se simbolicamente lidos, podem gerar exemplos emuláveis e passíveis de crítica.

Alexandre não só desempenhou a função de líder das tropas macedônias, mas herdou também o reinado de Filipe. Como, todavia, pode o Macedônio acumular tarefas tão complexas e conciliá-las? Nas *Histórias* de Heródoto, observamos, por exemplo, que essas diferentes tarefas estão divididas: se foi Ciro quem expandiu o território persa, quem o estabilizou foi Dario.

Plutarco começa por considerar globalmente os princípios de uma política de gestão para o grande império ainda desconexo e heterogêneo na sua composição, ao qual era importante a harmonização entre conquistadores e conquistados. Pela voz de Calano, o Querônês nos adverte de que as errâncias da campanha a delongavam e se contrapunham à necessária centralização do poder, pois Alexandre dividia-se entre objetivos como equilibrar as forças internas, apaziguar as revoltas externas e expandir

o império; tarefas cuja complexidade faz ressaltar as virtudes morais desse rei.

Como conquistador, Alexandre se mostra um guerreiro corajoso e audaz. Fascinava-o, por exemplo, a ideia de defrontar Dario e arriscar tudo em uma só batalha, enquanto ao rei persa sobrevinha o temor que o impedia de agir e lhe facultava apenas a desonrosa fuga. Este contraste ficou cristalizado no mosaico pavimental da Batalha de Isso, originalmente em Pompeios, actualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (10020).

Ainda em plena campanha, quando a prioridade era, sobretudo, militar, são diversas as atitudes assumidas pelo conquistador de tolerância para com os vencidos. Além da humanidade demonstrada, Alexandre mostra-se mais do que um general, um rei ciente do alcance político de suas decisões. Como prova dessa humanidade, é, no clímax da campanha militar, solidário perante a mãe, a esposa e as filhas de Dario (*Alex.* 21. 2-3): primeiro fez questão de que soubessem que Dario não havia morrido, desfazendo um falso temor; permitiu que elas dessem sepultura a todos os Persas que entendessem e, por último, concedeu-lhes as mesmas regalias de antes, sob sua proteção, numa espécie de templo sagrado e inviolável onde nunca pudessem sofrer a menor ofensa.

Não deu, assim, ouvidos a vozes que lhes elogiassem a beleza, nem permitiu que outros o fizessem (*Moralia* 338DE, *Alex.* 22.5), prova de sua temperança (τὸ σῶφρον, *Moralia* 338E) e autodomínio (τὸ κρατεῖν ἑαυτοῦ, *Alex.* 21. 7-9). Ademais, quando a mulher de Dario veio a falecer, ordenou que se preparasse um funeral digno de uma rainha e, no momento do enterro, deu mostras de bondade (χρηστότης, *Moralia* 338E) e humanidade (τὸ φιλόανθρωπον, *Moralia* 338E) ao chorar de emoção. Essas lágrimas foram primeiramente mal interpretadas

pelo rei persa, que soube do episódio por meio de um eunuco que lhe serviu de mensageiro⁵⁰. Dario, assim que conheceu a verdade, todavia, tornou-se, segundo Plutarco, ambicioso de conseguir se tornar mais benigno do que o Macedónio e assumiu que, caso fosse chegada a hora, pelos deuses, de outro rei sentar-se no seu trono, que esse fosse Alexandre (*Moralia* 338EF), pois era: «tão gentil depois da vitória, quanto terrível no campo de batalha» (*Alex.* 30. 6).

Tratava-se, de facto, de um rei gentil que se comportava «como um filósofo». É o que ressalta também do episódio em que Alexandre finalmente encontra Dario trespassado por um dardo: «não realizou sacrifícios nem cantou o hino da vitória para indicar que uma longa guerra tinha acabado; despiu o próprio manto e lançou-o sobre o corpo, como se escondesse a retribuição divina que espera cada um dos reis» (*Moralia* 332F, *Alex.* 43. 5-7). Torna-se, assim, mais magnânimo do que Aquiles, na medida em que este foi por troca de prêmios que concedeu o resgate de Heitor⁵¹, enquanto o Macedónio por si só fez sepultar Dario com um suntuoso funeral⁵².

Em relação a estes episódios, percebe-se que Plutarco inspira-se principalmente nas filosofias de Platão e Aristóteles para o retrato de um rei banhado em princípios filosóficos. No primeiro

⁵⁰ Dario, ao saber por Tiriote (eunuco que havia seguido a rainha e que escapou para lhe trazer notícias), que Alexandre chorara pela morte de sua esposa, suspeitou que essas lágrimas fossem sinal de adultério entre o rei Macedónio e a prisioneira. O eunuco, todavia, jurou que a honra e a castidade da rainha haviam sido respeitadas, cf. Curt. 4.10; Plu. *Alex.* 21, 29; Arr. *An.* 4.20.1-2 (este que situa o anúncio antes da morte da rainha).

⁵¹ Plutarco alude ao episódio em que Príamo entra no acampamento aqueu e roga a Aquiles o resgate do corpo do filho Heitor, que lhe é concedido. (*Il.* 24.485 sqq.)

⁵² Plutarco segue a versão de Diodoro Sículo que afirma ter Alexandre dado uma sepultura digna a Dario. Cf. D. S. 17.73.3. Outros autores fazem apenas referimento à restituição do corpo do grande rei aos Persas, cf. *Alex.* 43; Just. 11.15.5-15.

o Querônês baseia a concepção ideal do mundo, quando propõe princípios como o de que a natureza é um guia que conduz por si mesmo ao belo (*Moralia* 333B). Do segundo, especialmente bebe a concepção de que a virtude se encontra no meio termo, colocando, portanto, importância central na temperança. É dela que faz depender a virtude de um bom governante e também seus principais erros.

Plutarco defende que os filósofos diferem da maioria das pessoas por terem um critério de juízo forte e sólido perante as adversidades (*Moralia* 333B) e que o medo perturba a iniciativa, a ambição e o impulso, a não ser que a Filosofia os tenha envolvido com seus laços (*Moralia* 333C). O Querônês, assim, aproveita-se da situação em que Alexandre enfrenta maior risco e se aproxima da finitude, para fazê-lo seguir os rastros de Sócrates. O rei Macedônio, dessa forma, ferido, com palavras de coragem, ordenou àqueles que estavam ilesos que lhe serrassem a parte saliente da flecha, censurou aqueles que choravam e se lamentavam e gritou aos ‘companheiros’: «Não se mostrem covardes, nem mesmo por pena de mim; ninguém acreditará que eu não temo a morte, se vocês temem a minha» (*Moralia* 345B).

Além disso, o Querônês promove literariamente no decorrer de sua biografia encontros entre o filho de Filipe e filósofos, dos quais particularmente significativo se nos mostra o que ocorreu entre Alexandre e Diógenes (*Moralia* 331EF, *Alex.* 14. 2-5), em que simbolicamente se descrevem dois paradigmas incompatíveis: um rei que ambicionava conquistar o oriente e um filósofo cuja aspiração se resumia a gozar os raios do sol. Tal era a dignidade (τὸ ἀξίωμα) desse homem, que o Macedônio, movido por aquele modo de vida (τὸν βίον), confessou a célebre sentença: «Se eu não fosse Alexandre, seria Diógenes».

A princípio poderíamos pensar que essa seja uma escolha consciente entre uma carreira de rei e de filósofo. Para Plutarco, todavia, como seguidor de Platão, essas trajetórias não são excludentes, mas podem confluir em um *rei filósofo*. Por isso, a frugalidade do modo de vida de Diógenes é-lhe admirável; os problemas reais que lhe impõe o reinado são, todavia, mais importantes, de modo que opta pelo exercício de uma filosofia prática.

Para além dos encontros literários de Alexandre com filósofos, houve um encontro histórico que se mostrou, segundo Plutarco, essencial para o aperfeiçoamento da personalidade do Macedônio: o com Aristóteles que pessoalmente fê-lo dialogar com a Filosofia, quando aceitou o generoso convite⁵³ de se tornar seu mestre.

Ensinou-lhe, portanto, mais que seu pai Filipe (*Moralia* 327F), tendo-o conduzido por diversas áreas de conhecimento, dentre elas a ética, a literatura (Plutarco refere uma edição, anotada por Aristóteles, da *Iliada*, na posse do conquistador macedônio), a geografia, a botânica e a zoologia. Talvez alguns textos de natureza política tivessem sido compostos a pensar inclusive na formação específica do príncipe macedônio. E sobretudo, como defensor da temperança, contribuiu para frear a compleição quente (θερμότης τοῦ σώματος, 4. 7) e o espírito colérico (θυμοειδῆ, 4. 7) identificados no jovem Macedônio tendo, por isso, influenciado decisivamente o florescimento do potencial de Alexandre.

⁵³ Esse convite ocorreu em 342 a. C., quando Aristóteles se encontrava em Mítilene. Não só uma boa recompensa o motivou, mas também a promessa de que a cidade natal do filósofo, Estagira, seria reconstruída e permitido o regresso dos cidadãos então no exílio ou reduzidos à escravatura. Tal oferta foi um reconhecimento da sua virtude, mas talvez influenciada também pelo fato de o pai do Estagirita, Nicómaco, ter já sido médico de Amintas II, pai de Filipe.

Alexandre, desta maneira, no contato com filósofos, aprendeu e desenvolveu-se em busca das virtudes, especialmente da moderação, traduzida pelo princípio do nada em excesso (μηδὲν ἄγαν), e durante o exercício de seu poder tentou exercê-las. Igualou-se, segundo Plutarco, a Pitágoras, Sócrates, Arcesilau ou Carnéades que, mesmo sem deixarem escritos, pelas ações, pelos ensinamentos e pelos ditos foram enumerados entre os filósofos, e assim se tornou um dos exemplos mais próximos ao ideal platônico de *rei filósofo*.

Por mais que, nesse discurso, para fazer um retrato das virtudes desse rei, conviesse fechar o relato num período de auge, Plutarco não deixa de referir pontualmente que, mal ele morreu, «o grande império agitava-se no vazio e desabava por causa da anarquia» (*Moralia* 336F). O que demonstra que, mesmo num texto encomiástico, não se oculta a realidade histórica. E essa assistiu ao desmoronamento de um projeto que o seu construtor ajudara também a destruir. Retrata-se, nessa curva da vida, a fragilidade da natureza humana e sua transitoriedade, que parece se acelerar quando se trata de reis guerreiros, cujo desejo de poder e glória não lhes permite agir com prudência e temperança, valores basilares da sabedoria grega. É que, conforme nos comenta Heródoto (1.207.2), «a vida humana é como uma roda que, nas suas rotações, não permite que a felicidade contemple sempre a mesma pessoa».

A trajetória de Alexandre, por conseguinte, desfecha em decadência e morte. Num paralelismo flagrante com as etapas de sucesso, os mesmos agentes ou situações similares fundamentam agora excessos e fracassos. Concursos de canto e festivais, que caracterizaram o início da expansão do império macedônio, quando realizados na travessia da Carmânia (*Alex.* 67), já num movimento de retorno das tropas, tomaram forma de cortejos orgiásticos que se assemelhavam aos rituais

dionisíacos. A tais eventos se associou um concurso de bebida em que se travou uma batalha entre o vinho sem mistura e a temperança do general. Estopim que o fez perder a própria vida. É que lhe sobreveio uma febre pela qual em poucos dias de maneira pouco gloriosa lhe tiraria a vida (*Alex.* 75 4-6) Dioniso, seu maior vilão, símbolo de sua fraqueza e decadência, figura antagónica à de Aquiles.

É significativo como Plutarco engendra literariamente uma simetria entre encontros. Se, no início da campanha asiática, Alexandre prestara homenagem ao túmulo de Aquiles, que era seu ideal de virtudes, nessa altura confronta-se com o túmulo de Ciro, o grande rei conquistador (*Alex.* 69. 3-5), que do epitáfio lhe sussura: «Não me invejes este palmo de terra que me cobre o cadáver», uma lembrança sobre a instabilidade da Fortuna cuja roda se movia agora em direção ao declínio.

Foi penoso o desfecho para um grande sonho que talvez pela falta de uma administração centralizada conforme Calano advertira, talvez por não saber, conforme aconselhou um dos gimnosofistas, ser poderoso sem ser temido, ou ainda porque este projeto foi compartilhado apenas com alguns de seus amigos, de modo que, apesar de ter mudado a dimensão de mundo, obedeceu ao limite da vida do conquistador

O que se sabe é que foi desse modo que se colocou um fim ao sonho, demasiadamente grande para uma vida. Assim como Aquiles que por maior que tenha sido padeceu antes de vencida a Guerra de Tróia e foi ao Hades eterno da História, Alexandre antes de desbravar o resto do mundo foi convocado pelos deuses para com eles versar. A nós deixou, além de sua fama, o início de um mundo de novas formas⁵⁴, cujas fronteiras tornaram-se líquidas e em que o homem passou a mover-se

⁵⁴ Cf. Leão (2010) 23-31; 97-127.

mais livremente, sem estar preso a raízes geográficas por vezes redutoras de sua condição.

É essa herança que Plutarco valoriza nesse discurso. Retrata, pois, um Alexandre conquistador, que pega em armas e bebe da Filosofia para fazer os homens mais felizes e obrigar seus conquistados a uma vida beata (*Moralia* 328E). Pois era para o Querônês condição de felicidade que se substituíssem os governos tirânicos por cidades com administrações autônomas, onde se pudesse estabelecer a paz, a liberdade e a concórdia, seus maiores bens (*Moralia* 824C).

Há marcas de um perigoso discurso de superioridade cultural e de justificação ideológica do uso institucional da violência pelo poder imperial, que demonstram a insipiência da reflexão filosófica e política em uma época em que do imperialismo romano brotavam as primeiras raízes. Hoje, à luz dos exemplos históricos de tragédias oriundas desse ideal, podemos analisá-lo mais criticamente do que o Querônês que, dada a inevitabilidade de resistir ao poderio romano, buscou ao menos encontrar, nesse regime político e nos seus líderes, virtudes.

Pois, a partir da reflexão sobre as virtudes dos homens, Plutarco teceu fios de ligação entre seu berço helênico e o mundo dominado por Roma, em que continuavam a existir homens que, nas passagens existenciais, buscavam dar ao pensamento forma de ação para que esse não se tornasse estéril. Assim, ambicionam, tentam e muitas vezes erram. Alexandre foi um que, impulsionado por um amor à honra e a causas grandiosas, travou grandes batalhas e ousou grandes saltos.

Neste discurso, numa criteriosa seleção de fatos e episódios, Plutarco busca, portanto, explicitar como o Macedônio, iluminado pela Filosofia, superou as peripécias da Fortuna que lhe foi antagonista e conseguiu, mesmo tendo cometido erros, vencer o tempo e fornecer exemplo a todos aqueles que desejam traçar

grandes caminhadas. Afinal, em muitos momentos, suas ações e suas escolhas foram de facto dignas de um filósofo, tornando-se um rei gentil e humano por todos nós emulável.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

- M. R. Cammarota (1998), *Plutarco La fortuna o la virtù di Alessandro Magno. Seconda Orazione*, Napoli, M. D'Auria editore.
- J. Carrière (2003), *Theognis Poèmes élégiaques*, Paris, Les Belles lettres.
- N. N. Castro Soares (1994). *O Príncipe Ideal no Século XVI e a Obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- J. B. Cavero, S. B. Morillo e J. M. Hermida (2007), *Plutarco. Vidas Paralelas*, Madrid, Gredos.
- F. Dübner (1846), *Plutarchus «Scripta Moralia» Parisii*.
- A. D'Angelo (1998), *Plutarco La fortuna o la virtù di Alessandro Magno. Prima Orazione*. Napoli, M. D'Auria editore.
- J. R. Ferreira e M. F. Silva (1994). *Heródoto Histórias Livro 1º*. Lisboa, Editoras 70.
- G. Fiorni (1989), *Plutarco. «La fortuna dei Romani»*, Napoli.
- R. Flacelière (1975), *Plutarque Vies IX*, Paris.
- F. Frazier e C. Froidefond (1990), *Plutarque Oeuvres morales. Tome V*. Paris, Le Belles Lettres.
- A. Gusmán Guerra (1986), *Plutarco / Diodoro Sículo. Alejandro Magno*, Madrid, Akal.
- J. R. Hamilton (1969), *Plutarch. Alexander. A commentary*, Oxford, Oxford University Press.
- A. la Penna e D. Magnino (1998), *Plutarco. Vite Parallele. Alessandro. Cesare*, Milano.
- F. Lourenço (2003), *Homero Odisseia*. Lisboa, Cotovia.
- F. Lourenço (2005), *Homero Iliada*. Lisboa, Cotovia.

- W. Nachstädt, W. Sieveking e J. B. Titchener (1971), *Plutarchi Moralia II*, Lipsiae, Bibliotheca Teubneriana (edição que utilizamos nessa tradução).
- C. Natali (2003), *Aristoteles Etica Nicomachea*. Roma, Bari, Laterza.
- G. Porta (2005). *Storie di Alessandro Magno*. Milano. BUR Rizzoli.
- G. Reale, I. Toth e E. Cattanei (1999), *Plato Menone: Sulla virtù*, Milano, Rusconi.
- M. H. Rocha Pereira (2006b), *Platão A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- M. T. Schiappa Azevedo (1983), *Platão. Fédon*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- E. H. Warmington (1972), *Plutarch's Moralia IV*. F. C. Babbitt trad. ing. LOEB Classical Library.

ESTUDOS

- A. W. H. Adkins, 'Homeric values and Homeric society', *JHS* 91, 1971, 1-14.
- S. R. R. Araújo, 'Vidas Paralelas de Plutarco em História do Mundo para Crianças de Monteiro Lobato' in F. V. Cerqueira e M. A. O. Silva (2010), *Ensaio sobre Plutarco leituras latino-americanas*, Pelotas, Universidade Federal de Pelotas.
- E. Badian (1958), 'Alexander the Great and the Unity of Mankind', *Historia* 7, 425-444.
- J. Beneker, 'Drunken violence and the transition of power in Plutarch's *Alexander*', in J. Ribeiro Ferreira, D. Leão, M. Troster, P. Barata Dias (2009), *Symposion and philanthropia in Plutarch*, Coimbra.
- F. C. Bordoy, 'Plutarco en Montaigne', in C. Schrader, V. R. Palerm, J. Vela (eds). *Plutarco y la historia*. Actas del V simpósio español sobre Plutarco. Zaragoza, 1996, 117-126.

- A. B. Bosworth and E. J. Baynham (2000), *Alexander the great in fact and fiction*, Oxford, Oxford University Press.
- A. B. Bosworth (1988), *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*, Cambridge, Cambridge University Press.
- I. von Bredow. s. v. Tanais, in H. Cancik, C. Salazar and H. Schneider (2009), *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World. Classical Tradition. Vol. 14.* Leiden-Boston, Brill.
- B. Brentjes and H. Treidler. s. v. Iaxartes, in H. Cancik, C. Salazar and H. Schneider (2005), *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World. Classical Tradition. Vol. 6.* Leiden-Boston, Brill
- J. B. Bury, S. A. Cook, E. Adcock (1969), *The Cambridge Ancient History VI Macedon*, Cambridge.
- J. Brun (1986), *Aristóteles*. Lisboa, Dom Quixote.
- A. R. Burn (1964), *Alexander the Great and the Hellenistic World*, London, English Universities Press.
- L. Burn (2005), *Hellenistic Art. From Alexander the Great to Augustus*, London, The British Museum.
- M. R. Cammarota, 'La tradizione retorica in tre declamazioni di Plutarco: De Alexandri Magni Fortuna aut Virtute, de Fortuna Romanorum, De Gloria Atheniensium', in L. Van der Stockt (2000), *Rhetorical theory and praxis in Plutarch*, Leuven.
- C. Carena, 'Carena I «Moralia» di Plutarco nel Rinascimento europeo', in G. Zanetto e S. M. Tempesta (2010), *Plutarco lingua e testo. Atti dell'XI Convegno plutarco della International Plutarch Society - Sezione Italiana*. Milano, Milano Cisalpino.
- I. Cobry (2007) *Vocabulário grego da filosofia (Le vocabulaire grec de la philosophie)*; Ivone C. Benedetti trad. port. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- G. Comotti (1991), *La musica nella cultura greca e romana*. Torino, E.D.T.

- B. L. Cook, 'Plutarch's use of *légetai*: narrative design and source in *Alexander*', *GRBS* 42. 4, 2001, 329-360.
- P. V. Córdova, 'La arete en la Grecia antigua: de Homero a Aristóteles', *Nova tellus* 9-10, 1991-1992, 271-288.
- L. Crescenzo (1988), *História da Filosofia Grega. A partir de Sócrates*, Lisboa, Editorial Presença.
- J. R. Ferreira, D. F. Leão e C. A. M. Jesus (2012), *Nomos, kosmos & dike in Plutarch*. Coimbra, Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis.
- J. R. Ferreira, 'O doce afago da philanthropia', in C. Soares, J. R. Ferreira, M. C. Fialho (2008), *Ética e Paideia em Plutarco*. Coimbra, Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis.
- J. R. Ferreira (1999), *Plutarco Educador da Europa*, Actas do Congresso, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- J. R. Ferreira (1992), *Hélade e Helenos. I. Gênese e evolução de um conceito*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- L. N. Ferreira, 'Tapeçarias da História de Alexandre Magno no Museu de Lamego', in C. A. Martín, L. N. Ferreira (2014), *O sábio e a imagem, estudos sobre Plutarco e a arte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- F. Frazier, D. Leão (2010), *Tychè et Pronoia: la marche du monde selon Plutarque*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- G. Fritz. s.v. Fortuna, in: M. Landfester, H. Cancik, and H. Schneider (2004), *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World. Classical Tradition. Vol. 5*. Leiden-Boston, Brill, 2004, 505-509.
- C. Frugoni (1978), *La fortuna di Alessandro Magno dall'antichità al Medioevo*, Firenze, La nuova Italia.

- G. S. Gabetto (2005), *Alessandro Magno: immagini multiple d un eroe*, Milano, Università degli Studi di Milano (tesi di laurea).
- C. del Grande (1947), *Hybris: colpa e castigo nell'espressione poetica e letteraria degli scrittori della Grecia antica da Omero a Cleante*. Napoli, R. Ricciardi.
- R. Graves (2007), *The Greek myths*, Lancaster, Gazelle Drake Academic.
- T. Hägg (2012), *The art of biography in Antiquity*. Cambridge, Cambridge University Press.
- N. Hammond (1997), *The genius of Alexander the great*, London, Duckworth.
- W. Heckel and J. C. Yardley (2004), *Historical sources in translation Alexander the Great*, London, Blackwell Publishing.
- H. R. Immerwahr (1986), *Form and thought in Herodotus*. Cleveland: Scholars Press.
- T. Irwin (1995), *Plato's Ethics*. New York, Oxford, Oxford University Press.
- T. Irwin (1977), *Plato's moral theory. The Early and Middle dialogues*. Oxford, Oxford University Press.
- W. Jaeger (2013), *Paideia: A formação do homem grego*. A. M. Parreira trad. port. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- A. P. Jimenez 'Plutarco y el humanismo español del renacimiento', in A. P. Jimenez e G. C. Calderon (1990), *Estudios sobre Plutarco: Obra y tradicion. Actas del I symposion español sobre Plutarco*, Málaga, Sociedad Española de Plutarquistas.
- D. F. Leão, J. R. Ferreira, M. C. Fialho (2010) *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Coimbra, Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis.
- D. F. Leão (2010), *A globalização no mundo antigo. Do polites ao kosmopolites*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

- D. F. Leão (2001), *Sólon. Ética e Política*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- E. Lassel (1891), *De Fortunae in Plutarchi operibus notione*, Marburg.
- A. Lesky (1968), *Historia de la literatura griega*, trad. espanhola, Madrid, Gredos.
- E. Lévy, 'Arete, time, aidôs et nemesis: le modèle homérique', *Ktema* 20, 1995, 177-211.
- A. A. Long, 'Morals and values in Homer', *JHS* 90, 1970, 121-139.
- J. M. Mossman, 'Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*', *JHS* 108, 1988, 83-93.
- J. M. Mossman, 'Plutarch, Pyrrhus and Alexander', in Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*, London and New York, 1992, 90-108.
- L. Pearson (1960), *The lost histories of Alexander the Great*, New York, American Philological Association.
- J. J. S. Pinheiro (2013), *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- J. Pinheiro, J. R. Ferreira, N. C. Soares e R. Marnoto (2011), *Caminhos de Plutarco na Europa*, Coimbra, Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis.
- M. Pohlenz (1978), *Die Stoa. Geschichte einer geistigen Bewegung*. Göttingen. Vandenhoeck und Ruprecht.
- M. Pohlenz (1976), *L' uomo greco*. Firenze, La Nuova Italia.
- L. Prandi, 'L'Alessandro di Plutarco', in L. Van der Stockt (ed.), *Rhetorical theory and praxis in Plutarch*, Leuven, 2000, 375-386.
- F. Rausa. s.v. Fortuna, in *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC). Vol. VIII*. Zürich-München, Artemis-Verlag, 1997, 1.

- M. H. Rocha Pereira (2006), *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- G. Rodier (1981), *Études de Philosophie grecque*. Paris, Librairie philosophique J. Vrin.
- N. S. Rodrigues, 'Alexandre entre paixões femininas e masculinas: digressões plutarqueanas pelo cinema', in C. A. Martín e L. N. Ferreira (2014), *O sábio e a imagem, estudos sobre Plutarco e a arte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- N. S. Rodrigues, 'Least that's what Plutarch says Plutarco no cinema' in L. N. Ferreira, P. S. Rodrigues e N. S. Rodrigues (2010), *Plutarco e as Artes - Pintura, Cinema e Artes Decorativas*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- P. S. Rodrigues, 'Alexandre e o corpo eterno do rei', in C. A. Martín e L. N. Ferreira (2014), *O sábio e a imagem, estudos sobre Plutarco e a arte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- P. S. Rodrigues, 'Um percurso temático no tempo: as Vidas Paralelas de Plutarco e a pintura europeia do século XVI ao século XIX. Primeiras Abordagens', in L. N. Ferreira, P. S. Rodrigues e N. S. Rodrigues (2010), *Plutarco e as Artes - Pintura, Cinema e Artes Decorativas*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- W. Sale, 'Achilles and heroic values', *Arion* 2. 3, 1963, 86-100.
- M. L. Salvá, 'Plutarco y Alejandro Magno', in C. Schrader, V. R. Palerm y J. Vela (1996), *Plutarco y la historia. Actas del V simposio español sobre Plutarco*, Zaragoza, Sociedad Española de Plutarquistas.
- J. Scherf. s.v. Tyche, in M. Landfester, H. Cancik, and H. Schneider (2007), *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World. Classical Tradition. Vol. 15*. Leiden-Boston, Brill.
- C. Schrader, 'Plutarco y la oratoria panegírica del siglo IV', in C. Schrader, V. R. Palerm y J. Vela (1996), *Plutarco y la historia*.

Actas del V simpósio español sobre Plutarco, Zaragoza, Sociedad Española de Plutarquistas.

- C. Soares, 'Decadência na corte persa: um soberano inconstante e uma rainha-mãe vingativa na Vida de Artaxerxes, in C. Soares. Jr. Ferreira e M. C. Fialho (2008), *Ética e Paideia em Plutarco*. Coimbra, Classica Digitalia Universitatis Conimbricensis.
- P. A. Stadter, 'Plutarch's lives: the statesman as moral actor', in C. Schrader, V. R. Palerm y J. Vela (1996), *Plutarco y la historia. Actas del V simpósio español sobre Plutarco*. Zaragoza.
- L. A. Tritle, 'Alexander and the Greeks', in W. Heckel and L. A. Tritle (2009), *Alexander the Great. A new history*, London, Wiley-Blackwell.
- A. E. Wardman, 'Plutarch and Alexander', *CQ* 5. 1-2, 1955, 96-107.
- C. B. Welles, 'The discovery of Sarapis and the foundation of Alexandria', *Historia* 11. 3, 1962, 272
- T. Whitmarsh, 'Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism', *CQ* 52. 1, 2002, 174-192.
- P. C. T. Zuruga, 'La arete en la época helenística', *Nova Tellus* 9-10, 1991-1992, 289-301.

(Página deixada propositadamente em branco)

PLUTARCO

*A FORTUNA OU A VIRTUDE
DE ALEXANDRE MAGNO*

(Página deixada propositadamente em branco)

A FORTUNA OU A VIRTUDE DE ALEXANDRE MAGNO I

I 326D Este é o discurso da Fortuna, que declara ser Alexandre trabalho exclusivo seu e de suas próprias mãos. É necessário, porém, contradizê-la em nome da Filosofia, ou melhor, em nome de Alexandre, que se indigna e penosamente suporta se se acreditar ter sido gratuitamente, mesmo que seja das mãos da própria Fortuna, que recebeu o império; império esse que a custo de muito sangue e de feridas contínuas conquistou.

E «Muitas noites em vigília se manteve,
dias sangrentos suportou em guerra»⁵⁵

Foram invencíveis as forças, inumeráveis as tribos, os rios intransponíveis e as montanhas por flechas inalcançáveis que, com sabedoria, coragem, firmeza e temperança ele enfrentou.

II Eu penso que à Fortuna que atribui a si os sucessos por ele obtidos Alexandre iria dizer: «Não calunies a minha virtude nem te dêes ao capricho de me arrebatara fama. Dario foi obra tua, ele que, de escravo e emissário real, senhor dos Persas fizeste⁵⁶; e Sardanapalo⁵⁷, F que cingiste com o diadema real,

⁵⁵ Hom. *Il.* 9.325-326.

⁵⁶ Dario III assumiu o trono em 336. Em 334 a. C., enfrentou Alexandre às margens do rio Granico; em 333, em Isso e em 331 em Gaugamelos. Morreu assassinado por Besso, sátrapa da Bactriana, depois de haver deixado a cidade de Ecbátana. Possivelmente Plutarco segue aqui a versão que o considerava um mensageiro, cf. Str. 15.3.24 e Ael. *VH* 12.43. É paradigma de rei fortunado, cf. *Moralia* 329D, 332F, 337E, 338D, 338E, 341B, 342E, 343B, 344B.

⁵⁷ Nome grego equivalente ao assírio rei Assurbanipal. É recordado como um soberano riquíssimo e efeminado, sendo usado pela retórica e

quando se ocupava em tecer a púrpura. Enquanto eu, vencedor em Arbela, alcancei Susa, e a Cilícia abriu para mim as vias do Egípto, Cilícia que, por sua vez, me facultou o Granico⁵⁸, que atravessei, como por uma ponte, sobre os cadáveres de Mitridates⁵⁹ e Espiritridates⁶⁰. Adorna-te, ó Fortuna, e glorifica-te de reis que não se feriram nem se sujaram de sangue: aqueles, portanto, verdadeiramente ‘afortunados’, **327A** Oco e Artaxerxes⁶¹, os quais recém nascidos tu acomodaste no trono de Ciro. No que diz respeito ao meu corpo, são muitos os sintomas que carrega de uma Fortuna adversária e não aliada.

Primeiramente, entre os Ilírios, em minha cabeça por uma pedra e em meu pescoço por um maço fui ferido. Depois, perto do Granico, minha cabeça foi aberta por um punhal bárbaro; em Isso, por uma espada minha coxa; junto a Gaza, meu tornozelo foi flechado, e meu ombro, tendo caído como um punhado

pelos *diatribes* como exemplo de vício. É, portanto, exemplo de obra da Fortuna, em contraposição a Alexandre cuja virtude é ressaltada. É-lhe descrita a tumba, possivelmente visitada pelo Macedônio em passagem pelo Anquiale na batalha de Isso. (*Moralia* 330F).

⁵⁸ Rio de pequeno curso, situado na Tróade e na Frígia, que desaguava no mar de Mármara. Sobre esta luta nas margens do Granico, cf.: Arr. *An.* 1. 13-16; D. S. 17. 18. 4; Plu *Alex.* 16 e *Moralia* 341AB.

⁵⁹ General de Dario III: cf. Arr. *An.* 1.15.7, 16.3.

⁶⁰ Sátropa persa da Iónia e da Lídia no tempo de Dario III. Cf. Plu *Alex.* 16; Arr. *An.* 1.12.8, 1.16.3. Foi morto por Alexandre com um golpe de lança. Antes de sucumbir, porém, provocou no Macedônio uma ferida (cf. *Moralia* 327A e 341AB).

⁶¹ Oco era o nome de Artaxerxes III antes de chegar ao trono sendo, por isso, geralmente referido como Artaxerxes III Oco; mas no Irão ele é conhecido como Ardeshir III. Foi assassinado numa conjuração do palácio liderada pelo eunuco Bagoas que colocou no trono Arsés (?-336 a. C.). Este foi imperador da dinastia aquemênida entre 338 e 336 a. C., quando foi assassinado e sucedido pelo seu primo Dario III, último rei aquemênida. Ambos foram referidos por Plutarco como exemplos de reis que se sentaram no trono desde nascença, como contraposto a Alexandre a que foi necessário afirmar sua autoridade. Sobre este rei, cf. D. S. 17.5; Arr. *An.* 2.14; Soares (2008) 51-68.

de areia⁶² da sela, torci-o. Em Maracanda, fendeu-se o osso⁶³ da minha perna atingido por uma seta; restam ainda, entre os Indianos, as feridas e a violência da fome. **B** Entre os Aspasianos, meu ombro foi flechado, entre os Gândridas, minha perna. Entre os Málios, um dardo lançado por um arco penetrou meu peito e alojou profundamente seu ferro, e um porrete me feriu o pescoço, quando as escadas apoiadas nas muralhas se partiram. A Fortuna me encurralou sozinho, favorecendo com tamanha façanha não ilustres adversários, mas desconhecidos bárbaros. Se Ptolemeu me não tivesse protegido com o escudo, e Limeneu, por sua vez, não tivesse, indo de encontro a inúmeros dardos, em meu lugar caído morto, e os Macedónios não tivessem destruído com coragem e força as muralhas, forçosamente aconteceria que aquele bárbaro e anônimo local se convertesse no túmulo de Alexandre».

III C Junte-se-lhe as dificuldades próprias da expedição militar: intempéries, secas, profundidade dos rios, picos inacessíveis às aves⁶⁴, a aparição de feras extraordinárias, modos selvagens de vida, a mudança constante de soberanos, as repetidas

⁶² Diversas são as interpretações para esse passo. A primeira versão dos códigos, segundo D'Angelo (1998) 152-155, era «τὸν δ' ὄμιον ἐμπεισὼν βαρὺς ἐξ ἔδρας περιεδίνησα», cuja tradução seria «tendo caído brusca-mente da sela, torcio ombro» que nos parece mais verossímil ao estilo de Plutarco. Todavia, na edição que seguimos, Nachstädt (1971) 77 altera o passo para «ἐμπεισὼν βῶλος ἐξ ἔδρας περιεδίνησε».

⁶³ Há divergências em relação ao local em que foi ferido Alexandre. Segundo Arriano (*An.* 3.30.11), Alexandre foi trespassado na fíbula e não na tíbia. Curt. (7.6.3), entretanto, situa a região da ferida no meio da perna.

⁶⁴ Passo de difícil interpretação; possivelmente se refere à tomada da rocha de Aorno (cf. Str. 15.1.8) que ocorreu em 327 a. C. O *Thesaurus Graecae Linguae* s. v. ἄορνος, remete-nos ao passo de Plutarco como uma referência à rocha mencionada por Luc. *Herm.* 4. É provável que outros testemunhos se refiram à conquista da mesma rocha: Arr. *An.* 4.28-30, D. S. 17.85.2, Curt. 8.11.1-25 e Plu. *Alex.* 58-5.

traições. Também houve dificuldades antes das expedições: por causa das guerras de Filipe, a Grécia ainda ofegava; Tebas sacudia a poeira das armas de Queroneia e levantava-se de uma queda e Atenas unia-se a ela estendendo-lhe as mãos em sinal de amizade. Toda a Macedónia se inflamava de olhos postos em Amintas e nos filhos de Aéropo⁶⁵. Os Ilírios rebelavam-se, e as questões dos Citas afetavam os seus vizinhos, que meditavam revoluções; **D**o ouro persa fluía por todo o lugar pelas mãos dos demagogos e agitava o Peloponeso. Vazios, entretanto, encontravam-se os tesouros de Filipe, a que se somava ainda uma dívida, segundo relata Onesícrito⁶⁶, de duzentos talentos. Em tal situação de pobreza e de extrema agitação, um jovem que mal ultrapassava ainda a fase infantil⁶⁷ ousou ambicionar a conquista da Babilónia e de Susa; ou melhor, concebeu o plano de governar toda a humanidade, contando apenas com trinta mil soldados de infantaria, conforme me consta, e quatro mil cavaleiros. Tal era o número das suas forças, de fato, de acordo com Aristobulo⁶⁸. O rei Ptolemeu, por outro lado, contabilizou

⁶⁵ Heromenes e Arrabeu, filhos de Aéropo, foram condenados à morte pela acusação de terem participado do assassinato de Filipe (Cf. Arr. *An.* 1.25.1-2; D. S. 17.80.2; Curt. 7.1.1). Alexandre de Lincestes, todavia, foi poupado porque buscou afastar de si qualquer suspeita, reconhecendo a autoridade do novo rei e jurando lealdade. Foi, por isso, posteriormente nomeado comandante da cavalaria tessália, mostrando-se eficaz nos deveres militares. Mas, ele sempre foi motivo das suspeitas de alguns companheiros de Alexandre. Em 334 a. C., foi acusado de conjurar contra o rei Macedónio em favor de Dario (cf. Arr. *An.* 1.25) e, por isso, após ter sido preso, quatro anos mais tarde, foi condenado à morte. (Cf. D. S. 17.80.2; Curt. 7.1.1).

⁶⁶ Onesícrito foi o primeiro a contrapor implicitamente o viático em dinheiro ao verdadeiro viático, aquele dos valores, que a Filosofia ensinou a Alexandre (*Moralia* 327 EF).

⁶⁷ Alexandre, que nasceu em 356 a. C., realizou a expedição contra a Pérsia com apenas 21 anos (*Moralia* 342BD). A precocidade e a escassez são utilizadas como argumentos retóricos nesse discurso.

⁶⁸ *Vide supra* «Fontes e métodos».

trinta mil soldados a pé e cinco mil a cavalo; E conforme Anaxímenes, quarenta e três mil de infantaria e 5.500 montados. A notável e grandiosa provisão de viagem disponibilizada pela Fortuna era de setenta talentos, segundo nos narra Aristobulo; segundo Duris, entretanto, consistia em mantimentos⁶⁹ para apenas trinta dias.

IV Foi então imprudente e precipitado Alexandre, dispondo destas condições modestas, ter, contra tão grande força, ousado declarar guerra? De maneira nenhuma. Pois quem é que partiu de bases maiores ou mais belas - magnanimidade, inteligência, temperança, coragem -, com as quais a Filosofia o equipou para a expedição? **F** Sim, pode-se dizer que recebeu mais formação de Aristóteles seu professor do que de Filipe seu pai, quando investiu em campanha contra a Pérsia. Sem dúvida acreditamos naqueles que escrevem que Alexandre disse uma vez que a *Iliada* e a *Odisseia* o seguiam como mantimento da expedição, e honramos assim Homero. E contestaríamos se alguém afirmasse que a *Iliada* e a *Odisseia* **328A** o seguiam como estímulo na fadiga e como ocupação em doces momentos de lazer, mas que o verdadeiro mantimento consistia nos raciocínios filosóficos e nos tratados sobre o desprezo do medo, coragem, temperança, magnanimidade? Isso porque evidentemente sobre silogismos nada escreveu nem sobre axiomas⁷⁰, nem de caminhadas no

⁶⁹ Plutarco opta aqui pelo argumento quantitativo de trinta dias, que na mesma oração é também atribuído a Filarco (*Moralia* 342D), diferentemente da referência mais generalista aos mantimentos (ἐφόδια) em outros trechos (*Moralia* 342 D, *Alex.* 15.1). Sobre os dados fornecidos por Plutarco, cf. Plb. 12.19.1, Liv. 9.19.5; D. S. 17.17.3-4; Arr. *An.* 1.11.3; Iust. 11.6.2.

⁷⁰ Possivelmente, por «axioma» Plutarco refere-se à definição aristotélica que o identifica como um enunciado verdadeiro, mas indemonstrável, base do processo científico. Havia ainda a concepção estoica do termo: um ponto de partida para qualquer raciocínio. Como Plutarco faz uma referência pontual, é difícil precisar se adquire um sentido específico ou lato.

Liceu participou nem teses na Academia disputou. São estes os critérios de quem circunscreve a Filosofia pensando-a como teoria e não como prática. E, contudo, nem Pitágoras, nem Sócrates, nem Arcesilau⁷¹ nem Carnéades⁷², os mais famosos dos filósofos, escreveram fosse o que fosse. Nem estes filósofos se ocupavam de guerras de tal dimensão, nem iam pela terra **B** a civilizar chefes bárbaros, nem a fundar cidades helenas entre populações selvagens, nem a ensinar a lei e a paz a tribos desregradas e ignorantes; pois apesar de disporem de tempo livre, deixaram aos sofistas a missão de escrever. De onde lhes vem então o reconhecimento como filósofos? A partir daquilo que disseram ou a partir do modo de vida que praticaram ou a partir daquilo que ensinaram. Sob esses critérios, portanto, há de se julgar também Alexandre: a partir do que disse, do que fez, do que ensinou é que ele pode ser considerado um filósofo.

V E primeiramente, se quiseres, observa o que é mais impressionante, comparando os discípulos de Alexandre com os de Platão e de Sócrates. Estes instruíram jovens de natureza nobre e **C** que falavam a mesma língua, de modo que se não outra coisa, ao menos o idioma grego compreendiam; mesmo assim, não convenceram muitos, pois os Crítias⁷³, os Alcibíades e os Clitofonte rejeitaram sua doutrina, como os cavalos refutam o freio, e tomaram outro caminho. Se observares a atividade educacional de Alexandre, por outro lado, verás que ensinou aos

⁷¹ Arcesilau, líder da academia platônica (-315-240 a. C.) onde introduziu a filosofia estoica.

⁷² Carnéades (219-129 a. C.) foi líder da academia platônica.

⁷³ Entre os «discípulos» de Sócrates, há duas personagens ilustres: Crítias, que foi um dos trinta tiranos, Alcibíades, que foi um político destacado e controverso na última fase da guerra do Peloponeso e uma terceira menos conhecida, Clitofonte, que desenvolveu em Atenas um papel político secundário. Cf. D'Angelo (1998) 186.

Hircanos⁷⁴ o casamento e a cultivar o campo aos Aracósios⁷⁵; os Sogdianos convenceu-os a assistir seus pais e não a matá-los; os Persas⁷⁶ a reverenciar as mães e não a desposá-las. Ó admirável Filosofia, graças à qual os Indos adoram deuses gregos, e os Citas⁷⁷ enterram seus mortos em vez de os comerem. Admiramos D o poder de Carnéades, que fez Clitômaco⁷⁸, um cartaginês de origem, primeiramente chamado Asdrubal, adotar costumes gregos; admiramos o caráter de Zenão que convenceu Diógenes da Babilónia⁷⁹ a dedicar-se à Filosofia; mas, quando Alexandre civilizava a Ásia, Homero era lido, os filhos dos Persas, dos Susianos e dos Gedrósios entoavam as tragédias de Eurípides e Sófocles, ao passo que Sócrates, porque introduziu divindades

⁷⁴ Os Hircanos habitavam a região compreendida entre o mar Cáspio (mar hircano) e a Ásia e juntamente com os Partos formavam uma das satrapias mais isoladas do império persa. Cf. Hdt. 3. 117; 3. 89.

⁷⁵ Aracósia (Afeganistão ocidental) constituía com a Drangiana (Irão oriental) uma satrapia que se estendia ao sul de Paropamisos (Hindukush) chegando, nos limites em sua parte oriental, à planície do Indo. Essa região montanhosa era habitada por uma população prevalentemente nômade; em 330 a. C., porém, Alexandre fundou a Alexandria de Aracósia para funcionar como uma guarnição estável ao longo da via de acesso ao império persa. Esta se tornou, assim, estratégica militar e economicamente.

⁷⁶ Era entre os Gregos uma opinião divulgada e comum a de que os Persas costumavam ter relações incestuosas, que nascia possivelmente do fato de o jovem rei herdar do seu pai o *harém*, do qual a mulher mais jovem do pai constituiria o primeiro elemento (cf. S. Tr. 1221-1251).

⁷⁷ Já Heródoto se referiu aos Citas como uma população de antropófagos (cf. 1.216), possivelmente por uma generalização de hábitos circunscritos a pequenos grupos. Sobre os Citas, *Vide infra* nota 211.

⁷⁸ Clitômaco, cartaginês, ensinou Filosofia em sua pátria, mas, ao mudar-se para Atenas, foi introduzido por Carnéades à língua grega e tornou-se grande divulgador da doutrina de seu mestre. Cf. D. L. 4.67.

⁷⁹ Plutarco refere-se a Diógenes de Selúcia (240-152 a. C.), que foi aluno de Crisipo e que teria convertido Zenão de Císio ao Estoicismo. Segundo D'Angelo (1998) 189-190, todavia, é mais provável que se refira a Zenão de Tarso, aluno de Crisipo, e não a Zenão de Císio, pois Diógenes, também conhecido como da Babilónia (D. L. 6.81), nasce cerca de vinte anos depois da morte de Zenão de Císio.

estrangeiras, foi condenado por caluniadores atenienses; através de Alexandre ainda os povos da Bactriana e do Cáucaso⁸⁰ aprenderam a adorar as divindades gregas. Platão, por fim, descreveu uma república ideal, que não convenceu ninguém a usar **E** pela sua austeridade, mas Alexandre, construindo mais do que setenta cidades em etnias bárbaras, semeou a Ásia com magistraturas gregas e assim superou seu modo de vida selvagem e animalesco. Embora, entre nós, poucos sejam os que lêem as *Leis* de Platão, milhares de homens fizeram e fazem uso das leis de Alexandre. Mais felizes do que os que dele escaparam são os conquistados por Alexandre; porque àqueles ninguém interrompeu a vida miserável, enquanto estes, os derrotados, obrigava-os o vencedor a ter uma vida beata. Por isso, aquilo que disse Temístocles⁸¹ (quando, exilado, obteve do rei ricos presentes e dele recebeu três cidades que lhe pagariam impostos, **F** uma para o pão, a segunda para o vinho e a terceira para as iguarias) - «Meus filhos, estaríamos agora arruinados, se não estivéssemos arruinados antes» -, seria mais justo dizer a respeito dos que foram subjulgados por Alexandre, que «Não teriam sido civilizados se não tivessem sido conquistados». Não teria sua Alexandria o Egípto,

⁸⁰ Plutarco não se refere à cadeia montanhosa, mas à cidade de Alexandria ao sul do Cáucaso, fundada por Alexandre em 329 a. C. na região de Paropamisso (cf. Str. 15.2.10, Arr. *An.* 3.28.44-5). Não se trata do Cáucaso Cítico, ou seja, da cadeia montanhosa localizada entre o mar Cáspio e o mar Negro, mas da cadeia contemporânea de Hindu-Kush, que corresponde ao antigo Paropamisso. Também Arriano chama de Cáucaso o Paropamisso. Em outro passo, entretanto, Arriano recebe a crítica de Eratóstenes, que queria restituir ao monte o seu verdadeiro nome, e afirma: «No relato deles, os Macedônios moveram a montanha do Cáucaso do Ponto para a zona oriental da terra e a região do Paropamisso para os Indianos, chamando Cáucaso àquele que é o monte Paropamisso para dar glória a Alexandre».

⁸¹ As cidades assinaladas como dádiva do Grande Rei a Temístocles foram Magnésia, Lâmpsaco e Miunte.

nem a Mesopotâmia Selêucia; nem sua Proftasia⁸² a Sogdiana, nem a Índia sua Bucéfala⁸³, nem uma cidade grega a circundar o Cáucaso⁸⁴. **329A** Com a fundação dessas cidades, extinguiu-se a barbárie e, pelo convívio, substituíram-se os piores costumes pelos bons. Se então os filósofos muito se orgulham de civilizar e melhorar as índoles intratáveis e ignorantes, e Alexandre de sua parte mostrou ter modificado inumeráveis povos e naturezas selvagens, é justo que ele possa ser considerado como o maior dos filósofos.

VI A *República*, muito admirada, de Zenão, o fundador da escola estoica, pode ser invocada sobre este princípio fundamental: que nós não devamos viver divididos em cidades nem povoações, diferindo uns dos outros por leis próprias, mas consideremos todos os homens da mesma comunidade e concidadãos; **B** e que única seja a vida e único o mundo, quase como se fosse um rebanho que sob as mesmas leis conjuntamente pastasse. Eis o que escreveu Zenão, imaginando uma espécie de sonho ou imagem de um bom governo e de uma república inspirada na filosofia; Alexandre, todavia, à teoria forneceu a atuação prática. Não seguiu, portanto, o que Aristóteles lhe aconselhou: a comportar-se para com os Gregos, como líder, e perante os bárbaros, como tirano; cuidando daqueles como um de seus amigos e parentes; estes, tratando-os como animais

⁸² Plutarco possivelmente comete um erro, já que a cidade de Proftasia foi fundada em Drangiana e não em Sogdiana. Cf. Str. 11.8.9, 15.2.89; Plin. *Nat.* 6.17.21 e 6.23, 25.

⁸³ Bucéfala, que portava o nome do cavalo de Alexandre, Bucéfalo, foi fundada em Niceia, sobre a margem direita do rio Hidaspes (326 a. C.), durante a campanha da Índia.

⁸⁴ A Alexandria do Cáucaso era situada nas proximidades do rio Cope e ocupava uma posição geográfica estrategicamente importante, sendo o cruzamento do trânsito proveniente da Ária, da Báttria e da Índia. Sobre a fundação dessa cidade e a caracterização do monte Cáucaso, cf. Str. 15.2.10 e Arr. *An.* 3.28.4-5.

e plantas, pois assim teria enchido seu império de exilados, de muitas guerras e de revoltas internas; mas, considerando-se enviado por uma divindade como governador comum e conciliador de todos, **C** àqueles que pela razão não conseguia reunir, aplicava a força das armas e em um só corpo reuniu membros disseminados de todos os lugares, como se misturasse em uma taça de amizade a vida, os costumes, os casamentos e os modos de viver; ordenou a todos que considerassem como sua pátria a terra habitada, como fortaleza e local protegido o acampamento, como familiares os que são bons, como estrangeiros os que são maus; os Gregos e os bárbaros que os não distinguissem pelo manto, pelo escudo, pela espada ou pelo vestuário, mas que reconhecessem o helênico pela virtude e o bárbaro pelo vício; que comuns **D** considerassem as roupas, os alimentos, os casamentos e os modos de vida, estreitados através do sangue e dos filhos.

VII Então, Demarato de Corinto⁸⁵, um dos hóspedes e amigos de Filipe, quando viu Alexandre em Susa, ficou extremamente contente e movido às lágrimas; e disse que aqueles Gregos que haviam morrido anteriormente foram privados de grande alegria por não ver Alexandre sentado no trono de Dario. Eu, entretanto, por Zeus, não invejo nenhum dos que assistiram a esse espetáculo, já que este foi obra da Fortuna e comum de outros reis. Mas àquelas belas e sagradas núpcias⁸⁶

⁸⁵ Demarato de Corinto, personagem eminente na própria cidade, foi embaixador em Siracusa em 345 a. C. e uma das figuras mais importantes no grupo que apoiava os Macedônios. Ligado à família real por vínculos de amizade e hospitalidade (*Alex.* 9.12-14), seguiu Alexandre desde a batalha de Granico. Esse episódio das lágrimas de Demarato ocorre duas vezes em *Alex.* (37.7, 56.1-2), e também em outras fontes como D. S. 17.66.3, Curt. 5.2.13

⁸⁶ O festejo do casamento de jovens Macedônios com moças persas durou cinco dias (abril de 324 a. C.) e foi celebrado em Susa (*Alex.* 70.3).

gostaria de ter assistido, **E** quando em uma tenda decorada a ouro, Alexandre uniu em matrimônio cem noivas persas e cem noivos Macedônios e gregos, reunidos em torno de uma mesa comum e de um altar; ele mesmo, de coroa na cabeça, primeiro executou o himeneu, como se estivesse cantando uma canção de verdadeira amizade, pela união dos dois maiores e mais potentes povos em comunhão recíproca; ele próprio conduziu uma noiva e de todas foi paraninfo e simultaneamente pai e governante. Voluntariamente, de fato, eu devia ter gritado «Ó bárbaro Xerxes, que estupidez a tua, que em vão tanto esforço investiste na ponte sobre o Helesponto; é desse modo que os reis inteligentes ligam a Ásia à Europa, não por troncos ou pontes de barcos, nem por cadeias sem vida ou sem sentimento, **F** mas ligando os povos pelo amor legítimo, por núpcias castas e pela comunhão de filhos».

VIII Ao considerar a organização deste tipo de questões, Alexandre não adotou a vestimenta meda, mas a persa, muito mais modesta do que a dos Medos. De fato, recusou os exagerados e teatrais **330A** ornamentos bárbaros (como a tiara, o caftan e as calças⁸⁷); segundo o relato de Eratóstenes⁸⁸, passou a usar uma veste que misturava os hábitos persas com os macedônios. Como filósofo, considerava esses costumes indiferentes, mas como líder comum e rei humanitário, pelo respeito às vestes esforçou-se por conquistar a benevolência dos dominados, para que continuassem constantes em amar os Macedônios como governantes, não os odiando como inimigos. Pelo contrário, portanto, era marca de uma mente ignorante e ufana admirar um manto de uma única cor e desprezar, **B** ao invés, uma

⁸⁷ Plutarco afirma que Alexandre recusou usar os elementos mais vistosos das vestimentas reais bárbaras, isto é a tiara, calças e túnica. Cf. *X. Cyr.* 8.3.13; *D. S.* 17.775.

⁸⁸ Cf. *Alex.* 45.1-4.

túnica bordada de púrpura, ou vice-versa desdenhar aquelas e por estas ficar estupefato, como uma criança irracional se agarra às vestes que são costumeiras em seu país conforme a ama o vestiu. Quando caçam animais selvagens, os homens vestem pele de cervo, cobrem-se com uma pequena túnica emplumada aqueles que vão à caça de pássaros, e cuidam também de não ser vistos por touros usando roupas vermelhas, ou pelos elefantes em vestes brancas; porque, de fato, estes animais irritam-se e enfurecem-se por causa de tais cores. E um grande rei se, para domesticar e amansar povos irredutíveis e guerreiros, como animais, adoça e os suaviza, ao adotar roupas familiares e **C** modos de vida a que estão habituados, de forma a conciliar os ânimos mal-humorados e a moderar olhares carregados, merece reprovação? Não deveríamos, ao invés, admirar sua sabedoria, porque com uma simples mudança de hábitos dominou a Ásia, conquistando com armas os corpos, conduzindo com vestes as almas? E, no entanto, admiram Aristipo, discípulo de Sócrates, porque ora se vestindo com um manto surrado ora com uma túnica milésia, com ambos conservou o decoro; Alexandre, porém, acusam-no, porque embora honrando o traje pátrio, não o superestima ao dos que venceu pela lança, construindo as bases de um vasto império. Não foi, portanto, como pirata **D** que percorreu a Ásia nem tinha em mente devastá-la e pilhá-la como saque e espólio de uma boa sorte inesperada, no modo como posteriormente Aníbal fez quando invadiu a Itália⁸⁹, ou como,

⁸⁹ Aníbal e seu exército, ao qual se incluíam elefantes de guerra, partiram da Hispânia e atravessaram os Pireneus e os Alpes com o objetivo não de conquistar Roma, mas de devastar parte do território e evidenciar aos sócios romanos a fragilidade militar dessa cidade. Por isso, derrotou os Romanos em grandes batalhas campais como a do lago Trasimeno ou a de Canas, mas nunca declarou guerra, pois seu objetivo não era a dominação, mas a simples ocupação de modo a fragilizar o império. Por isso, foi comparado à figura de pirata que ocupa, devasta e saqueia

no passado, os Treres quando invadiram a Iónia e os Citas a Média. Alexandre, ao invés, desse modo esquematizou sua ação porque queria que a terra fosse submetida a um único império e a uma única forma de governo e desejava declarar todos os homens um só povo. E se a divindade que enviou à terra a alma de Alexandre não o tivesse chamado de volta rapidamente, a uma lei ele teria submetido todos os homens, de olhos postos numa única Justiça como fonte de uma luz universal. Agora, ao invés, uma parte da terra permanece sem sol, aquela que nunca viu Alexandre.

IX E Assim, em primeiro lugar, o plano de expedição define Alexandre como filósofo, como aquele que para si não buscou facilidade e luxo, mas se empenhou em proporcionar a todos os homens a concórdia, a paz e a comunhão recíproca. Em segundo lugar, examinemos suas palavras, porque é, sobretudo, com os dizeres que as almas de outros reis e príncipes lhes revelam o carácter. O velho Antígono⁹⁰, a um sofista que lhe oferecera uma obra sobre a justiça, disse: «Que ingenuidade a tua, que, vendo-me devastar as cidades dos outros, me vens falar de justiça». F Dionísio, o tirano⁹¹, aconselhava a enganar as crianças com astrágalos, e os homens com juramentos. No sepulcro de Sardanapalo⁹² está escrito:

«Isto é o que tenho, o que comi e o que soberbamente cometi».

as regiões costeiras por onde passa. Aqui, propositalmente, Plutarco compara a empresa de Aníbal com a de bárbaros Treres e Citas, também invasores e depredadores de territórios.

⁹⁰ Antígono, o Velho, foi um dos generais de Alexandre que assumiu, após a morte do rei Macedónio, o governo da Frígia e da Lídia. Nos anos seguintes, lutou contra os Diádocos (sucessores de Alexandre), cf. *Moralia* 337A, *Alex.* 77.3; Ps. Plu. *Reg. Et imp. Apoph.* 172D.

⁹¹ Trata-se de Dionísio I, tirano de Siracusa (405-367 a. C.). Em *Moralia* 229B o mesmo dito é atribuído a Lisandro.

⁹² *Vide supra* nota 57.

Quem não diria, a partir desses ditos, que o primeiro manifesta amor aos prazeres, o segundo impiedade aos deuses e o terceiro injustiça e avidez? Mas se, ao invés disso, se retirar dos dizeres de Alexandre a referência ao seu diadema real, à sua descendência de Âmon e à sua nobreza de nascimento, eles vão parecer provir **331A** de Sócrates ou Platão ou Pitágoras. Não nos detenhamos nos encômios que os poetas gravam nas suas imagens e estátuas, que não objetivam mostrar a moderação, mas a potência de Alexandre.

«Como se falasse, a estátua de bronze parecia dizer de olhos postos em Zeus:

Deixa a terra comigo. Tu, ó Zeus, já o Olimpo deténs».

Ou ainda:

«Eu sou Alexandre, filho de Zeus».

Estas são palavras, portanto, que os poetas lhe dirigiam para adular sua fortuna; em contrapartida, dos autênticos dizeres de Alexandre, pode-se primeiro revisar os da infância. **B** De fato, quando se tornou o de pés mais velozes dentre os jovens de sua idade, e porque seus companheiros o incitaram a participar dos jogos em Olímpia, ele perguntou se os seus oponentes eram reis. Ao ouvir dos companheiros que não, afirmou tratar-se de uma disputa injusta, na qual venceria gente comum, mas seria vencido como rei. Quando a coxa de seu pai Filipe foi trespassada por uma lança na batalha contra os Tribalos, e apesar de ter escapado do perigo, ele permaneceu atormentado por ter ficado coxo, disse Alexandre: «Coragem, pai, vai em frente gloriosamente, para que a cada passo desse caminho te recordes da tua virtude». Essas palavras não são fruto de um espírito de filósofo que, por uma inspiração divina para o que é belo, **C** luta contra as fraquezas do corpo? Como, então, conceber que ele tenha glorificado suas próprias feridas? Quando cada parte de seu corpo lhe lembrava povos, vitórias, cidades conquistadas e

reis feitos prisioneiros, ele não cobria nem escondia as cicatrizes, mas como imagens de virtude e coragem esculpidas em seu corpo as divulgou!

X Além disso, se em algum momento acontecesse uma comparação entre versos de Homero, em conversas ou durante os banquetes, onde havia quem preferisse um verso a outro, Alexandre como o que superava todos os outros considerava este:

«é um rei excelente e um forte lanceiro»⁹³.

D Pensava que esse elogio, que outro recebera no passado, funcionasse como lei para si, ao ponto de dizer que Homero com o mesmo verso celebrara a coragem de Agamémnon e profetizara a de Alexandre. Portanto, depois de atravessar o Helesponto, foi ver Tróia⁹⁴ fazendo reviver os feitos heróicos; e quando um dos habitantes do lugar se propôs oferecer-lhe a lira de Páris, se ele a desejasse, disse: «De nenhuma maneira da lira desse necessito, porque a de Aquiles possuo, ao som da qual ele, nos momentos de lazer, ‘cantava os famosos feitos dos heróis’⁹⁵. A lira de Páris, por sua vez, tocou uma harmonia mole e efeminada apta às canções de amor». **E** É característico da alma de um filósofo amar a sabedoria e admirar sobretudo os sábios. Esta foi uma característica inerente a Alexandre como a nenhum dos outros reis. Já se mencionou sua atitude perante Aristóteles e que julgava ser o músico Anaxarco o mais valoroso

⁹³ Cf. supra n. 36.

⁹⁴ Tróia representa o primeiro momento em que a Grécia se uniu em uma campanha (cf. Thuc. 1), situação que veio a repetir-se contra a Pérsia e Xerxes e cuja última versão se desenrola na campanha de Alexandre. A referência às honras prestadas por Alexandre aos heróis se dá a fim de valorizar a sua atitude filosófica.

⁹⁵ A referência se situa no momento em que vem ao encontro de Aquiles o grupo de guerreiros liderados por Ulisses, com o objetivo de tentá-lo persuadir a retornar à refrega. Cf. *Il.* 9.186-189.

de seus amigos. A Pírrro de Élis, na primeira vez que o encontrou, deu-lhe dez mil moedas de ouro, a Xenócrates, o amigo de Platão, enviou cinquenta talentos como presente, e Onesícrito, o pupilo de Diógenes⁹⁶ o cínico, fê-lo o primeiro piloto de sua frota, o que é por muitos contado. Quando veio a Corinto para se encontrar com Diógenes, F foi tomado de tal emoção e de tal espanto pela vida e pela dignidade daquele homem que diversas vezes, ao recordar-se dele, dizia: «Se eu não fosse Alexandre, seria Diógenes», isto é, «dedicar-me-ia ao estudo da filosofia teórica, se com minhas ações já não filosofasse». Não disse “se eu não fosse rei, seria Diógenes” nem “se não fosse rico nem de nobreza argéada⁹⁷”. **332A** Não superestimou a fortuna à sabedoria, nem a púrpura e o diadema ao alforje e ao manto surrado do filósofo. Mas disse: “Se não fosse Alexandre, seria Diógenes” isto é “se não tivesse em mente unificar os bárbaros com os Helenos e, percorrendo todo o continente, não pensasse em civilizá-los, se, investigando os confins da terra e do mar, não tencionasse estender as fronteiras da Macedónia até o oceano, se não objetivasse difundir a Grécia no mundo e disseminar em todas as nações a justiça e a paz, não me sentaria num trono inútil de luxo, mas imitaria a frugalidade de Diógenes. Desculpe-me,

⁹⁶ Diógenes de Sínope (404-314 a. C.), dito o Cínico, que foi aluno de Antístenes, fundador da escola cínica. Anaxarco de Abdera (IV a. C.), seguidor do atomista Demócrito, dono de singular apatia e serenidade, ficou conhecido por «Eudemónico» («aquele que dispõe de um bom espírito», D. L. 9.58-60). Seguiu Alexandre na sua expedição ao oriente (*Alex.* 8.5, 28. 4-5, 52. 4-9) e foi não só um amigo, mas também um adular do rei (*Moralia* 781AB, 179F-180A; Arr. *An.* 4.9.7). Pírrro de Élis foi aluno de Anaxarco que integrou a expedição à Ásia, onde conheceu os gimnosofistas indianos, dos quais desenvolveu seu pensamento cético conhecido por pirronismo. Xenócrates da Calcedónia acompanhou seu mestre Platão à Sicília e se dedicou à atividade filosófica, tornando-se líder da Academia depois de Espeusipo, de 339 a 315 a. C.

⁹⁷ Esta foi a dinastia mais importante dos reis da antiga Macedónia, da qual fizeram parte Filipe II e Alexandre.

todavia, Diógenes, mas imito Hércules e emulo Perseu e **B** sigo as pegadas de Dioniso, o deus progenitor e ascendente primeiro de minha família, desejo que novamente na Índia os coros de gregos vitoriosos dancem e que se revivam as festas báquicas entre as tribos das montanhas agrestes para lá do Cáucaso. Diz-se que lá há homens santos, autônomos e adaptados a uma rígida gimnosofia, que consagram o seu tempo a deus; mais frugais que Diógenes, nem de alforje necessitam, pois não armazenam alimento, fresco sempre e recente o têm da terra. O que beber oferecem-lhes os rios. As folhas caídas das árvores e a grama da terra servem-lhes de leite. Por meu intermédio é que eles conhecerão Diógenes, como Diógenes a eles. É necessário **C** que também eu forje uma nova moeda e aponha ao elemento bárbaro a marca de um governo grego.

XI Pois bem, mas as ações de Alexandre evidenciam os caprichos da fortuna, a violência da guerra e o prevalecer da força ou revelam a grande coragem unida à justiça, a notável temperança e a serenidade acompanhadas de disciplina e inteligência, de quem com julgamento sóbrio e sensato praticou cada ação? Não me é possível, pelos deuses, dizer nem diferenciar, que este ato se deve à coragem, este à humanidade, e este ao autocontrole. Mas todas as suas ações parecem misturar todas as virtudes, pelo que ele confirma, assim, aquele dito estoico segundo o qual **D** tudo aquilo que um homem sábio executa, fá-lo de acordo com todas as virtudes e, embora uma virtude, quanto parece, execute o papel protagonista de cada ação, na verdade ela invoca as outras e tendem juntas a um mesmo fim. Por isso, pode-se ver em Alexandre o guerrear humano, a serenidade corajosa, a parcimônia generosa, a cólera moderável, a paixão temperada, o relaxamento não ocioso, a dedicação ao trabalho não sem recreação. Quem combinou festas com guerras? Quem campanhas militares

com cortejos? Quem combinou assédios a cidades e combates com bacanais, núpcias e cantos de himeneu? Quem se mostrou mais hostil com os injustos e com os infelizes mais amável? Quem foi **E** mais duro com os inimigos e com os necessitados mais benevolente? Vem-me à mente referir aqui a anedota de Poro⁹⁸. Quando foi conduzido como prisioneiro, Alexandre perguntou-lhe como deveria tratá-lo. «Como rei» disse «ó Alexandre». E este insistiu: «E que mais?» «Nada», disse, «porque tudo já está contido na expressão ‘como um rei’». Também a mim, a propósito das realizações de Alexandre, sempre me vem a expressão «como um filósofo». Porque nessa tudo está contemplado. Quando se apaixonou por Roxana, a filha de Oxiartes, enquanto essa entre as cativas dançava, não a violou, mas a desposou: «como um filósofo». Quando viu Dario trespassado por um dardo, não realizou sacrifícios nem cantou o hino da vitória para indicar que uma longa guerra tinha acabado; **F** despiu o próprio manto e lançou-o sobre o corpo como se escondesse a retribuição divina que espera cada um dos reis⁹⁹. «Como um filósofo». Num outro dia, enquanto percorria uma carta confidencial de sua mãe, Heféstion, que por acaso estava sentado ao seu lado, simplesmente pôs-se a lê-la ao mesmo tempo; **333A** Alexandre não o impediu, mas colocou seu anel sobre a boca do amigo, selando o silêncio com um pacto de amizade. «Como um filósofo»¹⁰⁰. Se essas ações não são próprias de um filósofo, quais outras seriam?

⁹⁸ Poro não é um nome próprio, mas étnico e designa o rei de Paurava, um território para além do rio Hidaspes. Depois de ter sido vencido por Alexandre em 326 a. C. (*Alex.* 60-62), tornou-se seu aliado; foi morto por Eudemo, general do exército macedónico, em 318 a. C. A frase pronunciada por Poro aparece também em outras fontes, com algumas variações, cf. *Moralia* 181E, 458B; *Arr. An.* 5.19.1-3; *Curt.* 8.14.41-43.

⁹⁹ Cf. *Alex.* 43. 5-7.

¹⁰⁰ Cf. *Alex.* 39.8

XII Coloquemos lado a lado as ações daqueles que são reconhecidos como filósofos. Sócrates aceitou que Alcibiades tenha dividido o leito com ele; Alexandre, todavia, quando Filóxeno¹⁰¹, o governador da região costeira, lhe escreveu a dizer que havia um menino na Iónia cuja graça e beleza não tinha igual e o interrogou, através desta carta, sobre se lho deveria enviar, amargamente Alexandre respondeu: «Miserável, que torpeza desse tipo reconheceste tu em mim alguma vez, para me adulares com tais prazeres?». **B** Nós admiramos Xenócrates¹⁰² porque não aceitou receber os cinquenta talentos de presente enviados por Alexandre; mas com o ato de doar, não nos admiramos? Ou não consideramos ser o mesmo o desprezo pelo dinheiro daquele que recusa como daquele que presenteia? Por causa da filosofia Xenócrates não carecia de riquezas, Alexandre, entretanto, por causa da filosofia precisava delas, para poder doá-las.

Quantas vezes Alexandre disse isto¹⁰³ quando sofria um ataque violento, sob uma cortina de dardos? Certamente acreditamos que todos os homens são capazes de formular julgamentos justos, já que a natureza é um guia que conduz por si mesmo ao belo. Os filósofos, porém, diferem da maioria das pessoas por terem um critério de juízo **C** forte e sólido perante as adversidades; porque esses não fazem uso de sentenças preconcebidas do tipo «há presságio melhor do que <combater pela pátria>»¹⁰⁴

¹⁰¹ Cf. *Alex.* 22.1-2.

¹⁰² Nesse episódio percebe-se o confronto entre o filósofo que busca preservar sua árida e estéril virtude pura da contaminação do poder, e o homem de poder que quer conquistar a amizade do filósofo. Cf. *Moralia* 331E.

¹⁰³ Pelo uso comum do pronome οὗτος fica-se a supor a existência de uma referência a um dito de Alexandre. A lacuna é indicada no código *Leidensis Voss.* Gr. Q 2, séc. XV. Segundo Froidefond (1990) 129, falta uma frase pronunciada por Alexandre como «Atenienses, dá para acreditar a que perigos eu me exponho para conquistar o vosso apreço?». Essa foi atribuída por Plutarco ao Macedónio, cf. *Alex.* 60.6.

¹⁰⁴ Hom. *Il.* 12.243.

e «a morte é o fim para todos os homens»¹⁰⁵; mas, em ocasiões de perigo, quebra-se o raciocínio e as imaginações de perigos eminentes abatem o juízo. Porque «O medo» não só «perturba a memória»¹⁰⁶, segundo Tucídides, como também toda a iniciativa, a ambição e o impulso, a não ser que a filosofia os tenha envolvido com seus laços.

¹⁰⁵ Cf. D. *De Corona* 97, «πέρας μὲν γὰρ ἅπασιν ἀνθρώποις ἐστὶ τοῦ βίου θάνατος», e Plu. *Moralia* 166F «πέρας ἐστὶ τοῦ βίου πᾶσιν ἀνθρώποις ὁ θάνατος». Demóstenes e Plutarco parecem ter citado de maneira inexata um trímetro euripídiano que seria, segundo D'Angelo (1998) 241: «ὁ θάνατος ἐστ' ἅπασιν ἀνθρώποις πέρας».

¹⁰⁶ Thuc. 2.87.4.

A FORTUNA OU A VIRTUDE DE ALEXANDRE MAGNO II

I Escapou-nos, ao que parece, ontem dizer que a época de Alexandre teve a boa fortuna de produzir muitas técnicas e grandes talentos; apesar de isso talvez ter sido fruto não da fortuna de Alexandre, mas do facto de aqueles artistas terem como testemunha **333E** e espectador o juiz mais capaz de julgar seus sucessos e de os recompensar mais liberalmente. Narra-se, como exemplo, que quando Arquétrato¹⁰⁷ - mais tarde transformado num poeta refinado - vivia dias de pobreza e de obscuridade, alguém lhe disse: «Se tivesses nascido na idade de Alexandre, por cada verso ele ter-te-ia dado um Chipre ou uma Fenícia»¹⁰⁸. E penso ainda que, dentre os artistas daquele tempo, os melhores o foram não na época de Alexandre, mas graças a Alexandre. Pois, assim como um bom clima e a leveza do ar produzem uma abundância de frutos, também a benevolência, a valorização e a humanidade de um rei favorecem o desenvolvimento das técnicas e dos homens de talento; **F** e, vice-versa, pela inveja, pela avareza ou ambição dos reis extingue-se e enlanguesce todo esse tipo de criações.

O tirano Dionísio¹⁰⁹, por exemplo, ao que se conta, ouvindo

¹⁰⁷ Arquétrato de Gela foi contemporâneo de Alexandre e compôs um poema épico paródico, «Os prazeres do gosto» (*Hedypatheia*) com preceitos e receitas de gastronomia.

¹⁰⁸ Sobre as largas recompensas dadas aos artistas por Alexandre Magno, cf. *Alex.* 39, *Plin. Nat.* 35.92-93; *Hor. Ep.* 2.1.232 (que, apesar de irónico quanto à capacidade do rei Macedónio de reconhecer os verdadeiros artistas, contradizendo o que sustenta aqui Plutarco, corrobora a prática das recompensas).

¹⁰⁹ Dionísio I, o velho (430-367 a. C.), foi tirano de Siracusa e assume o poder em 405. Conquistou toda a Sicília, passando depois à Magna Grécia e ao litoral sul Adriático onde fundou Ancona. Aliado de Esparta

um celebrado citarista, prometeu-lhe um presente de um talento. No dia seguinte, quando o homem reclamou o prometido, **334A** o tirano respondeu: «ontem, deleitado por ti durante o tempo em que tocavas, eu também te deleitei com a esperança; recebeste, portanto, tua recompensa pelo fato de me teres regozijado, ao mesmo tempo que obtinhas o teu próprio regozijo».

Alexandre, o tirano de Feras¹¹⁰ (só este título lhe devia ser dado para não desonrar o nome de Alexandre), ao assistir à representação de um ator trágico, pelo prazer que lhe dava o espectáculo foi movido à comoção. Pondo-se, então, em pé, afasta-se do teatro mais depressa do que a passo normal, dizendo que era intolerável se aquele que matava tantos cidadãos fosse visto chorando pelas desventuras de Hécuba e Políxena. De modo que por pouco não penalizou também o ator, **B** por ter amolecido sua alma como se faz com o ferro. A Arquelau¹¹¹, todavia, que era tido como avaro em relação a presentes, Timóteo¹¹² cantando repetia sempre esta cantilena:

«Tu é a prata nascida da terra que estimas».

Ao que Arquelau, não sem espírito, replicou:

«É tu é a prata que pedes».

O rei dos Citas, Ânreas, depois de capturar o flautista

contra a expansão ateniense foi adversário dos cartagineses até à morte. Apesar de amante das artes e das tragédias, admirador de Eurípides, ficou famoso pela dureza e crueldade com que exerceu o poder.

¹¹⁰ Alexandre (369-358 a. C.) tirano de Feras, na Tessália, chega ao poder depois de matar o tio Polifrone por ordem da mulher, tornando-se desde a antiguidade exemplo de tirano sanguinário.

¹¹¹ Arquelau, rei da Macedónia (413-399 a. C.) filho natural de Perdicas II, foi aliado de Atenas durante a guerra do Peloponeso e procurou, mais tarde, estender sua influência sobre a região limítrofe da Macedónia. Dentre algumas reformas que ele realizou, contemplou a introdução da cultura grega no seu reino.

¹¹² Timóteo de Mileto (-V-IV a. C.) dedicou-se tanto ao ditirambo quanto ao *nomos* e é conhecido pela sua inovação musical.

Isménias¹¹³, ordenou-lhe que tocasse à mesa. Apesar da admiração e do aplauso dos restantes, o rei jurou que escutaria de melhor vontade o relinchar de um cavalo. É que os seus ouvidos eram avessos às Musas e tinha uma alma mais apta a escutar, nos estábulos, **C** não cavalos, mas asnos. Que desenvolvimento, portanto, ou que valorização da arte e das Musas perante tais reis poderia surgir? Nem com certeza junto daqueles que se armam em rivais nessas artes e, por isso, por ódio e desrespeito, oprimem os verdadeiros artistas. Tal era, uma vez mais, Dionísio, que atirou o poeta Filóxeno¹¹⁴ para uma pedreira só porque ele, depois de receber ordens para retocar uma tragédia do tirano, de imediato a reescreveu por inteiro, do início até ao fim¹¹⁵. Filipe era também, nestas matérias, por as ter aprendido tarde, inferior a si próprio e de uma prepotência imatura; um dia, pôs-se a **D** discutir com um harpista sobre como tocar a harpa, convencido até de poder refutar o sujeito; este porém, com um sorriso tranquilo, respondeu-lhe: «Oxalá nunca te aconteça nada, majestade, que te faça saber mais destas matérias do que eu».

II Alexandre, todavia, sabendo bem que em algumas matérias é preciso ser espectador e ouvinte e, em outras, campeão e artífice, exercitava-se para nas armas ser sempre valente e como cantou Ésquilo:

¹¹³ Isménias, flautista de Tebas, fazia parte dos seguidores de Filipe.

¹¹⁴ Filóxeno de Citera (435-380 a. C.), poeta lírico, famoso, sobretudo, pelos seus ditirambos, vive quase sempre na corte de Diógenes Velho. Cf. *Moralia* 622C, 762F, 831F, *Alex.* 8.

¹¹⁵ Plutarco justifica a punição de «atirar a uma pedreira» porque depois de receber ordens para retocar uma tragédia do tirano, Filóxeno de imediato a reescreveu por inteiro, do início até ao fim. Essa punição não é, todavia, registrada por nenhum dos outros testemunhos antigos sobre essa anedota. Cf. D. S. 15.6; Cic. *Att.* 4.6.2; Luc. *Ind.* 15; Amm. Marc. 15.5.37; Stob. 3.13.31; Ael. *VH* 12.44.

«vigoroso guerreiro, fatal aos inimigos»¹¹⁶.

Esta arte herdou-a dos Eácidas e de Hércules¹¹⁷, às outras artes concedia a admiração sem a inveja, segundo o prestígio dessas e a sua qualidade estética; dessa forma, ele nunca se inclinou à dilação de as imitar.

Foram, à sua época, atores trágicos os dos grupos de Téssalo e E de Atenodoro¹¹⁸; num concurso entre ambos, foram coregos os reis de Chipre e juízes os generais mais célebres. Depois que venceu Atenodoro, Alexandre disse: «Teria preferido perder parte do meu reino a ver Téssalo derrotado». Mas não enfrentou os juízes nem o julgamento criticou, sentindo o dever de ser superior a todos, sem deixar de se subordinar à Justiça.

Eram atores cômicos os do grupo de Lícon de Escarfeia: a este, que inseriu em uma comédia um verso com o qual pedia um presente de dez talentos, Alexandre, rindo-se, deu-lhos.

Era citarista, entre outros, também Aristonico¹¹⁹, que em certa batalha, F ao prestar socorro ao rei, tombou combatendo gloriosamente. Alexandre, então, ordenou que se elevasse

¹¹⁶ O verso é citado inteiramente nessa oração e, sem nome de autor, em *Moralia* 317E. Os estudiosos divergem se foi parte de um drama, de um epigrama ou de um canto coral. Por isso foi introduzido por Fraenkel nos *Incertarum Fabularum Fragmenta* de Ésquilo.

¹¹⁷ Faz-se uma referência à genealogia mítica de Alexandre; cf. *Alex.* 2; D. S. 17.1.5; Liv. 45.9; Arr. *An.* 1.11.8. Aqui podemos entendê-la como artifício retórico de aferir ao personagem uma origem divina (εὐγένεια), frequente no elogio.

¹¹⁸ Téssalo foi ator trágico e diretor de uma companhia de atores. Vencedor no festival das Dionísias de 347 e 340 e pela segunda vez no festival Leneu de 347, fazendo parte de uma competição trágica em Tiro (*Alex.* 29; *Moralia* 334DF) e, provavelmente, conforme aponta Arriano (*An.* 3.1.4), se une a Alexandre no Egito. Atenodoro, por sua vez, também ele ator trágico, foi vencedor no festival das Dionísias de 342 e de 329 e talvez também no festival Leneu de 342. Porque se encontrava em Atenas em 332 a. C., uniu-se a Alexandre no Egito.

¹¹⁹ Aristonico de Olinto foi citarista da corte macedónica (Arr. *An.* 4.16.7ss.).

imediatamente, em Pito, uma estátua de bronze que o representasse com a cítara e de lança em riste, não só honrando o herói, mas também celebrando a Música, que forma os homens e, sobretudo, inspira entusiasmo e ardor naqueles que são **335A** os seus discípulos dilectos. O próprio rei, uma vez em que Antigénidas¹²⁰ tocava à flauta o *nomos armateios*¹²¹, de tal forma se emocionou e sentiu inflamar-se o coração pela melodia, que de um salto deitou mão às armas que estavam por perto e deu testemunho do que cantavam os espartanos:

«o belo soar da cítara instiga ao ferro»¹²².

Vivia também, no tempo de Alexandre, Apeles¹²³, o pintor, e Lisipo, o escultor. O primeiro deles pintou Alexandre com um raio na mão, e tão natural e vivo o fez que passou a dizer-se que dos dois Alexandres, o de Filipe nasceu invencível, o de Apeles inimitável. Quando Lisipo, por sua vez, **B** esculpiu a primeira estátua de Alexandre com a face voltada para cima e de olhos postos no céu (como o próprio Alexandre costumava olhar, ligeiramente inclinando o pescoço), na base alguém inscreveu, não sem plausibilidade:

«Como se falasse, a estátua de bronze parecia dizer, de olhos postos em Zeus:

Deixa a terra comigo. Tu, ó Zeus, já o Olimpo deténs».

¹²⁰ Antigénidas, flautista célebre da primeira metade do século IV, foi colaborador do compositor de ditirambos Filóxeno. Segundo Thphr. *HP* 4.11.4-5 foi capaz de encontrar a forma de fechar uma abertura de sua flauta de modo a tornar a execução do instrumento em um registro mais grave.

¹²¹ O *Armateios nomos* foi composto por Olimpo, flautista originário da Frigia e discípulo de Mársias, segundo o que expõe Plutarco em *Moralia* 1133E.

¹²² Bgk. III p. 51 Alcman fr. 100D, cf. Nachstädt (1971) 96.

¹²³ Os artistas autorizados por Alexandre a retratar sua imagem foram Apeles na pintura, Lisipo na escultura e Pírgoteles na joalheria (cf. Plin. *Nat.* 7.125; Cic. *Fam.* 5.12.7; Plu. *Alex.* 4; Arr. *An.* 1.16.4).

Por isso era apenas a Lisipo que Alexandre encomendava as suas estátuas, pois apenas ele, conforme consta, configurava no bronze o carácter de Alexandre e lhe exprimia nas suas linhas a virtude. Os outros, em contrapartida, querendo imitar a torção do pescoço e a doçura e o brilho dos olhos, não lhe salvaguardavam a expressão viril e leonina.

Era, além disso, arquiteto, entre os outros artífices da corte, também Estásícrates, que não buscava um estilo que fosse florido, doce e agradável à vista, mas se serviu de um padrão magnífico e de uma disposição não inferior à dignidade real. Este, quando teve acesso a Alexandre, criticava os seus retratos e as suas estátuas, em gravação e escultura, como obras de artistas pobres e ignóbeis. «Eu, pelo contrário, ó rei», disse, «decidi fixar a imagem da tua pessoa em material vivo e incorruptível, com raízes eternas e peso imóvel e intangível. O monte Atos, na Trácia, no ponto onde mais se eleva e se projecta, tem largura e altura simétricas, e partes, membros e proporções de forma humana, que após terem sido tratados e esculpido, poder-se-ão chamar e ser a imagem de Alexandre. Com as suas bases tocará o mar, numa das mãos terá e carregará uma cidade de dez mil habitantes, na mão direita um rio perene que transbordando de uma taça correrá para o mar. Ponhamos de parte ouro, e bronze, e marfim, e madeira e tinturas próprias de pequenas estatuetas, que podem ser compradas roubadas e fundidas». Alexandre após ouvir a ideia, com admiração pela ousadia do artista, elogiou-o, mas disse: «Deixa estar o Atos em seu lugar: basta que ele seja o memorial da soberba de um só rei. A mim vão representar-me o Cáucaso¹²⁴, as montanhas

¹²⁴ Alude-se aqui provavelmente ao vale do Paropamisso, dominado na primavera de 329, durante a conquista do Irã. Alexandre, de fato, para punir Besso, que havia assassinado Dario, seguiu-o em uma expedição na qual dominou a Hircânia e chegou ao Paropamisso (Cáucaso indico), onde fundou uma Alexandria, cf. D. S. 17.83.1; Curt. 7.3; Plin. *Nat.*

Emodo¹²⁵, o Tânaís¹²⁶ e o mar Cáspio¹²⁷. São essas as verdadeiras imagens das minhas empresas»¹²⁸.

III Porém, suponhamos, pelos deuses, que tal obra tivesse sido terminada e mostrada aos homens; haveria alguém que, ao vê-la, pudesse pensar que a sua forma, F disposição e aspecto fossem obra da sorte e do acaso? Ninguém, creio eu. Que coisa então dizer do retrato com o raio na mão? Que coisa dizer da estátua que recebe seu nome da lança¹²⁹? Decerto que não poderia existir, sem arte, uma estátua grandiosa criada pela Fortuna, mesmo que esta fornecesse e providenciasse ouro, bronze, marfim e muito e rico material; e um grande homem, o

6.92; Arr. *An.* 3.8.4, 4.22.4.

¹²⁵ Cadeia de montanhas no noroeste da Índia, o Prakrit Haimota (cf. Str. 15.1.29; Plin. *Nat.* 6.56; Arr. *Ind.* 2.3, 6.4) alcançada por Alexandre na ocasião da expedição contra a Índia, particularmente na conquista do reino de Poro (D. S. 17.87.1-4, 88.4.6, 89.1-2.6; Curt. 8.12-14; Plu. *Alex.* 60-62; Arr. *An.* 5.8.4, 6.2.1).

¹²⁶ De acordo com von Bredow (2009), Tânaís referia-se frequentemente ao atual Don (1970km de extensão) situado na fronteira entre os Citas e os Sármatas (Hdt. 4,21). Neste discurso, todavia, de acordo com Cammarota (1998) 202 e Brentjes e Treidler (2005), Tânaís refere-se ao rio Sir Dária ou Sir Darya da Ásia Central, conhecido também pelo nome grego Jaxartes; surge de duas fontes nas montanhas de Tian Shan, no Quirguistão e no leste do Uzbequistão, e corre na direção oeste e noroeste pelo território uzbeque e no sul do Cazaquistão até desaguar no que resta do Mar de Aral. Demarcava o limite setentrional das conquistas de Alexandre.

¹²⁷ O mar Cáspio (Hircaniano) é uma bacia endorreica (sem saídas) limitada a noroeste pela Rússia, a oeste pelo Azerbaijão, ao sul pelo Irão, a sudeste pelo Turcomenistão e a nordeste pelo Cazaquistão. Aqui funciona como metáfora da destruição do império persa, por ser um dos seus limites ao qual Alexandre almejava chegar.

¹²⁸ Plutarco, ao elaborar esse diálogo, acaba por cometer um anacronismo histórico, pois o encontro entre o arquiteto Dionacre e Alexandre ocorreu antes do fim de todos esses fatos que são narrados como a empresa de Alexandre. Assim, confirma-se o princípio de Quintiliano (*Inst.*, 3.7.6) quando diz ser próprio do gênero laudatório amplificar e ornar o argumento propósito.

¹²⁹ Cf. *Moralia* 335A.

maior de todos quantos existiram, teria chegado a essa perfeição sem Virtude, mas pela Fortuna, que lhe tivesse fornecido armas e riquezas, cidades e cavalos? **336A** Isso tudo, para quem não aprendeu a usá-lo bem, é um perigo, não um poder nem um ornamento, mas prova de fraqueza e de mediocridade. Dizia com razão Antístenes¹³⁰ que «aos inimigos se pode desejar que possuam todos os bens exceto a coragem: porque, nesse caso, esses tornam-se os bens não dos que os possuem, mas dos que os conquistam». Por isso se diz que também a natureza fez crescer sobre a testa do cervo, o mais comum dos animais, um corno de maravilhosa grandeza e agressividade para a defesa, ensinando-nos que nada ajuda ser forte e armado a quem não consegue ser firme e corajoso. Dessa forma, também **B** a Fortuna muitas vezes conferindo aos covardes e aos estúpidos potência e poder, com que esses se comportam vergonhosamente, celebra e confirma a Virtude como a única capaz de constituir, para o homem, grandiosidade e distinção. E se, de fato, como disse Epicarmo¹³¹:

«a mente vê e a mente escuta, todo o resto entretanto
[é surdo e cego],

acontece que esses sofrem de falta de razão. As sensações, de fato, parecem obedecer a estímulos próprios; mas dos exemplos é possível compreender que a mente ajuda, a mente ornamenta os nossos actos, a mente é a vencedora, senhora e rainha; todo o resto, porém, que é cego, surdo e inanimado, desvia, pesa

¹³⁰ Antístenes (445-365 a. C.) foi um filósofo grego considerado o fundador da filosofia cínica que aprendeu retórica com Górgias; dele nos chegaram duas exercitações retóricas chamadas *Aiace* e *Odisseu*, antes de se tornar um discípulo de Sócrates.

¹³¹ Epicarmo, poeta cômico grego (V a. C.), nasceu provavelmente em Siracusa e foi o predecessor da comédia siracusana; a nós restaram trinta e cinco títulos das suas comédias, nas quais zombava dos sistemas filosóficos da época.

e desonra aqueles a quem falta a virtude¹³². **C** Dispondo da mesma potência e da mesma autoridade, Semíramis¹³³, mesmo sendo mulher, organizava campanhas, armava falanges, edificava Babilónia e atravessava o Mar Vermelho, subjugando Etíopes e Árabes; Sardanapalo, por outro lado, apesar de a natureza o ter feito homem, tecia a púrpura no palácio, sentado de pernas cruzadas entre as suas concubinas; quando morreu, erigiram-lhe uma estátua de mármore que o representava dançando nos moldes barbáricos e a estalar os dedos sobre a cabeça, com a seguinte inscrição:

«Come, bebe, dá-te aos amores! O resto não é nada»

Quando um dia Crates¹³⁴ viu uma estátua dourada da cor-tesã Frine¹³⁵, **D** que se erguia em Delfos, gritou em alta voz que estava ali o troféu da intemperança dos Gregos. Quem examina a vida de Sardanapalo ou seu sepulcro (pois em nada, creio eu, estes diferem) poderá dizer que este é um troféu dos favores da Fortuna. E então? Aceitaremos que a Fortuna, depois de Sardanapalo, bafeje Alexandre e reclame a sua grandeza e potência? Por que lhe prestou a Fortuna mais favores do que aqueles que os outros reis dela receberam? Armas, cavalos, lanças, recursos, guardas? Que a Fortuna faça com estes recursos Arrideu¹³⁶

¹³² Cf. *Moralia* 99F em que Plutarco afirma «a razão não é ouro, nem prata, nem fama, nem riqueza, nem saúde, nem força, nem beleza, mas a faculdade de usar corretamente todos esses bens».

¹³³ Semíramis, legendária rainha, originária de Damasco, foi progenitora da estirpe assíria e segundo diversas fontes era a senhora da Ásia e do Egito. Cf. D. S. 2.7-20; Curt. 5.1, 9.6; Plu. *Moralia* 753D; Arr. *An.* 1.23.7, 6.24.2; Iust. 1.2.

¹³⁴ Crates (-V-IV a. C.) foi primeiramente aluno da Academia, depois de Diógenes de Sínope. Ao contrário de Sardanapalo, representa o ideal de herói para a diatribe.

¹³⁵ Nativa da Téspias na Beócia, foi modelo do escultor Praxíteles em duas estátuas, das quais uma se encontrava no santuário de Apolo em Delfos e outra em Tespias (*Moralia* 753F; Paus. 9.27.5).

¹³⁶ Filipe III Arrideu (359-317 a. C.) foi rei da Macedónia, filho do

grandioso, se puder; que a Fortuna faça, com esses recursos, grandioso Oco¹³⁷, ou Arses¹³⁸ ou Tigranes da Armênia¹³⁹, E ou Nicomedes da Bitínia¹⁴⁰. Desses Tigranes, tendo lançado sua coroa aos pés de Pompeu, vergonhosamente recebeu de volta seu reino, em despojos transformado; Nicomedes, por outro lado, após ter rapado sua cabeça e ter posto o barrete, declarou-se liberto dos Romanos.

IV Devemos dizer, então, que a Fortuna faz os homens pequenos, medrosos e mesquinhos? Mas não é justo ligar o vício à má sorte, nem a coragem e a sabedoria à boa sorte. Muito, ao invés, teve a Fortuna a ganhar no reinado de Alexandre, porque então ela foi prestigiosa, invencível, magnânima, moderada e humana; **F** pois, mal que ele morreu, logo Leóstenes¹⁴¹ disse que as suas forças, nas suas errâncias até à exaustão, se assemelhavam ao Ciclope que, depois de ter ficado cego, estendia suas mãos para tudo sem nenhuma meta: do mesmo modo o grande império agitava-se no vazio e desabava por causa da anarquia. Mais ainda, como os cadáveres, quando as almas os abandonam, deixam de ser coesos e unidos, antes se dispersam e se separam uns dos outros, e, por fim, se dissipam e desaparecem, assim também o poder de Alexandre sem ele

rei Filipe II com uma cortesã de Larissa, na Tessália, chamada Filina e meio-irmão de Alexandre, o Grande.

¹³⁷ *Vide supra* nota 61.

¹³⁸ *Vide supra* nota 61.

¹³⁹ Tigranes da Armênia “o Grande” reinou no período de 95 a. C. até 55 a. C.

¹⁴⁰ Nicomedes II, enviado do pai Prúsias II como embaixador a Roma (Plb. 32.16.4, 36.14), foi rei da Bitínia de 149 a 127 a. C. Plutarco parece aqui confundir Nicomedes com seu pai Prúsias, rei da Bitínia (182-149 a. C.), pois se verifica a alusão do mesmo episódio em referência a esse: cf. Plb. 30.19.1; D. S. 31.15; Liv. 45.44.18-20.

¹⁴¹ Leóstenes, general ateniense, que depois da morte de Alexandre reorganizou os mercenários e tratou em segredo com Atenas e mais tarde com a Etólia uma intervenção contra os Macedônios.

337A agitava-se, tremia, era oprimido por uma grande febre sob o comando dos Perdicas¹⁴², Meleagro¹⁴³, Seleuco¹⁴⁴ e Antígono¹⁴⁵; estes, com o espírito ainda quente e palpitante, continuavam a mexer-se e a circular; por fim, já lânguido e podre, fez pulular à sua volta, como vermes, reis ignóbeis e chefes agonizantes. Era isto, ao que parece, que o próprio Alexandre queria dizer reprovando Heféstion¹⁴⁶, que estava em desacordo com Crátero¹⁴⁷: «Qual será tua potência ou tua

¹⁴² Perdicas, Macedônio, filho de Oronte, acompanhou na Ásia Alexandre de quem se tornou guarda costas. Depois do retorno de Crátero à Europa e da morte de Heféstion, o poder dele cresce. Por isso, com a morte de Alexandre, tornou-se quiliarca, enfrentando a oposição de Antípatro, de Crátero, de Antígono na Frígia e de Ptolemeu no Egito. Tentou invadir o Egito, mas foi assassinado pelos oficiais rebeldes em 321 a. C.; cf. *Alex.* 15, 41, 77.

¹⁴³ Meleagro, filho de Neotólema, depois da morte de Alexandre, uma vez que Arrideu foi reconhecido rei (Filipe III) em comum com o futuro filho de Roxana, caso fosse homem, tornou-se, juntamente com Perdicas responsável pelo cuidado do acampamento, pelo exército e pelos vassallos do rei. Entre eles, porém, o relacionamento não era harmonioso, de modo que foi assassinado por Perdicas, em uma cilada (*Iust.* 13.2.6, 13.4.5; *Curt.* 10.8-9).

¹⁴⁴ Seleuco (358-280), general de Alexandre que obteve, depois da morte deste, a satrapia da Babilônia, foi expulso desta por Antígono. Primeiramente fugiu do Egito e depois reconquistou o território prolongando-o até à Índia e ao Cáucaso, começando, assim, em 312, a era selêucida. (*Alex.* 42, 62, 76).

¹⁴⁵ Antígono Caolho (381-301 a. C.), general de Alexandre Magno, foi eleito sátrapa da Frígia. Depois da morte de Alexandre, obtém o comando militar da Ásia, tendo como rivais Perdicas, Ptolemeu, Seleuco e Lisímaco. Quando o seu filho Demétrio alcançou, em 306 a. C., uma vitória em Salamina, ele se proclamou rei. Em 301, porém, foi superado por Seleuco e morto durante uma batalha em Ipsos (*Alex.* 77).

¹⁴⁶ Heféstion era o amigo mais íntimo de Alexandre e, depois da morte de Parmênides, o seu melhor general. Participou da expedição na Ásia e morreu em Ecbátana em 324; Alexandre fez-lhe construir um esplêndido sepulcro (*Alex.* 28, 29, 41, 47, 49, 54, 55, 72, 75).

¹⁴⁷ Crátero, general de Alexandre, tornou-se regente da Macedônia, da Trácia e da Grécia em 324; em 322, derrotou com Antípatro os Gregos em Crânion e morreu em 321 (*Alex.* 40-42, 47, 48, 55).

força, **B** se alguém te arrebatou Alexandre»? Eu não hesitarei em dizer a mesma coisa à Fortuna daquele tempo: «Qual a tua grandeza, qual a tua glória, onde o teu poder, onde a tua invencibilidade, se alguém te arrebatou Alexandre»? Ou seja, «se alguém te privar, nas armas, da experiência, na riqueza, da ambição, na extravagância, do controle, nos momentos de combate, do ardor e, nas vitórias, da clemência? Torna grande, se puderes, um outro, alguém que, nas riquezas, não pratique a generosidade, nas batalhas não corra riscos, os amigos não os honre, pelos prisioneiros não tenha piedade, nos prazeres não tenha temperança, nas circunstâncias críticas não seja vigilante, nas vitórias não seja conciliador, nos sucessos não seja humano. Pois quem pode ser grande no exercício do poder, com estupidez e malvadeza? Arrebatou a virtude **C** do 'afortunado' e em tudo ele será pequeno, na generosidade por efeito da avareza, na fadiga pelo da debilidade, no culto aos deuses pelo da superstição, perante os bons pelo da inveja, entre os homens pelo medo, entre as mulheres pelo amor aos prazeres». Assim como os artistas inábeis, colocando grandes bases sob pequenas estátuas votivas, lhes expõem a insignificância, também a Fortuna, de cada vez que eleva um ânimo medíocre por actos de peso e notoriedade, o que faz é desnudá-lo e desonrá-lo mais explicitamente, por causa dos erros e da vacilação gerados pela sua leviandade.

V A grandeza consiste, portanto, não na posse, mas **D** no uso dos bens, já que até as crianças herdaram reinos e poderes paternos, como Carilau¹⁴⁸, que Licurgo¹⁴⁹ levou de fraldas a um convívio público e proclamou, em sua vez, rei de Esparta. Grandiosa não era a criança, mas aquele que restituiu a essa criança

¹⁴⁸ Carilau (VIII a. C.), o filho e sucessor de Polidectes, rei de Esparta.

¹⁴⁹ Licurgo, o lendário legislador de Esparta.

o reino paterno, sem se apropriar ou privar dele o legítimo herdeiro. E Arrideu¹⁵⁰, quem poderia torná-lo grande, ele que não se diferenciava em nada de uma criança, a não ser pela púrpura da fralda, e que Meleagro instalou no trono de Alexandre? E fez bem, para que ao fim de poucos dias se visse como os homens reinam pela virtude ou como reinam pela fortuna. De fato, após um verdadeiro candidato **E** ao poder, Meleagro introduziu um ator, ou melhor, fez caminhar pela terra habitada, como se fosse por um palco, uma figura real muda.

«Até uma mulher poderia carregar um peso, se
[um homem o pusesse sobre ela]»¹⁵¹

Em contrapartida, poderia dizer-se que também uma mulher e uma criança podem receber ou dar poder, riqueza e autoridade: o eunuco Bagoas¹⁵², após ter tomado o reino dos Persas, colocou-o sobre as costas de Arses¹⁵³ e de Dario; governar bem um grande império que se recebeu e geri-lo, sem se deixar abater e perturbar com o peso e a magnitude dos afazeres, é próprio de um homem que possua virtude, sabedoria e inteligência. Alexandre a possuía, ele que alguns **F** acusavam de intemperança no vinho e de embriaguez. Mas ele era grande, porque nos assuntos de Estado¹⁵⁴ era sóbrio e não se deixou inebriar nem extasiar pelo comando e pelo poder, de que outros, tendo

¹⁵⁰ *Vide supra* nota 136.

¹⁵¹ *Ar. Eq.* 1056.

¹⁵² Bagoas, eunuco persa, que mata primeiramente Artaxerxes e depois Arses, fazendo chegar ao trono Dario III.

¹⁵³ *Vide supra* nota 61.

¹⁵⁴ Plutarco nega que Alexandre tivesse o costume de beber quando trabalhava. Também em *Alex.* 23 «quanto ao consumo de vinho era mais moderado do que possa parecer». Há, entretanto, várias referências em *Plu. Alex.* 23, 67, 70. 75 em que se visualiza o excesso comentado por esses críticos, ou seja, exemplos de um vício de Alexandre. Nesses episódios da biografia, Plutarco parece tentar justificar ou compreender; na oração encomiástica, como se percebe, prefere omití-los por motivos retóricos.

tido uma pequena experiência ou um simples aperitivo, se não puderam conter.

«Os homens maus, uma vez que se enchem de riquezas, ou, por ocupação de uma cidade, ganhem alguma honra, tornam-se soberbos, quando a Fortuna entra de improviso nas suas casas»¹⁵⁵.

338A Clito¹⁵⁶, por ter, em Amorgo, afundado três ou quatro trirremes, fez-se proclamar Posídon e passou a usar um tridente. Demétrio¹⁵⁷, a quem a Fortuna concedeu a pequena parte do poder que pôde arrebatá-lo de Alexandre, aceitou ser chamado «Descido do céu»¹⁵⁸; aos representantes que as cidades lhe mandavam não chamava «embaixadores», mas «delegados sagrados»¹⁵⁹ e às respostas que davam “oráculos”¹⁶⁰. Lisímaco¹⁶¹, que obtivera as terras adjacentes à Trácia, nos simples limites do reino de Alexandre, chegou a tal ponto de soberba e arrogância que disse: «Os Bizantinos agora vêm até mim, no momento em que com a lança **B** toco o céu». Pasiades¹⁶² de Bizâncio, que estava presente, comentou: «Retiremo-nos daqui, antes que ele fure o céu com a ponta da lança». E mais ainda, que coisa se poderá

¹⁵⁵ Sobre idêntica reflexão, cf. Thuc. 4.17.

¹⁵⁶ Clito o Branco (não confundir com Clito o Negro, amigo de Alexandre, assassinado depois por ele), tornou-se capitão da frota macedônica. Morre em batalha, em 318 (cf. Plu. *Dem.* 11).

¹⁵⁷ Demétrio I (337-283 a. C.), filho de Antígono Caolho, tornou-se rei da Macedônia (294-288 a. C.).

¹⁵⁸ Conhecido como epíteto de Zeus (Ar. *Pax* 42) e do seu raio (A. *Pers.* 359).

¹⁵⁹ Os «delegados sacros» eram representantes de um estado, enviados para uma festa, para um jogo solene, para outros espetáculos ou para consultar um oráculo. Cf. Plu. *Dem.* 1.

¹⁶⁰ Cf. Plu. *Moralia* 57F.

¹⁶¹ Lisímaco (360-281 a. C.), general de Alexandre e, após a morte deste, um dos sucessores. Em 306 a. C., tornou-se rei da Trácia (região compreendida entre o Mar Negro e a Macedônia).

¹⁶² Pasiades era um compatriota de Leone de Bizâncio, autor das obras históricas sobre Filipe, sobre a guerra sacra e sobre Alexandre Magno.

dizer daqueles a quem era permitido, graças a Alexandre, sentir orgulho, quando até Clearco¹⁶³, depois que se tornou tirano de Heracleia, usava um cetro e deu a um dos filhos o nome de Raio? E Dionísio o Jovem¹⁶⁴ proclamou-se filho de Apolo nessa inscrição:

«Nascido da mãe Dórica de uma união com Febo»¹⁶⁵.

Seu pai, depois de ter matado dez mil cidadãos, ou mais, por inveja traiu o irmão perante os inimigos; sem esperar que sua mãe já idosa transcorresse os últimos dias de sua vida, enforcou-a, e ainda em uma tragédia ele mesmo escreveu:

«A tirania é por natureza mãe da injustiça»,
mesmo assim, às suas três filhas deu o nome de Virtude, Temperança e Justiça. Outros reis proclamaram-se Benfeitores, Vitoriosos, Salvadores e Grandes¹⁶⁶. Ninguém poderia descrever em palavras os seus sucessivos casamentos, como se de cavalos se tratasse, dado que passam os dias licenciosamente entre rebanhos de mulheres, estupro de jovens, toques de tambor em

¹⁶³ Clearco, nascido por volta de 390 a. C., foi por quatro anos estudante de Isócrates e de Platão em Atenas. Ao retornar a Heracleia Pôntica, foi prontamente exilado por desconhecidos motivos. Depois, chamado novamente à cidade, aproveitou a situação para instalar uma tirania, no ano de 364/3 a. C., na qual governou por doze anos, de maneira tão cruel como a de Dionísio de Siracusa, até ser assassinado.

¹⁶⁴ Dionísio o Jovem sucedeu Dionísio I por volta de 367 e pôs fim ao conflito com Cartago, mas continuou aliado dos Espartanos. Não gozando de grande experiência, aceitou o conselho de Dione de convidar Platão como hóspede, o que agradou seu interesse pela Filosofia. Pouco depois, acabou por exilar Dione e obrigar Platão a retornar a Atenas. Em seguida, perde o controle da cidade que só recupera em 347. Em 344, todavia, novamente foi exilado em Corinto onde se diz ter morrido (*Nic. 23; Moralia* 467E, 783D, 821D).

¹⁶⁵ Hexâmetro, talvez parte de uma elegia ou de um epigrama.

¹⁶⁶ Cf. Plut. *Cor.* 11, em que diz que os Helenos costumavam dar sobrenomes às pessoas, que podiam derivar de uma empresa militar, de uma característica física, de uma virtude ou de uma especial fortuna.

companhia de efeminados, jogos de dados durante dias inteiros, soar de flautas nos teatros, jantaras até altas horas da noite, como de dia em almoços¹⁶⁷.

VI D Alexandre, em contrapartida, sentava-se à mesa e tomava seu café de manhã cedo, jantava quando era já tarde¹⁶⁸, bebia após ter sacrificado aos deuses, jogava dados com Médio¹⁶⁹ quando estava febril¹⁷⁰, fazia jogos até durante a marcha, exercitando-se tanto no tiro ao arco como a saltar para o carro. Desposou, por razões particulares, apenas Roxana¹⁷¹, porque a amava; com Estatira¹⁷², ao invés, filha de Dario, casou por razões de poder e motivos políticos (era, de fato, útil a mistura dos

¹⁶⁷ Cf. *Moralia* 56E e Plb. 5.34, como outros exemplos desses reis egípcios que sucederam a Alexandre e governaram de forma festiva, sem curar dos assuntos públicos, entregues aos desejos e adulações.

¹⁶⁸ Sobre o quotidiano de Alexandre, cf. Plu. *Alex.* 21-23.

¹⁶⁹ Médio, originário de Larissa (Tessália), era amigo de Alexandre. Veio, porém, a ser acusado de participação na morte do rei, cf. Arr. *An.* 7.24-25, 7.27.2; Plu. *Alex.* 75, *Moralia* 65D; D. S. 17.117.1)

¹⁷⁰ Plutarco enfoca esse aspecto da doença que possivelmente provocou a morte de Alexandre, cf. Plu. *Alex.* 75-76; Arr. *An.* 7.24.4, 7.25.1.

¹⁷¹ Roxana, da Batriana, filha de Oxiartes, foi capturada por Alexandre em 328 e, no ano seguinte, foi desposada por Alexandre a quem gerou um herdeiro, Alexandre IV, posteriormente à morte do pai, cf. Arr. *An.* 4.20.4; Curt. 10.6.9; Plu. *Alex.* 47, 77, *Pyrrh.* 4.

¹⁷² Estatira, senhora de uma beleza sedutora que herdara dos pais (*Alex.* 21. 6), era a filha mais velha de Dario III e converteu-se, após a batalha de Isso, em cativa (*Alex.* 21. 1-7, 30. 5). É sabido que Alexandre deu indicações para que as princesas persas sob sua custódia recebessem lições de grego e de cultura grega (D. S. 17. 67. 1), o que indicia uma política de inclusão social entre vencedores e vencidos. Foi tomada como esposa pelo Macedônio (que já se tinha casado com Roxana em 327) durante essas bodas em Susa (324 a. C.), cf. Arr. *An.* 7. 4. 1-8; D. S. 17. 107. 6; Iust. 12. 10. 9-10. Depois da morte prematura do Macedônio, Roxana, que então esperava um filho do rei, por ciúmes, atraiu a princesa persa com uma carta enganosa a uma cilada, para matá-la, juntamente com a irmã Drípetis, casada na boda de Susa com Heféstion. Com a convivência de Perdicas, livrou-se dos cadáveres lançando-os num poço, que depois atulhou de terra (*Alex.* 77. 6). Cf. Burn (1964) 122, 170, 182 e Bosworth (1988) 64, 76, 156-157.

povos); quanto às outras mulheres persas superou-as em temperança, tanto quanto aos Persas em coragem. De fato não olhou para nenhuma contra sua vontade, e por aquelas para que olhou passou de largo mais do que por aquelas para que não olhou. E embora fosse humano com todos os outros, só com os belos se mostrava altivo. Em relação à esposa de Dario, **E** uma mulher belíssima, nunca deu ouvidos a nenhuma voz que lhe elogiasse a beleza; quando ela morreu, fez-lhe o funeral como é devido a uma rainha e chorou-a com tanta emoção que desacreditou sua temperança no exercício da humanidade e sua bondade recebeu a acusação de ser injusta. Dario, de fato, suspeitou do poder e da idade de Alexandre (também ele pertencia ao número daqueles que acreditavam que Alexandre vencia graças à Fortuna); mas quando conheceu a verdade, investigando-a de todas as perspectivas, disse: «A Pérsia não está de todo perdida, nem se poderá dizer que em tudo somos maus e débeis, já que fomos vencidos por tal campeão. **F** Peço aos deuses que me doem boa sorte e vitória na guerra, para que eu possa superar Alexandre em generosidade; pois sinto-me animado de uma ambição e de um desejo de parecer mais benigno do que ele; mas se perder o que me pertence, tu, ó Zeus ancestral dos Persas e vós todos, deuses soberanos, não deixeis sentar-se neste trono de Ciro outro que não Alexandre»¹⁷³. Este foi o ato de adoção de Alexandre com os deuses **339A** como testemunhas. É assim que se vence pela Virtude.

VII Atribui, se desejas, à Fortuna Arbela e a Cilícia, e as demais empresas realizadas com a força e com a guerra: Foi a

¹⁷³ O discurso de Dario coincide em alguns pontos com o encontrado em *Alex.* 30 e simboliza a aceitação da derrota. É também encontrado em outros testemunhos históricos, cf. *Curt.* 4.10; *Arr. An.* 4.20.3; *Iust.* 11.12.8.

Fortuna que derrubou para ele a cidade de Tiro¹⁷⁴, foi a Fortuna que lhe franqueou o Egípto; graças à Fortuna Halicarnasso caiu e Mileto¹⁷⁵ foi capturado; Mazeu¹⁷⁶ deixou o Eufrates desértico e a planície da Babilónia cobriu-se de cadáveres¹⁷⁷. Todavia, não se tornou temperante por causa da Fortuna, nem era moderado graças à Fortuna, nem a Fortuna protegia sua alma, depois de havê-la blindado, tornando-a incorruptível aos prazeres e invulnerável aos desejos. Mas foram estas as qualidades com as quais derrotou Dario. O resto não passava de derrotas de armas, **B** de cavalos, de mortes e de homens em fuga. A grande e indiscutível derrota foi, ao invés, aquela de Dario, que se rendeu perante a virtude, a magnanimidade, a coragem, a justiça, admirando aquele espírito invencível nos prazeres, na fadiga e na generosidade. É inegável que, em meio a escudos, a sarissas, aos gritos de guerra, ao choque das armas foram invencíveis Tárrias, filho de Dinómenes, Antígenes de Pelene, Filotas, filho de Parménion; mas diante dos prazeres,

¹⁷⁴ Antiquíssima cidade da costa da Fenícia, Tiro, hoje chamada Sur, foi assediada por sete meses e finalmente dominada em 332 a. C onde foi construída uma fortaleza macedónica, cf. D. S. 17.40-46, 17.46.2; Curt. 4.2-4; Plu. *Alex.* 24-25; Arr. *An.* 2.23; Just. 11.10.11-14, 18.18-19.

¹⁷⁵ Depois da vitória sobre o rio Granico, Alexandre conquistou a Ásia Menor. Mileto, a principal colónia grega da Iónia, e Halicarnasso, a maior cidade da Cária, ofereceram-lhe resistência, mas foram por força conquistadas; cf. D. S. 17.22-27; Plu. *Alex.* 17; Arr. *An.* 1.18-23.

¹⁷⁶ Mazeu foi sátrapa da Síria e Mesopotâmia sob o comando de Dario III. Recebeu a tarefa de barrar aos Macedónios a passagem pelo Eufrates que vigiou por algum tempo; mas quando soube da chegada de Alexandre, fugiu com todo o exército (Arr. *An.* 3.7.2; Curt. 4.9.7; D. S. 17.55; Plu. *Alex.* 22-23.). Depois da batalha de Gaugamelos, em que combateu valorosamente e ofereceu dificuldades à ala esquerda de Parménion (Ar. *An.* 3.14.6), fugiu até à Babilónia (Curt. 4.16.7) onde assumiu o comando da cidade. À chegada de Alexandre ali, entretanto, abre as portas aos Macedónios e o nomina sátrapa da cidade.

¹⁷⁷ Cf. D. S. 17.64.3: «Alexandre, depois da vitória, fez sepultar os mortos e seguiu para Arbela».

das mulheres, do ouro e da prata não eram de fato melhores do que os seus prisioneiros. Tárrias¹⁷⁸, quando Alexandre C libertou os Macedónios de dívidas e pagou aos credores em nome de todos, declarou falsamente ter contraído uma dívida e apresentou-se no banco com um sujeito que dizia ser seu credor. Quando foi descoberto, por pouco não se suicidou, não fosse Alexandre, a tempo, ter sido informado e o ter libertado da culpa, permitindo-lhe ainda ficar com o dinheiro. Isso porque se lembrou de que, quando Filipe combatia contra a cidade de Perinto¹⁷⁹, Tárrias, ferido por um dardo em seu olho, não permitiu nem aceitou de modo nenhum que se lhe extraísse a flecha antes de os inimigos terem sido derrotados.

Antígenes¹⁸⁰, por sua vez, uniu-se àqueles que seriam reconduzidos à Macedónia por motivo de doença ou de ferimentos e fez-se inserir na lista deles; quando se descobriu que não sofria de nenhum mal, **D** que a doença era fingida e foi considerado um guerreiro válido, apesar de o seu corpo estar repleto de feridas, retratou-se a Alexandre. Quando esse lhe perguntou o motivo de tal comportamento, Antígenes confessou estar apaixonado por Telesipa e desejar segui-la até ao mar agora que partia, porque não era capaz de separar-se dela. Aí Alexandre quis saber: «A quem pertence essa moça? Com quem é necessário conversar?». Antígenes, por sua vez, respondeu que ela era livre. «Então», disse o rei, «convençamo-la a ficar, com promessas e presentes». Logo, Alexandre era indulgente com todos os enamorados mais

¹⁷⁸ O que é atribuído a Tárrias, em Plu. *Alex.* 70 o é a Antígenes Caolho. Possivelmente trata-se de uma mudança de nomes, mas não de personagem (Curt. 5.2, 6.8, 7.1). Foi enviado com trezentos homens para prender Filotas, acusado de uma conjuração contra Alexandre.

¹⁷⁹ Perinto, cidade da Trácia, contra a qual Filipe avançou em campanha, cf. Bury, Coo e Adcock (1969) 254-255.

¹⁸⁰ Cf. *Moralia* 180F-181A, *Alex.* 41. (Neste, entretanto, essa desventura é atribuída a Euríloco de Egeia, um simples soldado).

do que consigo próprio.

Filotas¹⁸¹, filho de Parménion, tinha, na sua intemperança, uma espécie de ama dos seus males. **E** Entre os prisioneiros de Damasco, estava, de fato, uma cortesã originária de Pela, chamada Antígona, que em tempos tinha navegado até à Samotrácia e tinha sido feita prisioneira por Autofradates. Ela era graciosa de aspecto e conquistou Filotas de modo a tê-lo completamente entregue. E de fato, aquele homem de ferro perdeu o controle e não era capaz de dominar a razão no meio dos prazeres, mas abrindo-se com ela, revelava-lhe muitos segredos. «O que teria sido do famoso Filipe, se não tivesse existido Parménion? O que seria deste Alexandre, se não tivesse existido Filotas? Onde estaria o seu Zeus Âmon¹⁸², onde estariam as serpentes¹⁸³, se nós não o quiséssemos?». **F** Antígona referiu essas conversas a uma das suas amigas íntimas e essa a Crátero.

¹⁸¹ Filotas, general Macedónio entre 360 e 330, filho de Parménion e amigo de Alexandre desde jovem, suspeito de convivência com os conjuradores, por não ter revelado a Alexandre uma conspiração que se tramava contra ele numa expedição na Ásia. Por isso, foi preso e executado (*Alex.* 10, 11, 31, 40, 48-50, *Moralia* 449E).

¹⁸² Âmon era divindade venerada em Tebas no Egito e representada com uma cabeça de carneiro. Essa, quando Tebas tornou-se capital, foi associada ao deus do sol Rá e seu culto chegou até ao oásis de Siwa, sede de um famoso oráculo. Na colônia grega de Cirene, fundada em 630 a. C. sobre a costa setentrional da África, a divindade egípcia foi identificada com Zeus e retratada com a barba e os chifres de carneiro. A partir daí, o deus Zeus-Âmon se difunde rapidamente na Grécia do sec. V. Aqui, Plutarco alude provavelmente à expedição de Siwa, onde Alexandre foi saudado como filho de Zeus-Âmon, cf. D. S. 17.51.1; Curt. 4.7; *Plu. Alex.* 27.

¹⁸³ Arriano (*An.* 3.3.5), com base em Ptolemeu, afirmou que o exército de Alexandre durante a expedição ao oásis de Siwa foi guiado por duas serpentes. Há, entretanto, fontes (*Plu. Alex.* 27; D. S. 17.49.5; Curt. 4.7.15;) que dizem que o exército foi guiado por corvos, seguindo possivelmente Calístenes e Aristobulo. Aqui Plutarco prefere seguir a versão das serpentes, relacionas a Âmon, porque alude ao nascimento divino de Alexandre, cf. *Alex.* 2-3.

Este secretamente conduziu a própria Antígona à presença de Alexandre, que não lhe tocou, antes se absteve. Através dela, ao invés, conspirando em segredo, desmascarou completamente Filotas; entretanto, transcorreram mais de sete anos sem que ele revelasse essa suspeita¹⁸⁴: nem no vinho, bêbado que ele era, nem devido à ira, um espírito furioso como ele tinha¹⁸⁵: nem a um amigo, ele que fazia todas as confidências **340A** a Heféstion e com ele partilhava tudo. Narra-se, de fato, que, quando uma vez Alexandre abriu uma carta secreta da mãe e a lia em silêncio para si próprio, Heféstion aproximou ligeiramente a cabeça para ler junto com ele; Alexandre não tentou impedi-lo, mas tirando o anel do dedo, apô-lo como sinal de sigilo sobre a boca de Heféstion.

VIII Todavia, poder-se-ia renunciar a referir esses exemplos, pelos quais se evidencia que Alexandre fazia uso de seu poder da maneira mais honrosa e digna de um rei. E mesmo que tenha se tornado grande devido à Fortuna, ele é ainda maior, porque soube da Fortuna tirar bom proveito. E quanto mais se louva a sua Fortuna, **B** mais se acrescenta a Virtude, graças à qual Alexandre se tornou digno de tal Fortuna. Mas já agora vou ao início do seu crescimento e aos primórdios do seu poder, e considerarei o que naqueles fatos é obra da Fortuna e por que motivos se diz que Alexandre se tornou grande por obra da Fortuna. Como, portanto, não dizer o mesmo, ó Zeus, de um sujeito que nunca sofreu um ferimento, que nunca

¹⁸⁴ Sobre a versão da cumplicidade de Parménion na conspiração, cf. D. S. 17.79-80; Curt. 6.7, 7.2; Plu. *Alex.* 48-49. Só Arriano (*An.* 3.26-27) é que sublinha a responsabilidade de Filotas, mostrando a primeira denúncia contra ele já no Egito.

¹⁸⁵ Aqui Plutarco argumenta contra a frequente crítica à cólera de Alexandre. Em *Alex.* (49, 50, 51, 62, 74), por não ser um texto laudatório, todavia, essa característica de Alexandre vem à tona, com a narração de episódios em que o rei perdeu o controle e não agiu pela razão.

derramou sangue, que nunca lutou, a quem o relincho de um cavalo instalou no trono de Ciro, como antes Dario¹⁸⁶, o filho de Histaspes¹⁸⁷? Ou de Xerxes¹⁸⁸, que um marido, Dario, adulado pela mulher, Atossa¹⁸⁹, pôs no trono? Será que a Alexandre a coroa do poder lhe veio bater à porta, como a Arses por obra de Bagoas, que o C despiu das roupas de mensageiro e o cingiu com uma tiara real sempre ereta¹⁹⁰? Terá sido de repente e de forma inesperada que ele foi eleito para governar a terra habitada, como em Atenas se era eleito tesmóteta ou arconte? Desejas aprender como os homens adquirem os reinos através da Fortuna? Extinguiu-se outrora entre os Argivos a estirpe de Hércules, a partir da qual era costume pátrio designar os reis; quando, na sua busca, consultaram o oráculo de Delfos, o deus respondeu que a indicação viria de uma

¹⁸⁶ Dario I reconstituiu a unidade Persa reconquistando a Babilônia, a Susiana e a Média. Subjugou a Trácia e a Macedônia, mas foi derrotado pelos Gregos em Maratona (490 a. C.). Organizou o Império dividindo-o em satrapias e fiscalizando-o por meio de enviados especiais.

¹⁸⁷ Os sete persas que depuseram o mago Esmédis decidiram, a respeito do reino, que o primeiro cujo cavalo houvesse relinchado após o nascer do sol seria proclamado rei; Dario I, graças a um subterfúgio, tornou-se rei, sobre essa versão do mito cf. Hdt. 3.84; Just. 1.10; X. *An.* 4.5.35.

¹⁸⁸ Xerxes, rei da Pérsia de 485 a 465 a. C., filho de Dario I e de Atossa, deu continuidade às Guerras Médicas, como vingança à derrota de seu pai na batalha de Maratona, em 490 a. C. Mandou construir um canal que atravessava a península de Atos, o que facilitou a passagem da frota, derrotou o exército de Leônidas I, vencendo a Batalha das Termópilas, em seguida, saqueou a região Ática e apossou-se de Atenas, destruindo os templos da Acrópole. Foi, por fim, derrotado em Salamina, onde sua frota foi destruída, em decorrência de erros táticos. Morre assassinado por seu ministro Artebano, em 465 a. C.

¹⁸⁹ Plutarco aqui refere, entretanto, a versão de Hdt. (7.3) que explicita que Xerxes, no entanto, tornou-se rei porque Atossa, mulher de Dario, era quem realmente possuía o poder.

¹⁹⁰ Era costume dos persas utilizar uma tiara direita (reta) que os Gregos chamavam κίταρις ou κίδαρις. cf. A. *Pers.* 661; Hdt. 1.132.1, 7.61.1; X. *An.* 2.5.23; Plu. *Art.* 26, 28, *Pomp.* 42, *Tem.* 29; Arr. *An.* 3.25.3.

águia; poucos dias depois, uma águia apareceu nas alturas, foi descendo e veio pousar sobre a casa de Égon, e, assim, Égon foi escolhido como rei. Outra vez, em Pafo, reinava um rei tido como injusto e cruel; Alexandre o depôs e começou a procurar outro, já que **D**a linhagem dos Cinírades parecia esgotada e extinta. Disseram-lhe, porém, que permanecia ainda um, pobre e desconhecido, que levava uma vida apagada cultivando o campo; por isso, os enviados de Alexandre foram procurá-lo e encontraram-no regando seus canteiros; ele, quando os soldados o prenderam e lhe ordenaram que os seguisse, ficou muito agitado. Conduzido à presença de Alexandre com uma veste ligeira e barata, foi proclamado rei e revestido de púrpura; tornou-se então um dos chamados ‘companheiros do rei’¹⁹¹. O seu nome era Abdalónimo¹⁹². É assim que a Fortuna produz reis: troca-lhes as roupas, muda-lhes o estatuto com toda a rapidez e facilidade, **E** sem que eles sequer o imaginem.

IX Mas Alexandre, que grandeza teve para além dos seus méritos, qual obteve sem suor, sem sangue, gratuitamente, sem fadiga? Bebeu em rios tingidos de sangue, passou sobre pontes de cadáveres, comeu para matar a fome a primeira grama que encontrou, furou através de comunidades submersas pela neve¹⁹³ e de cidades perdidas sob a terra, atravessou mares

¹⁹¹ Os «companheiros do rei» incluíam os Macedónios mais nobres que constituíam, em geral, juntamente com Tessálios, a cavalaria pesada. Deles se esperava a responsabilidade de eleger um novo rei quando fosse necessária a sucessão (D. S. 17.17.4; Arr. *An.* 1.6.5). Alguns eram já homens de confiança de Filipe, como Parménion; outros militares de valor e notáveis chefes como Perdicas, Amintas, Meleagro, por exemplo.

¹⁹² Tornou-se rei da cidade de Sídon (Curt. 4.1.19; Just. 11.10.8) e da cidade de Tiro (D. S. 17.47.5).

¹⁹³ Refere-se aos habitantes da região sul do Paropamisos (Hindu-Kush) próxima ao rio Cabul, no atual Afeganistão setentrional. À época acreditava-se que a região fosse muito vizinha ao polo norte; cf. D. S. 7.82; Curt. 7.3.

tempestuosos¹⁹⁴ e, caminhando por areias desérticas dos Gedrosianos e dos Aracósios¹⁹⁵, viu verdejar plantas primeiro no mar do que em terra¹⁹⁶. Se, de fato, fosse possível usar o testemunho da Franqueza, como se de uma criatura humana se tratasse, em defesa de Alexandre contra a Fortuna, ela não hesitaria **F** em dizer: «Onde e quando abriste tu caminho para os feitos de Alexandre? Qual fortaleza conseguiu ele conquistar sem derramamento de sangue, graças a ti? Que cidade desprotegida ou que exército desarmado lhe entregaste? Que rei encontrou ele de bom coração, que comandante negligente ou que sentinela sonolenta? Nunca ele encontrou rios acessíveis, um inverno moderado ou um verão suportável. **341A** Vai para junto de Antíoco¹⁹⁷, o filho de Seleuco, ou para junto de Artaxerxes¹⁹⁸, o

¹⁹⁴ A passagem do rio Indo (326 a. C.) foi acompanhada de uma tempestade que trouxe danos à frota de Alexandre; cf. D. S. 17.97.1; Curt. 9.9; Arr. *An.* 6.18-19.

¹⁹⁵ A Gedrósia era uma região predominantemente desértica, pois apesar de banhada pelo mar Eritreu (hoje Arábico), uma cadeia de montanhas impedia a umidade marinha de amenizar a temperatura, o que gerou dificuldades à travessia de Alexandre em 325 a. C. A Aracósia (hoje Afeganistão meridional) situava-se entre a Drangiana e o Indo ao norte do Paropamisos e ao sul da Gedrósia, cf. *Moralia* 328 CD, *Alex.* 66; D. S. 17.105; Curt. 9.10; Arr. *An.* 6. 21-26.

¹⁹⁶ A travessia da Gedrósia fez os Gregos conhecerem uma flora a eles até então desconhecida (Arr. *An.* 6.22; Plin. *Nat.* 12). Aqui possivelmente Plutarco menciona uma planta similar ao louro ou loureiro que cresce em regiões constantemente banhadas de água.

¹⁹⁷ Antíoco (324-261 a. C.), filho de Seleuco, tornou-se rei da Síria em 280. Em 294 torna-se sátrapa da região leste do Eufrates, com a capital na Selúcia. Derrota em 277 os Galatos recebendo, por isso, o título de Soter, 'salvador'. Ordenou a morte do próprio filho que se rebelara e esposou a mulher de seu pai Estratonice. Seu pai, Seleuco I, foi um general de Alexandre Magno, fundador dos Selúcidas.

¹⁹⁸ Artaxerxes II, filho de Dario II, reinou de 404 a. C., quando, na Grécia, Atenas era derrotada na Guerra do Peloponeso, até a sua morte em 358 a. C. Na batalha de Cunassa, teve de enfrentar seu irmão Ciro o Jovem que se rebelara, matando-o. Plutarco, citando primeiramente Antíoco e depois Artaxerxes, não segue a ordem cronológica.

irmão de Ciro; parte ao encontro de Ptolemeu Filadelfo¹⁹⁹. Esses foram proclamados reis pelos seus pais quando ainda vivos, esses venceram batalhas sem lágrimas; esses transcorreram suas vidas alegremente em procissões e teatros; desses cada um envelheceu reinando graças à ‘boa sorte’. Por sua vez, de Alexandre, para não ir mais longe, vê-lhe o corpo coberto de feridas; da ponta dos cabelos até à sola dos pés foi cortado, ferido e golpeado pelos inimigos:

«Com lança, espada e grossas pedras».

B Na batalha de Granico foi-lhe cortado por uma espada o elmo até aos cabelos, em Gaza²⁰⁰ foi ferido por um dardo no ombro, em Maracanda²⁰¹ foi atingido por uma flecha na perna, de modo que o osso da canela fraturou com a lesão e rompeu a pele²⁰²; num qualquer lugar da Hircânia²⁰³ foi ferido por uma pedra no pescoço²⁰⁴, o que lhe toldou a vista e o deixou por vários dias com medo de uma cegueira definitiva. Entre os

¹⁹⁹ Ptolemeu II (308-246 a. C.), filho de Ptolemeu I Soter, tornou-se rei do Egito em 283 a. C. quando o pai abdicou em seu favor até sua morte. Reordenou a burocracia e enriqueceu a biblioteca de Alexandria.

²⁰⁰ Refere-se ao assédio a Gaza, fortaleza que dominava a via de acesso ao Egito, a qual Alexandre conquistou depois de dois meses de luta em 332 a. C., cf. D. S. 17.48.7.

²⁰¹ Samarcanda cujo nome significa “Forte de Pedra” ou “Cidade de Pedra”, em sogdiano, é a segunda maior cidade do Uzbequistão e a capital da província de Samarcanda, situando-se num fértil vale irrigado.

²⁰² Cf. Plut. *Alex.* 45 onde se fala da mesma ferida, mas se omite o lugar onde foi adquirida e Arr. *An.* 3.30.11 que sustenta, entretanto, ter ocorrido próximo do rio Tânaís e não em Maracanda, cidade de maior prestígio onde talvez Plutarco tenha situado o episódio por razões retóricas.

²⁰³ Hircânia era o nome de uma satrapia localizada nos territórios das atuais províncias iranianas de Golestan, Mazandaran, Gilan e parte do Turcomenistão, ao sul do mar Cáspio (Hircânio), região montanhosa e recoberta de bosques ao sul e de vales férteis ao norte. Alexandre atravessou e submeteu a Hircânia quando perseguiu Besso (assassino de Dario).

²⁰⁴ Cf. Plu. *Alex.* 45; Arr. *An.* 4.3.3 e Curt. 7.6 para diferentes versões sobre essa ferida.

Assacenos²⁰⁵, foi ferido por um dardo indiano no tornozelo; e foi nessa circunstância que ele, sorrindo, disse aos adulares:

«Esse é icor²⁰⁶, *daquele que escorre dos deuses bem-aventurados*»²⁰⁷.

Em Isso foi ferido por uma espada na coxa, como disse Cares²⁰⁸, pelo rei Dario, que o confrontou em um duelo; C o próprio Alexandre, escrevendo sinceramente e com toda a verdade a Antípatro, comentava: «Aconteceu-me, também a mim, ser ferido por um punhal na coxa; mas, da ferida, não me resultou nenhum inconveniente, nem no momento nem depois». Entre os Malos²⁰⁹, foi atingido por uma flecha de dois côvados²¹⁰ de comprimento no peito, através da armadura; então alguém se aproximou com um maço e lhe golpeou o pescoço, como escreve Aristobulo. Depois da passagem do rio Tanaís, numa campanha contra os Citas²¹¹, perseguiu-os a cavalo por cento e cinquenta estádios, embora afectado por uma diarreia.

²⁰⁵ Os Assacenos ocupavam o território a oriente do rio Gureou, afluente do Cabul.

²⁰⁶ Na mitologia grega, Icor (em grego: ἰχώρ, transl. *ichór*) é o fluido eterno, presente no sangue dos deuses. Quando um deus era machucado e sangrava, o icor fazia seu sangue venenoso para mortais. Essa substância também fazia com que o sangue dos deuses ganhasse uma coloração dourada.

²⁰⁷ Alexandre recebe essa ferida em 327 a. C. durante o assédio de Massaga, capital dos Assacenos. Cf. Curt. 8.10; Arr. *An.* 4.26.4; Sen. *Ep.* 6.7.12.

²⁰⁸ Cares de Mitilene, oficial e camareiro do rei, foi autor de uma *História de Alexandre* (FGrHist 125 F 6), colocada em dúvida pelos historiadores, já que defende ter havido um duelo direto entre Alexandre e Dario, o que aqui é referido, mas é refutado pelo próprio Plutarco em 327A e por outras fontes como D. S. 17.34.5; Curt. 3.11.4; Arr. *An.* 2.12.1).

²⁰⁹ Os Malos são uma tribo independente localizada ao longo do rio Hidraote, muito belicosa, cf. *Alex.* 48.

²¹⁰ Medida correspondente a aproximadamente quarenta e quatro centímetros (cf. Curt. 9.5).

²¹¹ Por Citas compreendiam-se várias tribos nômades que viviam em torno do rio Jaxartes. Aqui se alude aos Citas europeus (cf. Arr. *An.* 4.1.1) que ocupavam as estepes, desde a China, a leste, até o Danúbio, a ocidente. Cf. Hdt. (4. 1-144).

X Bela forma essa, ó Fortuna, de fazeres avultar e de tornares grande Alexandre, esburacando-o por todo o lado, minando-o, abrindo-lhe **D** todas as partes do corpo; nada tem a ver com o que fez Atena em relação a Menelau, que, desviando e endereçando-lhe os dardos à parte mais resistente da armadura, atenuou a intensidade da ferida, pela couraça, pelo elmo e pelo cinturão, de modo que somente derramasse um pouco de sangue²¹². Tu, porém, oferecete-lhe aos dardos as partes vitais desnudas, fizeste-lhe penetrar os golpes até aos ossos, cercaste-lhe o corpo, sitiaste-lhe os olhos e os pés, obstaculizaste-lhe as perseguições, arrebataste-lhe as vitórias, arruinando-lhe as expectativas». Na minha opinião, rei algum experimentou uma Fortuna mais adversa do que a dele, apesar de que a muitos sucederam episódios duros e malignos. Todavia se ela, como um raio, derrubou e **E** destruiu outros governantes, perante Alexandre a sua hostilidade tornou-se litigiosa, irascível e implacável, como perante Herácles²¹³. De fato, qual Tifão ou qual monstruoso gigante não fez ela levantar como antagonista²¹⁴ contra Alexandre? Ou qual dos seus inimigos não fortaleceu

²¹² Alude-se ao episódio no qual o Troiano Pândaro, sob o conselho de Atena, dispara uma flecha contra Menelau. A deusa, de facto, queria que a trégua decretada na ocasião do duelo entre Páris e Menelau fosse violada e, por isso, desvia o dardo do corpo do herói grego, endereçando-o à cintura onde havia uma dupla camada de couro, de tal modo que o ferimento tenha sido superficial (*Il.* 4. 129.).

²¹³ Propõe-se uma aproximação entre Alexandre e Hércules na medida em que a Fortuna seria adversa a ambos. Cf. *Moralia* 334D; *Sen. Ben.* 1.13.2, 7.3.1; *Ep.* 94.36.

²¹⁴ Faz-se provavelmente referência aos Indus, os mais altos dos povos asiáticos que chegavam a aproximadamente cinco côncavos ($\approx 2,20\text{m}$, cf. *Arr. An.* 5.4.4). Também a propósito do rei Poro, que reinava entre os rios Hidaspes e Acesines, D. S. (17.88.4) disse que tinha a altura de cinco côvados; *Plu. (Alex.* 60) quatro côvados e um palmo ($\approx 1.96\text{m}$); *Arr. (An.* 5.19.1) afirma que tinha mais de cinco côvados. Nota-se um exagero retórico.

com uma quantidade de armas, com a profundeza dos rios, ou a aspereza das montanhas, ou com a força de estranhas feras²¹⁵? Se não fosse grande o ânimo de Alexandre, se, movido de uma grande virtude, não tivesse resistido e lutado contra a Fortuna, não se teria cansado e renunciado a alinhar e a armar as tropas, a sitiar e **F** perseguir no meio de revoltas incontáveis, deserções, tumultos de povos, rebeliões de reis, contra [Bactrianos, Maracandanenses, Sogdianos], cortando, entre povos infiéis e traidores, a Hidra que sempre produz novas guerras?

XI Pode parecer estranho o que eu digo, mas eu apenas direi a verdade: pouco faltou para que Alexandre, por causa da Fortuna, perdesse a fama de ser filho de Zeus Âmon. Quem, de fato, nascido dos deuses, teria suportado combates tão perigosos, fatigosos e **342A** danosos exceto Hércules, filho de Zeus²¹⁶? Foi a arrogância de um homem que lhe ordenou que matasse leões, perseguisse javalis e caçasse aves, a fim de que, circulando pelo mundo, não tivesse tempo para grandes façanhas, como castigar Anteu ou pôr fim aos assassínios dos Busíridas²¹⁷. A Alexandre,

²¹⁵ Alude-se aos episódios da campanha à Índia: a tomada da rocha Aorna, tida como impossível dado que Herácles não conseguiu fazê-lo (cf. D. S. 17.85; Curt. 8.11; Plu. *Moralia* 327C, *Alex.* 58; Arr. *An.* 4.28.7, 4.30.4), a travessia do Hidaspes e a batalha contra os elefantes de Poro (cf. D. S. 17.87; Curt. 8.13-14; Plu. *Alex.* 60; Arr. *An.* 5.9-19).

²¹⁶ Hércules consultou Zeus Âmon quando foi à Líbia de Anteu e, depois, quando esteve no Egito (cf. Plu. *Moralia* 315B, 857A; Arr. *An.* 3.3.1).

²¹⁷ Alude-se aqui aos doze trabalhos de Hércules por ordem do tio Euristeu: a morte do leão de Nemeia, a captura do javali de Erimanto, e a caça das aves do lago Estínfalo; logo depois, ao invés, as empresas maiores que Hércules teve que enfrentar foram: combater contra Anteu e Busíris. Anteu, gigante líbico filho de Posídon e de Gea, fazia com que os viajantes lutassem com ele e os vencia sempre adquirindo sua força no contato com a terra; foi vencido por Herácles que o sufocou suspenso no ar (Plu. *Thes.* 11, *Sert.* 9). Busíris, rei egípcio, famoso pela sua inospitalidade, filho de Posídon e de Lisianassa, sacrificava a Zeus os estrangeiros que passavam em seu território; morto por Hércules ao longo da conquista dos pombos de ouro no jardim dos Hespérides.

ao invés, a Virtude impunha uma luta digna de reis e de deuses, cujo fim não era o de fazer circular o ouro sobre infinitos camelos, nem os luxos medos, nem banquetes, nem mulheres, nem o vinho de Calibónia, nem os peixes dos Ircanos²¹⁸, mas assegurar que todos os homens obedecam a uma só ordem, se submetam a um só poder e se adaptem a um só modo de vida. **B** Desde criança tinha esse desejo inato, que se alimentava e crescia com ele. Quando vieram embaixadores do rei dos Persas à corte de Filipe, que não estava presente, Alexandre tratou-os com gentileza e com as honras devidas aos hóspedes, sem fazer nenhuma pergunta infantil, como os demais, sobre a vinha de ouro, os jardins suspensos, ou como o rei se vestia; interessavam-no apenas os elementos essenciais do poder; perguntava então qual a dimensão da força dos Persas, onde ficava posicionado o rei durante as batalhas (como o famoso Odisseu, que interrogava: «Onde estão suas armas de guerra, onde os cavalos?»²¹⁹), **C** quais eram os acessos mais curtos para quem vinha do mar em direcção ao interior. Os estrangeiros, estupefatos, exclamaram: «Este menino é um grande rei, enquanto o nosso é um rei rico»²²⁰. Quando, depois da morte de Filipe, Alexandre se preparava para empreender sua expedição e, absorvido nos projectos e nos preparativos, se apressou a atacar a Ásia, a Fortuna opôs-se-lhe, fê-lo voltar atrás, arrastando-o em direcção contrária, circundou-o com mil dificuldades e impedimentos na tentativa de fazê-lo parar. Primeiramente fez solevar contra ele os bárbaros vizinhos, causando a guerra contra Ilírios e Tribalos. Por causa desses

²¹⁸ Trata-se dos peixes do Mar Cáspio, de espécies e cores muito diversas, cf. D. S. 17.75.3; Curt. 6.4.

²¹⁹ Alude-se ao episódio em que Odisseu, tendo capturado o troiano Dólon, interrogou sobre Heitor, obtendo informações preciosas (*Il.* 10.407).

²²⁰ Cf. *Alex.* 5, 9; *Moralia* 331B, 179D, 180A.

conflitos, foi desviado dos seus projetos asiáticos até à região da Cítia, fronteira ao Istro²²¹; **D** após muitas manobras e depois que pôs fim a todos os tumultos, em meio a perigos e disputas enormes, retomou os preparativos e apressou a travessia. E de novo a Fortuna lançou contra ele Tebas e lhe barrou o caminho com uma guerra contra os Gregos, com a terrível necessidade de defender-se através de massacres, a ferro e fogo, de pessoas da mesma nação e do mesmo sangue, com conseqüências dolorosíssimas. Depois disso, fez a travessia com provisões para apenas trinta dias, conforme narra Filarco²²², e com setenta talentos, como refere Aristobulo. Do seu património pessoal e dos proventos reais ele dividiu a maior parte com os ‘companheiros’; **E** apenas Perdicas não aceitou nenhum presente, antes lhe perguntou: «E para ti, o que é que reservas, Alexandre?». Ao que este respondeu: «As esperanças». Perdicas disse-lhe então: «Certamente também nós dessas participaremos contigo; pois que não é justo apropriarmo-nos das tuas posses, mas sim esperar as de Dario».

XII Quais eram então as esperanças sobre que Alexandre se apoiou para atravessar para a Ásia? Não um poder medido por muralhas que contivessem cidades de dez mil habitantes²²³, nem frotas que navegassem através de montes²²⁴, nem chicotes nem grilhetas, insanos e barbáricos instrumentos para castigar o mar²²⁵; exteriormente, muita ambição em seu pequeno exército,

²²¹ Rio Danúbio.

²²² Sobre Filarco, historiador ateniense, autor de uma obra que abrange o período da morte de Pirro (272 a. C.) à derrota de Cleómenes de Esparta em 220 a. C.; cf. *Moralia* 327E, *Alex.* 15.

²²³ Xerxes agrupou num só local dez mil soldados constrictos em forma de círculo. Dispensados os dez mil, fez edificar em torno da marca do círculo um muro que se tornou uma medida de unidade de centímetro (Hdt. 7.60).

²²⁴ *Vide supra* nota 64.

²²⁵ Alude-se ao episódio no Helesponto, em que Xerxes quis construir

a emulação entre soldados da mesma idade, a competição dos ‘companheiros’ pela glória e pela virtude. **F** No seu íntimo, ele retinha as grandes esperanças: o respeito aos deuses, a confiança nos amigos, a frugalidade, o autocontrole, a experiência, o desprezo da morte, a magnanimidade, a humanidade, o diálogo afável, a integridade moral, a firmeza nas decisões, a rapidez nas ações, a primazia da glória, a determinação para a realização de ações nobres. Homero²²⁶, de fato, não foi conveniente nem verossímil na forma como descreveu a beleza de Agamémnon, ao combinar três símiles:

343A «Os olhos e a cabeça semelhantes a Zeus deleitado pelo raio, a cintura a Ares, o peito a Posídon».

Em relação à natureza de Alexandre, se o deus que o gerou a harmonizou e compôs de muitas virtudes, será que não podemos dizer que ele tinha a magnanimidade de Ciro²²⁷, a temperança de Agesilau²²⁸, a inteligência de Temístocles²²⁹, a experiência de Filipe, a audácia de Brásidas²³⁰, a eloquência e a habilidade

uma ponte que ligasse a Ásia a Europa, que fora destruída por uma tempestade. Depois disso, Xerxes fez punir o mar, flagelando-o, num ato de notável soberba (Hdt. 7.33-34; Plut. *Moralia* 470E).

²²⁶ O verso (*Il.* 2.178-179) localiza-se na ocasião em que Agamémnon e outros comandantes ordenaram que os Aqueus entraram em guerra contra os Troianos, o que fora sugerido por Zeus no início do canto.

²²⁷ Ciro, o Velho, filho de Cambises, fundador do império persa; depois de ter conquistado a Média (550 a. C.), a Lídia (546 a. C.), a Iónia e a província a oriente da Pérsia, em 539, entrou na Babilónia e morreu em combate em 528; cf. Plu. *Sol.* 28, *Moralia* 514B, 521F, 545B; Curt. 7.6; 10.1.

²²⁸ Agesilau II, filho de Arquidamo II, torna-se rei de Esparta em 400 a. C, notável por sua temperança demonstrada no confronto de Megabate, cf. X. *Ages.* 5.4; Plut. *Moralia* 31C, 81A, *Ages.* 11.

²²⁹ Temístocles (528-462 a. C.), político e militar ateniense da família dos Licómidas, que ficou famoso pelo favorecimento de movimentos democráticos no Peloponeso; cf. Plu. *Them.* 1-7, 9-32, *Moralia* 84C, 534DE, 784D, 812CE, 818D, 826D, *Cim.* 5.

²³⁰ Valoroso general espartano de 424 a. C. (cf. Plu. *Lyc.* 25, *Nic.* 9, *Moralia* 76A, 79E).

política de Péricles²³¹? Daqueles ainda mais antigos, foi mais temperado do que Agamémnon: este preferiu uma prisioneira à própria mulher²³²; Alexandre, em contrapartida, mesmo antes de se casar, mantinha-se distante das prisioneiras de guerra. **B** Foi mais magnânimo do que Aquiles: este, por um preço baixo, concedeu o resgate do corpo de Heitor; Alexandre, ao invés, fez sepulturar Dario com um suntuoso funeral²³³; Aquiles recebia dos amigos presentes e recompensas para aplacar sua ira²³⁴; enquanto Alexandre, ao vencer os inimigos, os enriquecia. Mais piedoso do que Diomedes²³⁵: este, de fato, estava preparado para lutar contra os deuses, enquanto Alexandre considerava os deuses capazes de levar tudo a bom termo. Foi mais caro aos seus compatriotas do que Odisseu, cuja mãe morreu de dor, enquanto a mãe do inimigo de Alexandre, pelo afeto que nutria por ele, morreu com a notícia de sua morte.

XIII Em uma palavra, se Sólon²³⁶ graças à Fortuna governou

²³¹ Péricles (495-429 a. C.) se tornou um político influente por ter promovido obras públicas em Atenas, como o Pártenon, por ter transformado a Liga Délia num verdadeiro império ateniense e por ter liderado seus compatriotas durante os dois primeiros anos da Guerra do Peloponeso, além de ter favorecido a democracia; cf. Cic. *de Orat.* 3.343.138; Plu. *Moralia* 540C, 543B, 802BC, 803AB, *Per.* 8; Quint. *Inst.* 12.9.13.

²³² Cassandra, filha de Príamo, rei de Tróia, tinha de Apolo o dom da profecia, mas ninguém nela acreditava; depois da queda de Tróia, foi levada por Agamémnon a Micenas como prisioneira e previu a morte deste rei e a sua própria, cf. *Il.* 1.113; *A. A.* 1440-1441.

²³³ Somente Plutarco e Diodoro Sículo (17.73.3) afirmam que Alexandre consentiu dar a Dario uma sepultura digna. O próprio Plutarco (*Alex.* 43) e Arriano (*An.* 3.21.10-22) referem apenas a restituição do corpo do grande rei aos Persas.

²³⁴ Cf. *Il.* 19.140-147.

²³⁵ Diomedes, filho de Tideu, rei de Argos, foi um herói grego ajudado por Atena, que feriu a deusa Afrodite quando essa tentava manter Eneias salvo. Fere também o deus Ares quando esse encoraja os Troianos a prosseguirem a luta; cf. *Il.* 5.335-352, 855-861.

²³⁶ Sólon (640-560 a. C.) ateniense, considerado um dos sete sábios, eleito arconte em 594 criou uma reforma legislativa que favoreceu o

o Estado, se Milcíades²³⁷ graças à Fortuna **C** guiou o exército, se Aristides²³⁸ pela Fortuna foi justo, nesse caso nada é obra da Virtude: ela é apenas um nome e uma palavra de prestígio que atravessa em vão a vida, moldada pelos sofistas e pelos legisladores. Se, ao invés, qualquer um destes homens e de seus pares se tornou pobre ou rico, fraco ou forte, feio ou belo, de vida longa ou breve devido à Fortuna, e se alguém se mostra grande estratega, grande legislador, grande no poder ou na política por causa da Virtude e do intelecto, considera então Alexandre em paralelo com todos os outros. Sólon instituiu em Atenas a abolição das dívidas a que chamou **D** «Libertação de encargos»; Alexandre, ao invés, pagou ele mesmo as dívidas dos seus homens aos credores. Péricles, após ter arrecadado impostos dos Gregos, adornou com esses proventos a acrópole de templos; Alexandre, por sua vez, apossando-se da riqueza dos bárbaros, enviou-a para Grécia com ordem de edificar com dez mil talentos templos aos deuses. Brásidas tornou-se famoso na Grécia por ter sido capaz de atravessar correndo, junto à costa de Metone²³⁹, pelo acampamento inimigo sob uma investida de dardos; Alexandre, ao invés, tornou-se notável perante os

desenvolvimento da democracia; aboliu a escravidão por débitos (Arist. *Ath.* 10, 1; *Plu. Sol.* 15-16, *Comp. Sol. Publ.* 3, *Moralia* 807D, 828F); introduziu o critério de censo (*timocracia*) e modificou o código penal. Cf. Leão (2001) 215-328.

²³⁷ Milcíades, filho de Címon (550-489 a. C.), foi um general ateniense que comandou a vitória sobre os Persas em Maratona; cf. *Plu. Thes.* 6, *Them.* 3, *Arist.* 5, 16, 26, *Comp. Arist. Cat. Ma.* 2, *Cim.* 4, 5, 8, *Demetr.* 14, *Moralia* 84BC, 92C, 800B.

²³⁸ Aristides de Atenas (520-468 a. C.) foi um estadista e general ateniense, filho de Lisímaco, que desempenhou importante papel na batalha de Maratona. Foi cognominado de «o Justo» e encarregado de fixar o contributo que cada um deveria dar ao Estado; cf. *Plu. Moralia* 76A, 84F, 458C, 463E, 790F, 795C, 797A, 805EF, 809B, 823E.

²³⁹ Cidade sobre a costa ocidental da Messênia.

Oxidracas²⁴⁰ por causa daquele salto terrível, inacreditável de se ouvir contar e temeroso de se ver, **E** quando se jogou das muralhas contra os inimigos que o esperavam com lanças, dardos e espadas nuas; a que se poderia comparar aquele salto, que não fosse ao fogo de um raio que rebentasse e caísse em meio a um furacão, como se sobre a terra sobreviesse o fantasma de Febo, reluzente nas suas armas flamejantes²⁴¹? Os inimigos, primeiro estupefatos, desesperaram-se pelo medo e retiraram-se; depois, quando viram que um só homem atacava muitos, tomaram uma posição de resistência. Aqui, não há dúvida, a Fortuna deu uma notável e manifesta prova de sua benevolência perante Alexandre! Lançou-o em um lugar obscuro e bárbaro, fechou-o e manteve-o cercado; e quando os seus homens acorreram em sua ajuda de fora e tentaram escalar os muros, **F** ela quebrando e despedaçando as escadas, fê-los cair e precipitar-se. Dos únicos três que conseguiram segurar-se às muralhas e se atiraram ao chão para resistir juntamente com o rei, um logo a Fortuna o arrebatou e matou, outro, ao invés, foi trespassado por tantas flechas que só não morreu pelo fato de ainda ver e sentir. **344A** Cá fora os Macedónios tentavam o assalto e urravam em vão, porque não dispunham de nenhuma máquina nem de instrumento de guerra algum; mas com esforço golpeavam as muralhas com as espadas e tentavam abrir algumas brechas com os próprios punhos nus; só faltou abrirem caminho à dentada! Esse afortunado rei, protegido e assistido sempre pela Fortuna, era como uma fera presa em uma rede de caça, abandonado e sem ajuda; e não se tratava, para ele, de se apossar de Susa, nem de Babilónia ou de conquistar a Bácia, nem de vencer o grande

²⁴⁰ Os Oxidracas moravam na região entre o Hidraote, um afluente do Indo, na atual Pendjab, e o Ifasi.

²⁴¹ Citação não identificada, mas que remete a uma passagem homérica (*Il.* 15.237).

Poro (de fato, nos combates ilustres e grandiosos, mesmo que não se tenha êxito, a desonra não se faz presente). **B** A Fortuna, todavia, foi de tal modo maligna, adversa, amiga dos bárbaros e inimiga de Alexandre, que não só tentou privá-lo do corpo e da vida, mas também arrasar-lhe a fama e, quanto dependia dela, corromper-lhe a reputação. Não seria, de fato, indigno de Alexandre tombar e ser sepultado junto ao Eufrates ou ao Hidaspes, nem seria desonroso morrer ao defrontar em duelo Dario, nem perante os cavalos, as espadas e os machados dos Persas que combatiam em defesa do seu rei; ou ainda perder o equilíbrio ao escalar os muros da Babilónia e cair da altura de sua grande esperança. Assim caíram Pelópidas e Epaminondas: a morte deles em tal empresa foi o efeito da sua Virtude, não da sua má fortuna. **C** Mas qual foi a obra da Fortuna que agora examinamos? A de cercar e de esconder, lá nos confins de um rio bárbaro e dentro das muralhas de um vilarejo obscuro, o rei e senhor de todo o mundo habitado e fazê-lo perecer golpeado por armas mesquinhas e por quaisquer apetrechos que se tivesse à mão? E, de fato, por um machado que lhe atravessou o elmo foi ferido na cabeça, e também por um dardo, lançado por um arco, que lhe atravessou a couraça; penetrou-a até ao osso do peito e ali se fixou, enquanto a haste, proeminente, o oprimia; a ponta de ferro, de fato, tinha quatro dedos de largura e cinco de comprimento²⁴². O último, dentre os episódios perigosos que experimentou, foi o seguinte: quando ele estava se defendendo dos inimigos que o atacavam de frente, aquele que o havia ferido com o arco **D**ousou aproximar-se com a espada; mas Alexandre antecipou-se e matou-o com o punhal; enquanto isso, alguém

²⁴² Nota-se uma amplificação das dimensões da flecha se comparadas com Plu. *Alex.* 63, em que a ponta era dita de três dedos de largura e quatro de comprimento. D. S. 17.99.3 e Arr. *An.* 6.10.1 não fazem referência à dimensão. Curt. (9.5), por sua vez, diz que tinha dois côvados.

que saiu a correr de um moinho infligiu-lhe por trás um golpe com um maço no pescoço, que lhe atordoou os sentidos e o deixou desmaiado. Eis então que a Virtude aparece trazendo-lhe coragem, e força e velocidade aos companheiros. De fato gente como Limneu, Ptolemeu, Leonato e outros, que subiram às muralhas ou as penetraram, dispuseram-se em sua defesa, como uma muralha de Virtude; por benevolência e amor ao rei, colocavam em perigo o corpo cara a cara e até a própria alma. Não é, certamente, graças à Fortuna que os companheiros dos bons reis arriscam e dão voluntariamente a vida por eles, **E** mas por amor à Virtude, tal como as abelhas que, como se tomadas por um feitiço de amor, se avizinham e rodeiam a sua rainha. Quem estando presente como espectador daquele episódio sem correr perigo, não diria que assistiu a uma grande luta entre a Fortuna e a Virtude? E que o elemento bárbaro levou vantagem acima dos seus méritos, graças à Fortuna, e o grego, ao invés, lhe resistiu, além da própria força, graças à Virtude? Se os bárbaros prevalecessem, isso seria obra da Fortuna, de um demônio invejoso, ou obra da vingança; se, entretanto, os Gregos vencessem a disputa, teria sido a Virtude, a audácia, a amizade e a confiança a ganharem o prêmio da vitória? Só desses aliados, de fato, dispunha Alexandre, quando a Fortuna interpôs uma muralha diante do resto das suas forças, do seu equipamento, da sua frota, da sua cavalaria e **F** do seu acampamento. Por fim, os Macedônios derrotaram os bárbaros, e sobre os que caíram fizeram ruir a cidade, mas nenhuma vantagem daí adveio a Alexandre: esse foi carregado com o dardo, com a cana enterrada nas vísceras; a flecha era para ele como uma ligadura ou um prego que mantinha próxima a couraça ao corpo. E o ferro, que se cravou na região óssea do peito em frente ao coração, **345A** resistia àqueles que tentavam, com grande força, extraí-lo da raiz da ferida. Não ousaram serrar a parte saliente da flecha,

pois temiam que, com o espasmo, o osso fendesse e produzisse uma dor intolerável e uma hemorragia interna. Vendo aquela grande incerteza e hesitação, o próprio Alexandre fez uma tentativa com o punhal de cortar a flecha à superfície da couraça; mas também a mão estava exausta e pesada devido ao torpor gerado por uma inflamação da ferida. Portanto, com palavras de coragem, ordenou àqueles que estavam ilesos que agissem sem receio²⁴³; **B** censurou aqueles que choravam e se lamentavam a outros chamou-lhes traidores, por não terem a coragem de ajudá-lo; e gritou aos ‘companheiros’: «Não se mostrem covardes, nem mesmo por pena de mim; ninguém acreditará que eu não temo a morte, se vocês temem a minha»²⁴⁴.

²⁴³ Cúrcio Rufo (9.5) sustenta que foi o médico Critobulo a extrair a flecha da ferida sob a exortação de Alexandre; Arriano (*An.* 6.11.1), por sua vez, afirma que foi Critodemo, um médico de Cós, da estirpe de Asclépio; segundo outros, porém, foi o guarda Perdicas que fez essa tentativa a pedido do rei.

²⁴⁴ A narração de Plutarco na biografia (*Alex.* 63) é muito mais sóbria. Aqui se tem uma descrição em que se abusa dos detalhes para se transmitir ao ouvinte um maior realismo e, assim, sensibilizá-lo na conclusão do discurso.

(Página deixada propositadamente em branco)

ΑΡÊNDICE:
ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS E TOPÓNIMOS ANTIGOS

Tradução portuguesa	Palavra grega	Passo
Abdalónimo	Ἀβδαλώνυμος	340D
Academia	Ἀκαδήμεια	328A
Aéropo	Ἀέροπος	327C
Agamémnon	Ἀγαμέμνων	331D; 342F; 343A
Agesilau	Ἀγησίλαος	343A
Alcibíades	Ἀλκιβιάδης	328C; 333A
Alexandre, tirano de Feras	Ἀλέξανδρος ὁ Φεραίων τύραννος	334A
Alexandria	Ἀλεξάνδρεια	328F
Amintas	Ἀμύντας	327C
Âmon	Ἄμμων	330F; 339E; 341F
Amorgo	Ἀμοργός	338A
Anaxarco	Ἀνάξαρχος	331E
Anaxímenes	Ἀναξιμένης	327E
Aníbal	Ἀννίβας	330D
Ânteas	Ἀντέας	334B
Anteu	Ἀνταῖος	342A
Antígenes	Ἀντιγένης	339B, C, D
Antigénidas	Ἀντιγενίδας	335A
Antígona	Ἀντιγόνα	339D, E
Antígono	Ἀντίγονος	330E, 337A
Antíoco	Ἀντίοχος	341A
Antípatro	Ἀντίπατρος	341C
Antístenes	Ἀντισθένης	336A
Apeles	Ἀπελλῆς	335A
Apolo	Ἀπόλλων	338B
Aquiles	Ἀχιλλεύς	331D; 343B

ΑΡΕΝΔΙΕ: ΙΝΔΙΕ ΔΕ ΑΝΤΡΟΠΟΝΙΜΟΣ Ε ΤΟΠΟΝΙΜΟΣ ΑΝΤΙΓΟΣ

Άραβες	Ἄραβαι	336C
Aracósios	Ἄραχώσιοι (οἱ)	328C, 340E
Arbela	Ἄρβηλα	326F, 339A
Arcesilau	Ἄρκεσίλαος	328A
Ares	Ἄρης	343A
Argéada	Ἄργεάδης	331E
Argivos	Ἄργεῖοι	340C
Aristides	Ἄριστείδης	343C
Aristipo	Ἄρίστιππος	331E
Aristobulo	Ἄριστόβουλος	327D, E; 341C; 342D
Aristonico	Ἄριστόνικος	334E
Aristóteles	Ἄριστοτέλης	327E; 329B; 331E
Arménia	Ἄρμένιος (Τιγράνης)	336D
Arquelau	Ἄρχέλαος	334B
Arquéstrato	Ἄρχέστρατος	333E
Arrideu	Ἄρριδαῖος	336D; 337D
Arses	Ἰάρσης	336D; 337E
Artaxerxes	Ἄρταξέσης/ Ἄρτοξέρξης	341A; 327A
Asdrubal	Ἄσδρούβας	328D
Ásia	Ἄσία	328D, E; 329E; 330C, D; 340B; 342C, E
Aspasianos	Ἄσπάσιοι (οἱ)	327A
Assacenos	Ἄσσάκανοι	341B
Atena (deusa)	Ἄθηνᾶ	341D
Atenas	Ἄθηναι	327C; 328D; 340C; 343C
Atenodoro	Ἄθηνόδωρος	334E
Atos	Ἄθως	335D, E
Atossa	Ἄτόσσα	340B
Autofradates	Ἄυτοφραδάτης	339E
Babilónia	Βαβυλών/ Βαβυλώνιος	327D; 328D; 336C; 339A; 344A, B

ΑΡÊNDICE: ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS E TOPÓNIMOS ANTIGOS

Bactriana	Βάκτρα	328D; 341F; 344A
Bagoas	Βαγώας	337E; 340B
Bárbaros	Βάρβαροι	343D
Benfeitores	Εὐεργέται	338C
Bitínia	Βιθυνός (Νικομήδης)	336E
Bizâncio	Βυζάντιος (Πασιάδης)	338B
Bizantinos	Βυζάντιοι	338A
Brásidas	Βρασίδης	343A, D
Bucéfala	Βουκεφαλία	328F
Busíris	Βούσιρις	342A
Calibónia	Χαλιδώνιος	342A
Cares	Χάρης	341B
Carilau	Χάριλλος	337D
Carnéades	Καρνεάδης	328A, D
Cartaginês	Καρχηδόνιος	328D
Cáspio	Κάσπιον	335E
Cáucaso	Καύκασος	328D, F; 332B; 335E
Chípre	Κύπρος / Κύπριοι	333E; 334E
Ciclope	Κύκλωψ	336F
Cilícia	Κιλικία	326F; 339A
Cinírades	Κινυραδοί	340D
Ciro	Κύρος	327A; 338F; 340B; 341A; 343A
Citas	Σκύθαι (οί)	327C; 328C; 330D; 334B; 341C
Cítia	Σκυθία	342C
Clearco	Κλέαρχος	338B
Clito, o Branco	Κλεΐτος	338A
Clito, o Negro	Κλεΐτος	
Clitofonte	Κλειτοφών	328C
Clitómaco	Κλειτόμαχος	328D
Corinto	Κόρινθος	329D; 331E

ΑΡΕΝΔΙΕ: ΊΝΔΙΕ ΔΕ ΑΝΤΡΟΠΌΝΙΜΟΣ Ε ΤΟΠΌΝΙΜΟΣ ΑΝΤΙΓΟΣ

Crátero	Κρατερός	337Α; 339F
Crates	Κράτης	336C
Crítias	Κριτίας	328C
Damasco	Δαμασκός	339E
Dario I	Δαρείος Ι	340B
Dario III	Δαρείος ΙΙΙ	326E; 329D; 332E; 337E; 338D, E; 339A, B; 340B; 341B; 342E; 343B; 344B
Delfos	Δελφοί	336C
Demarato	Δημάρατος	329D
Demétrio	Δημήτριος	338A
Dinómenes	Δεινομένης	339B
Diógenes	Διογένης ό Βαβυλώνιος	328D
Diógenes, o cínico	Διογένης ό Κυνικός	331E, F; 332A, B
Diomedes	Διομήδης	343B
Dionísio	Διονύσιος	330F, 333F; 334C; 338B
Dioniso	Διόνυσος	332A
Dórica (mãe)	Δωρίς	338
Dúris	Δουρίς	327E
Eácidas	Αϊκίδαί	334D
Egípto	Αίγυπτος	326F; 328F; 339A
Égon	Αίγων	340C
Élis	Ήλεϊος	331E
Emodo	Ήμωδά	335E
Epaminondas	Ήπαμειώνδας	344B
Epicarmo	Ήπίχαρμος	336B
Eratóstenes	Ήρατοσθένης	330A
Escarfeia	Σκάρφεια	334E
Esparta	Σπάρτη	335A, 337D
Espitridates	Σπιθριδάτης	326F

Ésquilo	Αισχύλος	334D
Estasicrates	Στασικράτης	335C
Estatira	Στάτειρα	338D
Estirpe de Hércules	Ἡρακλείδης	340C
Estoicos	Στωϊκοί (οἱ)	329A; 332C
Etiópes	Αἰθίοπες	336C
Eufrates	Εὐφράτης	339A; 344B
Eurípides	Εὐριπίδης	328D
Europa	Εὐρώπη	329E
Febo	Φοῖβος	338B
Fenícia	Φονίκη	333E
Filadelfo	Φιλάδελφος	341A
Filarco	Φύλαρχος	342D
Filipe	Φίλιππος	327D, F; 329D; 331B; 334C; 335A; 339C, E; 342B; 343A
Filotas	Φιλώτας	339B, D, E, F
Filóxeno	Φιλόξενος	333A; 334C
Franqueza	Παρρησία	340E
Frine	Φρύνης	336C
Gândridas	Γανδαριῖται (οἱ)	327B
Gaza	Γάζα	327A; 341B
Gedrosios	Γεδρώσιοι (οἱ)	328D; 340E
Granico	Γράνικος	326F; 327A; 341A
Halicarnasso	Ἄλικαρνασός	339A
Hécuba	Ἑκάβη	334A
Heféstion	Ἡφαιστίων	332F; 337A; 339F; 340A
Heitor	Ἑκτωρ	343B
Helesponto	Ἑλλησπόντιος / Ἑλλήσποντος	329E; 331D
Heracleia	Ἡράκλεια	338B
Hércules	Ἡρακλῆς	332A; 334D; 341E, F

ΑΡΕΝΔΙΕ: ΊΝΔΙΕ ΔΕ ΑΝΤΡΟΠΌΝΙΜΟΣ Ε ΤΟΠΌΝΙΜΟΣ ΑΝΤΙΓΟΣ

Hidaspes	Ύδάσπης	344B
Hircânia	Ύγκανία	341B
Hircanos	Ύγκάνοι (οί)	328C; 342A
Histaspes	Ύστάσπης	340B
Homero	Όμηρος	327F; 328D; 331C, D; 342F
Ilíada	Ίλιάς	327F
Ilírios	Ίλλυριοί (οί) / Ίλλυρικοί	327A, C; 342C
Índia	Ίνδία	327A; 328C; 328F; 332B; 341B
Iónia	Ίωνία	330D; 333A
Isménias	Ίσμηνία	334B
Isso	Ίσσός	327A; 341B
Istro	Ίστρος	342C
Itália	Ίταλία	330D
Justiça, filha de Dionísio	Δικαιοσύνη (ή Διονυσίου)	338C
Leonato	Λεόννατος	344D
Leóstenes	Λεωσθένης	336F
Lícon	Λύκων	334E
Licurgo	Λυκοῦργος	337D
Limeneu	Λιμναῖος	327B; 344D
Lisímaco	Λυσίμαχος	338A
Lisipo	Λύσιππος	335A; 335B
Macedónia	Μακεδονία/ Μακεδών/ Μακεδονικός	327C; 329E; 330A; 332A; 339C
Macedónios	Μακεδόνες (οί)	327B; 330A; 339B; 344A, F
Málios	Μαλλοί (οί)	327B; 341C
Mar Vermelho	Έρυθρή θάλασσα	336C
Maracanda	Μαράκανδα	327A; 341B, F

Mazeu	Μαζαῖος	339A
Média	Μηδία	330D
Medos	Μηδικός	329F
Meleagro	Μελέαγρος	337A
Menelau	Μενέλαος	341D
Mesopotámia	Μεσοποταμία	328F
Metone	Μεθώνη	343D
Milciades	Μιλτιάδης	343B
Milésia	Μιλήσιος	330C
Mileto	Μίλητος	339A
Mitridates	Μιθριδάτης	326F
Musa	Μουσα	334B, C
Nicomedes	Νικομήδης	336E
Oco	Ὦχος (Ἀρταξέρξης)	327A; 336D
Odisseia	Ὀδύσσεια	327F
Odiseu	Ὀδυσσεύς	342B; 343B
Olímpia	Ὀλύμπια (τὰ)	331B
Olimpo	Ὀλυμπος	331A; 335B
Onesícrito	Ὀνησίκριτος	327D; 331E
Oxiartes	Ὀξυάρτης	332E
Oxidracas	Ὀξυδράκαι	343D
Pafos	Πάφος	340C
Páris	Πάρις	331D
Parménion	Παρμενίων	339B, D, E
Pasiades	Πασιάδης	338A
Pela	Πελλαῖα (Ἀντιγόνα)	339D
Pelópidas	Πελοπίδας	344B
Peloponeso	Πελοπόννησος	327D
Perdicas	Περδίκκας	337A; 342D
Péricles	Περικλῆς	343A, D
Perinto	Πέρινθος	339C

ΑΡΕΝΔΙΕ: ΙΝΔΙΕ ΔΕ ΑΝΤΡΟΠΟΝΙΜΟΣ Ε ΤΟΠΟΝΙΜΟΣ ΑΝΤΙΓΟΣ

Persas	Πέρσαι (οί)	326E; 327C; 327F; 328C, 329E; 329F; 330A; 337E; 338D, E, F; 342B; 344B.
Perseu	Περσεύς	332A
Pírro	Πύρρων	331E
Pitágoras	Πυθαγόρας	328A; 331A
Pito (Delfos)	Πυθώ	334F
Platáio	Πλάτων	328B, D, E; 331A, E
Políxena	Πολυξένη	334A
Pompeu	Πομπήιος	336E
Poro	Πῶρος	332E; 344A
Posídon	Ποσειδῶν	338A; 343A
Proftasia	Προφθασία	328F
Ptolemeu	Πτολεμαῖος	327B, D; 341A; 344D
Queroneia	Χαιρωνικός	327C
Raio	Κεραυνός	338B
Romanos	Ῥωμαῖοι	336E
Roxana	Ῥοξάνη	332E; 338D
Salvadores	Σωτήρες	338C
Samotrácia	Σαμοθράκη	339E
Sardanapalo	Σαρδανάπαλος	326E; 330F; 336C, D
Selúcia	Σελεύκεια	328F
Seleuco	Σέλευκος	337A; 341A
Semíramis	Σεμίραμις	336C
Sócrates	Σωκράτης	328A, B, D; 330C; 331A, 333A;
Sófocles	Σοφοκλῆς	328D
Sogdiana	Σογδιανή	328F
Sogdianos	Σογδιανοί (οί)	328C; 341F
Sólou	Σόλων	343B, C

ΑΡÉNDICE: ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS E TOPÓNIMOS ANTIGOS

Susa	Σουσα	326F; 327D; 329D; 344A
Susianos	Σουσιανοί (οί)	328D
Tânais	Τάναις	335E; 341C
Tárrias	Ἄταρρίας	339B
Tebas	Θῆβαι	327C
Telesipa	Τελεσίππα	339D
Temístocles	Θεμιστοκλῆς	328E; 343A
Temperança, filha de Dionísio	Σωφροσύνη (ἡ Διονυσίου)	338C
Téssalo	Θετταλός	334D, E
Tifão	Τυφῶνες	341E
Tigranes	Τιγράνης	336D
Timóteo	Τιμόθεος	334B
Tiro	Τύρος	339A
Trácia	Θράκη / Θράκιος	335D, 338A
Treres	Τρήρες (οί)	330D
Tribalos	Τριβαλλοί (οί)	331B; 342C
Tróia	Τροία	331D
Tucídides	Θουκυδίδης	333C
Virtude, filha de Dionísio	Ἄρετή (ἡ Διονυσίου)	348C
Vitoriosos	Καλλίνικοι	338C
Xenócrates	Ξενοκράτης	331E; 333B
Xerxes	Ξέρξης	329E; 340B
Zenão	Ζήνων	328D; 329A, B
Zeus	Ζεύς	329D; 331A; 335B; 338F; 340B; 341F; 343A

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS

Adcock, E – 33 n. 40, 38 n. 48, 99 n. 179	1.15.7 – 62 n. 59 1.16.3 – 62 n. 59, 62 n. 60
Adkins, A. – 16 n. 11,	1.16.4 – 85 n. 123
Amiano Marcelino 15.5.37 – 83 n. 115	1.18-23 – 98 n. 175 1.23.7 – 89 n. 133
Aristófanes <i>Paz</i> 42 – 94 n. 158	1.25 – 64 n. 65 2.12.1– 27 n. 29, 34 n. 41, 106 n. 208
Aristóteles <i>Constituição dos Atenienses</i> 10, 1 – 113 n. 236 <i>Ética a Nicómaco</i> 1106a – 22 1106b.27-34 – 21 1115a6 – 20 1117b25 – 21 1119b 25 – 24 1122b 6-10 – 24 1124a.25 – 23 1124a – 23 n. 20 1139b 15 – 21	2.14 – 62 n. 61 2.23 – 98 n. 174 3.1.4 – 84 n. 118 3.3.1 – 108 n. 216 3.3.5 – 100 n. 183 3.7.2 – 98 n. 176 3.8.4 – 87 n. 124 3.14.6 – 98 n. 176 3.21.10-22 – 112 n. 233 3.25.3 – 102 n. 190 3.26-27 – 38 n. 49, 101 n. 184 3.28.4-5 – 69 n. 84 3.28.44-5 – 68 n. 80 3.30.11– 63 n. 63, 105 n. 202
Arriano <i>Anábase</i> 1.1.4 – 33 n. 40 1.6.5 – 103 n. 191 1.11.3 – 65 n. 69 1.11.8 – 84 n. 117 1.12.8 – 62 n. 60 1. 13-16 – 62 n. 58	4.1.1 – 106 n. 211 4.3.3 – 105 n. 204 4.9.7 – 76 n. 96 4.12.6 – 27 n. 28 4.16.7ss – 84 n. 119 4.20.1-2 – 43 n. 50 4.20.3 – 97 n. 173

- 4.20.4 – 96 n. 171
 4.22.4 – 87 n. 124
 4.26.4 – 106 n. 207
 4.28-30 – 63 n. 64
 4.28.7 – 108 n. 215
 4.30.4 – 108 n. 215
 5.4.4 – 107 n. 214
 5.8.4 – 87 n. 125
 5.9-19 – 108 n. 215
 5.19.1-3 – 78 n. 98, 107 n. 214
 6.2.1 – 87 n. 125
 6.10.1 – 115 n. 242
 6.11.1-3 – 35 n. 43, 117 n. 243
 6.18-19 – 104 n. 194
 6. 21-26 – 104 n. 195
 6.22 – 104 n. 196
 6.24.2 – 89 n. 133
 7. 4.1-8 – 96 n. 172
 7.24-27 – n. 168, n. 169
- História Índica*
 2.3 – 87 n. 125
 6.4 – 87 n. 125
- Bosworth, A. – 96 n. 172
 Brun, J. – 19 n. 15
 Burn, A. – 96 n. 172
 Bury, J – 33 n. 40
- Cammarota, M. – 13, 13 n. 7, 27
 n. 30, 28, 28 n. 35, 87 n. 126
- Cícero
Cartas a Ático
 4.6.2 – 83 n. 115
- Cartas Familiares*
 5.12.7 – 85 n. 123
- A Oratória*
 3.343.13 – 112 n. 231
- Cobry, I. – 15
 Cook, B. – 28 n. 34
 Cook, S – 33 n. 40
 Córdova, P. – 15 n.8, 16 n. 11, 17
 n. 13, 19 n. 15
- Cúrcio Rufo
História de Alexandre Magno
 3.11.4 – 27 n. 29, 34 n. 41,
 106 n. 208
 4.1.19 – 103 n. 192
 4.2-4 – 98 n. 174
 4.7 – 100 n. 182 e n. 183
 4.9.7 – 98 n. 176
 4.10 – 43 n. 50, 97 n. 173
 4.16.7 – 98 n. 176
 5.1 – 89 n. 133
 5.2 – 70 n. 85, 99 n. 178
 6.4 – 109 n. 218
 6.7 – 38 n. 49, 101 n. 184
 6.8 – 99 n. 178
 7.1 – 64 n. 65, 99 n. 178
 7.2 – 38 n. 49, 101 n. 184
 7.3 – 86 n. 124, 103 n. 193
 7.6 – 63 n. 63, 105 n. 204,
 111 n. 227
 8.10 – 106 n. 207
 8.11 – 63 n. 64, 108 n. 215
 8.12-14 – 78 n. 98, 87 n. 125,
 108 n. 214
 9.4 – 35 n. 43

- 9.5 – 37 n. 46, 106 n. 210,
115 n. 242, 117 n. 243
- 9.6 – 89 n. 133
- 9.9 – 104 n. 194
- 9.10 – 104 n. 195
- 10.1 – 111 n. 227
- 10.5 – 12
- 10.6 – 96 n. 171
- 10.8-9 – 91 n. 143
- D'Angelo, A. – 25 n. 23, 63 n.
62, 66 n. 73, 67 n. 79, 80 n.
105
- Demóstenes
97 – 80 n. 105
- Diodoro Sículo
2.7-20 – 89 n. 133
7.82 – 103 n. 193
15.6 – 83 n. 115
17.1.5 – 84 n. 117
17.5 – 62 n. 61
17.8.1 – 33 n. 40
17.17.3-4 – 65 n. 69, 103 n. 191
17.18.4 – 62 n. 58
17.22-27 – 98 n. 175
17.34.5 – 27 n. 29, 34 n. 41,
106 n. 208
17.40-46 – 98 n. 174
17.47.5 – 103 n. 192
17.48.7 – 105 n. 200
17.49.5 – 100 n. 183
17.51.1 – 100 n. 182
17.55 – 98 n. 176
17.64.3 – 98 n. 177
- 17.66.3 – 70 n. 85
17.67.1 – 96 n. 172
17.73.3 – 43 n. 52, 112 n.
233
17.75.3 – 109 n. 218
17.77.4 – 11
17.77.5 – 71 n. 87
17.79-80 – 38 n. 49, 101 n. 184
17.80.2 – 64 n. 65
17.83.1 – 86 n. 124
17.85 – 63 n. 64, 108 n. 215
17.87.1-4 – 87 n. 125
17.88.4 – 107 n. 214
17.97.1 – 104 n. 194
17.99.3 – 115 n. 242
17.105 – 104 n. 195
17.107 – 96 n. 172
17.117 – 96 n. 169
31.15 – 90 n. 140
- Diógenes Laércio
9.58-60 – 76 n. 96
4.67 – 67 n. 78
- Eliano
Histórias Várias
12.43 – 61 n. 56
12.44 – 83 n. 115
- Ésquilo
Persas
359 – 94 n. 158
661 – 102 n. 190
Agamémnon
1440-1441 – 112 n. 232

- Estobeu 3.89 – n. 74
 3.13.31– 83 n. 115 3.117 – 67 n. 74
- Estrabão 4.1-144 – 106 n. 211
 7.3.8 – 33 n. 40 7.3 – 102 n. 189
 11.8.9 – 69 n. 82 7.33-34 – 111 n. 225
 15.1.8 – 63 n. 64 7.60 – 110 n. 223
 15.1.29 – 87 n. 125 7.61.1 – 102 n. 190
 15.2.10 – 68 n. 80, 69 n. 84 Homero
 15.2.89 – 69 n. 82 *Ilíada*
 15.3.24 – 61 n. 56 1.113 – 112 n. 232
 2.178-179 – 111 n. 226
- Ferreira, J. R. – 24 n. 22 3.166-167 – 32 n. 36
 Fragmentos 3.178-179 – 32 n. 36
FGr Hist II 72 1-41 4.127-129 – 32 n. 38, 107 n. 212
 27 n. 26 5.335-352 – 112 n. 235
FGr Hist II 139 1-62 5.855-861 – 112 n. 235
 27 n. 27 6.206-209 – 16
FGrHist 125 F 6 6.488 – 32 n. 37
 27 n. 29 9.186-189 – 75 n. 95
FGr Hist II 138 1-35 9.325-326 – 61 n. 55
 27 n. 32 10.407 – 109 n. 219
- Frazier, F. – 25 n. 23 11.300-360 – 36
 Froidefond, C. – 79 n. 103 11.780-784 – 16
 Frugoni, C – 10 n. 2, 25 n. 24 12.243 – 79 n. 104
 15.237 – 114 n. 241
- Hägg, T. – 28 n. 35 15.461 – 32 n. 38
 Hamilton, J. R. – 28 15.496 – 32 n. 37
- Heródoto 19.140-147 – 23 n. 21, 112
 1.207.2 – 46 n. 234
 1.216 – 67 n. 77 24.485 sqq – 43 n. 51
- 1.132.1 – 102 n. 190
 3.80 – 12
 3.84 – 102 n. 187
- Horácio
Cartas
 2.1.232 – 81 n. 108

- Irwin, T. – 17 n. 13
- Isócrates
Nicómaco
 2.15 – 24
- Jaeger, W. – 15 n. 8, 16 n. 11, 17 n. 13.
- Justiniano
 1.2. – 89 n. 133
 1.10 – 102 n. 187
 11.6.2 – 65 n. 69
 11.10.8 – 103 n. 192
 11.10.11-14 – 98 n. 174
 11.12.8 – 97 n. 173
 11.15.5-15 – 43 n. 52
 12.10.9-10 – 96 n. 172
 13.2.6, 13.4.5 – 91 n. 143
 18.18-19 – 98 n. 174
- Lassel, E. – 25 n. 23
- Leão, D. F. – 25 n. 23, 47 n. 54,
 113 n. 236
- Lesky, A. – 9 n. 1
- Lévy, E. – 16 n. 11
- Lívio
 9.17 – 11 n. 4; 12
 9.18 – 12
 9.19.5 – 65 n. 69
 45.9 – 84 n. 117
 45.44.18-20 – 90 n. 140
- Long, A. – 16 n. 11
- Luciano
Diálogos dos Mortos
 14.5 – 33 n. 39
- Hermotimo*
 4 – 63 n. 64
O Bibliómano Ignorante
 15 – 83 n. 115
- Nachstädt, W. – 13, 63 n. 62, 85
 n. 122
- Natali, C. – 19 n. 15
- Pausânias
 9.27.5 – 89 n. 135
- Pearson, L. – 27 n. 31
- Platão
República
 359D-361D – 16
 365C – 16
 433a-b – 17
- Plínio
História Natural
 1 – 104 n. 196
 6.17.21- 69 n. 82
 6.23.25 – 69 n. 82
 6.56 – 87 n. 125
 6.92 – 87 n. 124
 7.125 – 85 n. 123
 35.92-93 – 81 n. 108
- Plutarco
Agesilau
 11 – 111 n. 228
Alexandre
 2 – 28 n. 34, 31, 84 n. 117,
 100 n. 183
 3 – 28 n. 33, 31

- 4 – 28 n. 33, 45, 85 n. 123
 5 – 109 n. 220
 8 – 27, 76 n. 96, 83 n. 114.
 9 – 27, 70 n. 85, 109 n. 220
 10 – 40, 100 n. 181
 11 – 33 n. 40, 40, 100 n. 181
 12 – 41
 14 – 44
 15 – 27, 65 n. 69, 91 n. 142,
 110 n. 222
 16 – 27, 38, 62 n. 58, 62 n. 60
 17 – 28, 98 n. 175
 18 – 27
 19 – 38
 20 – 27, 28 n. 33, 34 n. 41
 21 – 27, 42, 43, 43 n. 50, 96
 n. 168, 96 n. 172
 22 – 42, 79 n. 101, 96 n. 168,
 98 n. 176
 23 – 93 n. 154, 96 n. 168, 98
 n. 176
 24 – 27, 28 n. 33, 98 n. 174
 25 – 34 n. 42, 98 n. 174
 26 – 28 n. 33
 27 – 27 n. 28, 28, 100 n. 182,
 100 n. 183
 28 – 76 n. 96, 91 n. 146
 29 – 84 n. 118, 91 n. 146
 30 – 41, 43, 96 n. 172, 97 n.
 173
 31 – 28 n. 33, 100 n. 181
 33 – 27 n. 28
 36 – 28 n. 33
 37 – 28 n. 34, 70 n. 85
 39 – 78 n. 100, 81 n. 108
 40 – 91 n. 147, 100 n. 181
 41 – 91 n. 142, 91 n. 146, 91
 n. 147, 99 n. 180
 42 – 91 n. 144, 91 n. 147
 43 – 43, 43 n. 52, 78 n. 99,
 112 n. 233
 45 – 71 n. 88, 105 n. 202, 105
 n. 204
 46 – 27, 27 n. 30, 28, n. 33
 47 – 91 n. 146, 91 n. 147, 96
 n. 171
 48 – 28 n. 34, 38 n. 49, 91
 n. 147, 100 n. 181, 101 n.
 184, 106 n. 209
 49 – 38 n. 49, 91 n. 146, 100
 n. 181, 101 n. 184, 101 n.
 185
 50 – 50, 100 n. 181, 101 n.
 185
 51 – 50, 101 n. 185
 52 – 28 n. 34, 76 n. 96
 54 – 27, 28 n. 33, 91 n. 146
 55 – 27, 27 n. 28, 28 n. 33, 91
 n. 146, 91 n. 147
 56 – 70 n. 85
 58 – 63 n. 64, 108 n. 215
 59 – 28 n. 34, 40
 60 – 27, 78 n. 98, 79 n. 103,
 87 n. 125, 107 n. 214,
 108 n. 215
 61 – 27, 78 n. 98, 87 n. 125
 62 – 40, 78 n. 98, 87 n. 125,
 91 n. 144, 101 n. 185
 63 – 35 n. 43, 36 n. 44, 115 n.
 242, 117 n. 244

- 65 – 27
 66 – 27, 104 n. 195
 67 – 46, 93 n. 154
 69 – 47
 70 – 27, 28 n. 33, 40, 70 n.
 86, 93 n. 154, 99 n. 178
 72 – 91 n. 146
 74 – 40, 101 n. 185
 75 – 27, 47, 91 n. 146, 93 n.
 154, 96 n. 169, 96 n. 170
 76 – 91 n. 144, 96 n. 170
 77 – 73 n. 90, 91 n. 142, 91 n.
 145, 96 n. 171, 96 n. 172
- Aristides*
 5 – 113 n. 237
 16 – 113 n. 237
 26 – 102 n. 190, 113 n. 237
- Artaxerxes*
 26, 28 – 102 n. 190
- Catão Maior*
 2 – 113 n. 237
- Cimas*
 4 – 113 n. 237
 5 – 111 n. 229, 113 n. 237
 8 – 113 n. 237
- Coriolano*
 11 – 95 n. 166
- Demétrio*
 14 – 113 n. 237
- Demóstenes*
 1 – 94 n. 159
 1.4 – 18
 2.2 – 9
- 11 – 94 n. 156
- Licurgo*
 25 – 111 n. 230
- Nícias*
 9 – 111 n. 230
 23 – 95 n. 164
- Péricles*
 8 – 112 n. 231
- Pirro*
 4 – 96 n. 171
- Pompeu*
 42 – 102 n. 190
- Sertório*
 9 – 108 n. 217
- Sólon*
 3 – 113 n. 236
 15-16 – 113 n. 236
 28 – 111 n. 227
- Temístocles*
 1-7, 9-32 – 111 n. 229
 3 – 113 n. 237
 29 – 102 n. 190
- Teseu*
 6 – 113 n. 237
 11 – 108 n. 217
- A Virtude ou a Fortuna de Alexandre Magno*
 326D – 25
 326E – 18, 20, 21, 22, 25
 326F – 25
 327A – 27 n. 29, 25, 33, 34,
 35, 62 n. 60, 106 n. 208

- 327B – 21, 25, 35, 35 n. 43,
36, 36 n. 44
- 327C – 108 n. 215
- 327D – 26, 27
- 327E – 21, 22, 23, 25, 26, 27,
64 n. 66, 110 n. 222
- 327F – 43, 45, 64 n. 66
- 328A – 20, 21, 22, 23
- 328C – 104 n. 195
- 328D – 104 n. 195
- 328E – 48
- 329C – 18
- 329D – 25, 61 n. 56
- 330A – 24, 27
- 330C – 21
- 330D – 23, 26
- 330E – 22
- 330F – 62 n. 57
- 331A – 22, 25, 26
- 331B – 18, 109 n. 220
- 331C – 18, 21, 33
- 331D – 21, 32
- 331E – 21, 27, 44, 79 n. 102
- 331F – 44
- 332A – 21, 22, 24, 26
- 332B – 24
- 332C – 20, 21, 22, 24, 26
- 332D – 20, 21, 24
- 332E – 23, 24
- 332F – 23 n. 21, 23, 43, 61
n. 56
- 333B – 44
- 333C – 21, 44
- 333D – 25, 26
- 333E – 24
- 334B – 26
- 334D – 21, 84 n. 118, 107 n.
213
- 334E – 22
- 334F – 21, 84 n. 118
- 335A – 87 n. 129
- 335B – 18
- 335E – 23, 26
- 335F – 18, 25
- 336A – 21
- 336B – 18, 25
- 336D – 25, 26
- 336E – 21, 22, 23, 24, 26
- 336F – 46
- 337A – 73 n. 90
- 337B – 21, 22, 23, 24, 26
- 337C – 18, 19 n. 16, 24, 26
- 337D – 18, 26
- 337E – 18, 21, 23, 61 n. 56
- 337F – 26
- 338A – 26
- 338D – 21, 24, 43, 61 n. 56
- 338E – 22, 24, 26, 43, 61 n. 56
- 338F – 24, 43
- 339A – 18, 21, 22, 26
- 339B – 18, 21, 22, 23
- 340A – 18, 26
- 340B – 26
- 340C – 26
- 340D – 26
- 340E – 26

- 341A – 26, 62 n. 58
 341B – 27, 27 n. 29, 34, 35,
 61 n. 56, 62 n. 60
 341C – 26, 35 n. 43, 36, 36
 n. 44, 37
 341D – 26
 341E – 18, 23
 341F – 26
 342A – 18
 342B – 64 n. 67
 342C – 26
 342D – 26, 27, 64 n. 67, 65
 n. 69
 342E – 23, 39, 61 n. 56
 342F – 21, 22, 23, 24, 39
 343A – 18, 21, 23
 343B – 22, 23, 26, 61 n. 56
 343C – 18, 26
 343D – 35 n. 43
 343E – 26
 343F – 26
 344A – 26
 344B – 18, 26, 61 n. 56
 344C – 36 n. 44, 26, 36 n. 44
 344D – 18, 21, 24, 26
 344E – 18, 21, 22, 24, 26
 345B – 36 n. 44, 44
- Moralia*
 31C – 111 n. 228
 56E – 96 n. 167
 57F – 94 n. 160
 65D – 96 n. 169
 76A – 111 n. 230, 113 n. 238
 79E – 111 n. 230
 81A – 111 n. 228
 84BC – 111 n. 229, 113 n.
 237
 84F – 113 n. 238
 92C – 113 n. 237
 99F – 89 n. 132
 166F – 80 n. 105
 172D – 73 n. 90
 179DF – 76 n. 96, 109 n. 220
 180A – 76 n. 96, 109 n. 220
 180F – 99 n. 180
 181A – 99 n. 180
 181E – 78 n. 98
 229B – 73 n. 91
 315B – 108 n. 216
 317E – 84 n. 116
 332D – 20, 21, 24
 337C – 18, 19 n. 16, 24, 26
 440D-452E – 18
 441A – 19
 444D – 17, 19, 21
 449E – 100 n. 181
 458BC – 78 n. 98, 113 n. 238
 463E – 113 n. 238
 467E – 95 n. 164
 470E – 111 n. 225
 514B – 111 n. 227
 521F – 111 n. 227
 534DE – 111 n. 229
 540C – 112 n. 231
 543B – 112 n. 231
 545B – 111 n. 227

- 622C – 83 n. 114
 703B – 24
 753DF – 89 n. 133
 753F – 89 n. 135
 762F – 83 n. 114
 781AB – 76 n. 96
 783D – 95 n. 164
 784D – 111 n. 229
 790F – 113 n. 238
 795C – 113 n. 238
 797A – 113 n. 238
 800B – 113 n. 237
 802BC – 112 n. 231
 803AB – 112 n. 231
 805EF – 113 n. 238
 807D – 113 n. 236
 809B – 113 n. 238
 812CE – 111 n. 229
 818D – 111 n. 229
 821D – 95 n. 164
 823E – 113 n. 238
 824C – 48
 826D – 111 n. 229
 828F – 113 n. 236
 831F – 83 n. 114
 857A – 108 n. 216
 1133E – 85 n. 121
- Pohlenz, M. – 19 n. 18
- Políbio
 5.34 – 96 n. 167
 12.17 – 27 n. 28
 12.19 – 65 n. 69
 30.19 – 90 n. 140
- 32.16 – 90 n. 140
 36.14 – 90 n. 140
- Prandi, L. – 28
- Quintiliano
Instituição Retórica
 3.7.6 – 87 n. 128
 12.9.13 – 112 n. 231
- Rocha Pereira, M. H. – 17 n. 13,
 19 n. 18
- Rodier, G. – 19 n. 15
- Sale, W. – 16 n. 11
- Séneca
Cartas
 6.7.12 – 106 n. 207
 94.36 – 107 n. 213
Benefícios
 1.13.2 – 107 n. 213
 7.3.1 – 107 n. 213
- Schiappa Azevedo, M. T. – 17
 n. 13
- Soares, C. – 62 n. 61
- Sófocles
Traquínias
 1221-1251 – 67 n. 76
- Terêncio
O Punidor de Si Mesmo
 77 – 24
- Teofrasto
História das Plantas

4.11.4-5 – 85 n. 120

Tucídides

1 – 75 n. 94

2.87.4 – 80 n. 106

4.17 – 94 n. 155

Whitmarsh, T. – 37 n. 47

Xenofonte

Agesilau

5.4 – 111 n. 228

Anábase

2.5.23 – 102 n. 190

4.5.35 – 102 n. 187

Ciropedia

8.3.13 – 71 n. 87

Zuruga, P. C. T. – 15 n. 8

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE ASSUNTOS GERAIS

- Akrasía* 'Intemperança' – 12, 89, 100
- Alexandre
General – 11, 12, 21, 27, 31, 32, 34, 37, 38, 39, 42, 47,
Oínos 'Vinho' – 12, 47, 68, 93, 101, 109.
Rei filósofo – 45, 46, 49, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 78
- Andréia* 'Coragem' – 11, 15, 17, 19, 20, 22, 32, 33, 37, 44, 61, 63, 65, 74, 75, 77, 88, 90, 97, 98, 116, 117
- Arete* 'Virtude' – 9, 10, 11, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 59, 61, 62, 63, 65, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 127
- Aristéia* – 36
- Axioma* 'Dignidade' – 44, 76, 86
- Cháris* 'Generosidade' – 11, 19, 24, 92, 97, 98
- Dikaiosyne* 'Justiça' – 17, 19, 22, 23, 73, 74, 76, 77, 84, 95, 98
- Dóxa* 'Fama' – 16, 32, 38, 40, 47, 61, 89, 108, 115
- Enkráteia* 'Autocontrolo' – 22, 77, 111
- Elpis* 'Esperança' – 39, 82, 110, 111, 115
- Filosofia
Cínicos – 10, 12
Estoicos – 12, 14, 18, 33
Moral – 9, 16, 17, 18, 22, 29, 39, 111
- Géneros
Biográfico – 28, 31
Encomiástico – 13, 41, 46
Épico – 32, 33, 81
Epidítico – 13, 28
- Hamartía* 'Erro' – 16, 29, 44, 48, 92
- Kléos* 'Glória' – 11, 16, 23, 33, 37, 38, 39, 46, 68, 92, 111
- Megalopsychía* 'Magnanimidade' – 11, 23, 39, 40, 65, 98, 111
- Orgé* 'Ira/Cólera' – 12, 20, 40, 41, 77, 101, 107, 112,
- Philantropía* 'Humanidade' – 24, 40, 42, 77, 81, 97, 111

ÍNDICE DE ASSUNTOS GERAIS

Philia 'Amizade' – 37, 40, 64, 70,
71, 78, 79, 116

Phrónesis 'Prudência' – 46

Pístis 'Confiança' – 20, 22, 38,
39, 103, 111, 116

Plegé 'Ferida' – 25, 29, 32, 33, 34,
35, 36, 37, 61, 62, 63, 74, 99,
105, 106, 107, 116, 117

Proskynesis 'Prostração' – 11, 12

Rhetoriké 'Retórica' – 9, 10, 14,
26, 35, 41, 61, 88, 105

Retrato – 9, 10, 11, 14, 20, 26,
27, 29, 32, 33, 37, 41, 43, 46,
86, 87, 99

Sophía 'Sabedoria' – 19, 21, 46,
61, 72, 75, 76, 90, 93

Sophrosyne 'Temperança' – 11,
12, 21, 22, 42, 44, 45, 47, 61,
65, 77, 89, 92, 97, 100, 111,
127

Timé 'Honra' – 16, 23, 43, 48, 75,
94, 109

Tyche 'Fortuna' – 11, 12, 13, 16,
23, 25, 26, 29, 32, 33, 34, 36,
47, 48, 61, 62, 63, 65, 70, 74,
76, 77, 78, 81, 87, 88, 89, 90,
92, 93, 94, 97, 98, 101, 102,
103, 104, 107, 108, 109, 110,
112, 113, 114, 115, 116

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

(Página deixada propositadamente em branco)

Os discursos *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, integrantes das *Obras Morais* de Plutarco, são um retrato de Alexandre como modelo pedagógico de rei-filósofo. Plutarco apetrecha-o de virtudes como a temperança, a humanidade, a generosidade com que Alexandre pôe em prática o ideal de unir toda a “terra habitada”. Direccionam-se assim a todos os que se interessem pelo retrato humano.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U